ANNO XXX. N. 17.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

TERÇA FEIRA 1 DE AGOSTO DE 1854.

Por anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAO'.
Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. Gervazio Victor da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim M. Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.
Sobre Londres 26 5/8, 26 1/2 ao par.
« Paris, 365 rs. por 1 f.
« Lisboa, 105 por 100.
« Rio de Janeiro, a 2 0/0 de rebate.
Acções do banco 40 0/0 de premio.
« da companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras a 6 e 8 0/0.

METAES.

Ouro.—Onças hespanholas.	29$000
Moedas de 6$400 velhas. . .	16$000
» de 6$400 novas. . .	16$000
» de 4$000.	9$000
Prata.—Patacões brasileiros	1$940
Pesos columnarios	1$940
» mexicanos.	1$860

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exú e Ouricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal, nas quintas-feiras.

PREAMAR DE HOJE.
Primeira ás 10 horas e 6 minutos da manhãa.
Segunda ás 10 horas e 30 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.
Tribunal do Commercio, segundas e quintas-feiras.
Relação, terças-feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas-feiras ás 10 horas.
Juizo de orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1.ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2.ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.
Agosto 1 Quarto crescente ás 8 horas, 9 minuto e 48 segundos da tarde.
» 8 Lua cheia á 1 hora, 9 minutos e 48 segundos da tarde.
» 15 Quarto minguante aos 49 minutos e 48 segundos da tarde.
» 23 Lua nova as 3 horas e 42 minutos 48 segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
31 Segunda. S. Ignacio de Loyolla fundador dos J.
1 Terça. S. As cadeias de S. Pedro Apostolo.
2 Quarta. N. S. dos Anjos ; S. Estevão p. m.
3 Quinta. Invenção do corpo de S. Estevão.
4 Sexta. S. Domingos de Gusmão fundador.
5 Sabbado. Nossa Senhora das Neves.
6 Domingo. 9. Transfiguraçao do Senhor no Monte Thabor ; S. Xisto p. m.

PARTE OFFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA.

Expediente do dia 27 de julho.

Officio—Ao Exm. vice-presidente das Alagoas, remettendo em satisfação a sua requisição, cópia da informação que foi ministrada pelo commandante das armas desta provincia ácerca do soldado do 8.º batalhão de infantaria João Bispo de Barros, e em original a certidão dos assentamentos do referido soldado, extrahida do livro-mestre do extincto 8.º batalhão de caçadores.

Dito—Ao commandante das armas, transmittindo para ter execução, cópias não só do aviso da repartição da guerra de 20 de junho ultimo, mas tambem a informação dada pela repartição de quartel-mestre general ácerca dos mappas, relações e pedidos dos corpos e companhias fixas em guarnição nesta provincia, e as notas de que trata o citado aviso.

Dito—Ao mesmo, recommendando a expedição de suas ordens para que o capitão do 2.º batalhão de infantaria Manoel da Cunha Wanderley Lins, ministre com brevidade a inform[ação que] se exige no aviso da repartição da guerra [cons]tante da cópia que remette, ácerca do soldado do 13º batalhão da mesma arma, Antonio Francisco dos Santos.

Dito—Ao inspector da thesouraria de fazenda, inteirando-o de haver o juiz de direito da comarca do Rio Formoso, João Baptista Gonçalves Campos communicado que, no dia 8 do corrente, entrara no exercicio do seu cargo.—Igual communicação se fez ao conselheiro presidente da relação.

Dito—Ao mesmo, transmittindo quatro avisos de lettras, sendo um da quantia de 1335 sacada pela thesouraria das rendas provinciaes do Rio Grande do Norte sobre essa, a favor de Manoel José Fernandes Barros, e tres na importancia de 1:115$900, sacadas pela thesouraria de fazenda daquella provincia sobre a desta e a ordem de Antonio Joaquim Gomes e Justiniano Alvares de Quintal.— Participou-se ao Exm. presidente da mesma provincia.

Dito—Ao mesmo, remettendo para os convenientes exames copias das actas do conselho administrativo, datadas de 18 e 21 do corrente.

Dito—Ao commandante da estação naval, recommendando que ordene ao commandante do brigue escuna *Legalidade*, que transporte a seu bordo para o presidio de Fernando a Joaquim Canuto de Santa Anna.—Communicou-se ao commandante daquelle presidio.

Dito—Ao juiz relator da junta de justiça, transmittindo para ser relatado em sessão da mesma junta, os processos verbaes do alferes Manoel Baptista Ribeiro de Farias e do soldado Francisco Antonio de Oliveira, este pertencente a companhia fixa do Rio Grande do Norte, e aquelle do segundo batalhão de infantaria.—Fizeram-se as necessarias communicações.

Dito—Ao commandante do presidio de Fernando, dizendo que, pelo commandante do brigue escuna *Legalidade*, será entregue a Smc. a caixinha de Santos Oleos que Smc. remetteu, 50 saccas de farinha e 31 sentenciados constantes da relação que remette, os quaes vão sem guias por ainda se não terem passado.

Dito—Ao director das obras publicas, dizendo que deve Smc. intimar ao proprietario que fez a tapagem no aterro do Motocolombó, para em breve tempo mandar reparar os estragos causados pela mesma tapagem, e quando o não faça seja orçada a despeza e feita a custa dos cofres provinciaes para se haver do mencionado proprietario a competente indemnisação.

Dito — Ao commissario vaccinador, dizendo que com a copia que re[mette da] informação do inspector da thesouraria provincial respondeu ao officio em que Smc. requisitou a compra de alguns objectos precisos á repartição da vaccina.

Dito — Ao director das obras publicas, remettendo copia do termo do contracto que celebrou com o engenheiro Augusto Daujoy para servir nesta provincia na qualidade de engenheiro civil daquella repartição, por espaço de seis mezes.—Igual copia remetteu-se á thesouraria provincial.

Dito — Ao commandante superior da guarda nacional do municipio do Recife, inteirando-o de haver em vista de sua informação concedido dous mezes de licença ao tenente-coronel commandante do batalhão de artilharia da mesma guarda nacional, João Pinto de Lemos Junior, para ir ao Rio de Janeiro.

Dito—A' commissão de soccorros nomeada para as freguezias do Poço da Panella e Apipucos.— Ficando inteirado do conteúdo do officio de 17 do corrente, em que Vs. Ss. me dão conta da commissão que lhes foi incumbida por este governo em 25 de junho ultimo, para distribuirem viveres pela classe indigente que estava sem recursos por occasião da enchente do rio Capibaribe, cumpre-me dizer-lhes em resposta, que tendo officiado a thesouraria de fazenda para entregar ao Dr. José Bernardo Galvão Alcanforado, membro dessa commissão, a quantia de 50$000 rs. que ainda se resta como consta da conta que acompanhou ao citado officio, cumpre-me agradecer a Vs. Ss., não só a promptidão e boa vontade com que se prestaram a esse acto de philantropia, como tambem o zelo com que se portaram no desempenho da mesma commissão.—Fez-se o officio de que se trata.

Portaria—Ao agente da companhia das barcas de vapor, para mandar dar passagem para a côrte por conta do governo, a Silverio Borges de Sampaio, que teve baixa do serviço do exercito.

COMMANDO DAS ARMAS.

Quartel do commando das armas de Pernambuco na cidade do Recife, em 31 de julho de 1854.

ORDEM DO DIA N. 124.

O coronel commandante das armas interino, em execução do aviso do ministerio dos negocios da guerra de 10 deste mez, determina que amanhãa 1.º de agosto seja desligado do 4.º batalhão de artilharia a pé, ao qual está addido, o Sr. alferes do 8.º de infantaria Estevão José Paes Barretto, que deverá estar prompto a reunir-se ao seu batalhão na provincia das Alagoas no primeiro vapor da companhia brasileira procedente do norte.

O mesmo coronel commandante das armas determina, que na manhãa do indicado dia 1.º de agosto se passe revista de mostra aos corpos do exercito existentes na guarnição desta provincia nos seus respectivos quarteis, pela ordem seguinte:

As 6 horas a companhia d'artifices; as 6 ½ a companhia fixa de cavallaria; as 7 ao batalhão 10.º de infantaria; as 7 ½ ao segundo da mesma arma, e aos recrutas em deposito no quartel do Hospicio; as 8 ½ ao 9.º tambem de infantaria; e finalmente as 9 ½ ao 4.º d'artilharia a pé na cidade de Olinda.

Assignado.—*Manoel Muniz Tavares.*
Conforme.—*Candido Leal Ferreira*, ajudante de ordens encarregado do detalhe.

EXTERIOR.

PARIS.

13 de junho.

Nossos correspondentes da Allemanha nos fallam extensamente da conferencia de Bamberg e das resoluções que nella foram tomadas pelos representantes dos estados, que fazem parte della. Estes estados são os quatros reinos de Baviera, Hanovre, Saxe e Wurtemberg ; os grão-ducados de Hesse e de Baden, o eleitorado de Hesse e o ducado de Nassau. Já publicamos o resumo dessas resoluções, e o que dissemos, he confirmado em muitos pontos pelas informações, que nos foram transmittidas directamente. Mas nossos correspondentes insistem em um dos pontos adoptados pela conferencia, que elles consideram, como a mais importante, e do qual elle nos faz presentir as consequencias provaveis.

A conferencia de Bamberg propoz adherir á declaração da Austria e da Prussia, a qual foi communicada á Diéta de Francfort, em sua sessão de 24 de maio, pelo barão de Prokesch-Osten, seu presidente. Uma nota official dirigida ás gazetas de Francfort, e que já publicamos, nos diz que essa declaração « expõe a politica das duas grandes potencias allemãas e o programma de sua attitude futura, e que he sem razão que se tem pretendido, que as propostas que deviam ser feitas á Dieta germanica, tinham por objecto a convenção austro-prussiana de 20 de abril. »

A conferencia propoz pôr á disposição dos gabinetes de Vienna e de Berlim todas as forças militares, de que os estados reunidos poderem dispôr, afim de defender e proteger os territorios respectivos da Austria e da Prussia, no caso em que forem atacados em consequencia da guerra empenhada contra a Russia.

Até aqui as propostas da conferencia são uma adhesão completa á politica austro-prussiana ; mas eis-aqui em que ellas differem dessa politica, ao menos por agora, dizem nossos correspondentes.

A conferencia propoz que os estados que nella são representados, se reservem o direito de examinar por ellas mesmo o *casus fœderis* e decidir por si mesmo e por sua propria conta, quando se tratar de sahir dos limites do territorio germanico e levar a guerra ás provincias dos imperios vizinhos.

Dizemos que são estas as propostas da conferencia de Bamberg, porque estas deliberações foram approvadas provisoriamente pelos representantes das potencias alliadas, e porque os soberanos podem aceita-las ou rejeita-las, cada um por si e segundo os conselhos de sua sabedoria. Estas propostas serão resoluções definitivas somente depois que ellas tiverem recebido a sancção dos soberanos. He opinião geral na Allemanha, que esta sancção não deixará de ter lugar : todos a consideram pois como um facto quasi consumado, cujas consequencias se procura prever. (1)

Dizem-nos que estas consequencias seriam graves se os estados reunidos em Bamberg, depois de terem approvado as deliberações da conferencia, persistissem em todas as suas resoluções, e se, perseverando em sua liga, continuassem a formar uma sorte de terceiro partido entre as cortes de Vienna e de Berlim; ellas seriam graves debaixo de uma dupla relação, porque poderia resultar dahi uma certa perturbação na politica geral da Allemanha, e provavelmente se formaria no interior da confederação uma divisão, que talvez compromettesse um dia a constituição da Allemanha e por conseguinte a existencia da propria confederação.

Primeiramente essa attitude dos colligados havia de contrariar a politica geral da Allemanha, como a Austria e Prussia teem comprehendido. Todos conhecem hoje esta politica. As duas grandes potencias germanicas expozeram e desenvolveram no memorandum identico e collectivo, que transmittiram aos seus representantes na Dieta, e que estes communicaram áquella assembléa na sessão de 24 de maio. Nada he mais formal e mais completo, o que se poderá julgar pelos extractos seguintes :

« Os dous gabinetes (de Vienna e de Berlim,) de accordo com os de Paris e de Londres, estão convencidos que a luta entre a Russia e a Turquia não póde prolongar-se sem perturbar os interesses geraes da Europa e os de seus estados, elles tem reconhecido juntamente que a conservação da integridade do imperio ottomano e a independencia do governo do sultão são as condições necessarias do equilibrio dos poderes, e que a guerra em nenhum caso, deve ter como resultado uma mudança nas divisões territoriaes actuaes. As augustas cortes de Vienna e de Berlim tem reconhecido nestas graves circumstancias a necessidade, que ha em fazer voltar conscienciosamente em sua utilidade as relações dessa confiança tão intima e dessa amizade tão antiga, que as une uma a outra, para, na medida de seu poder, parar nos perigos creados pelas circumstancias actuaes, os quaes exigem remedios perseverantes. Foi-lhes impossivel desconhecer que a prolongação do desenvolvimento das forças militares no baixo Danubio he incompativel com os interesses os mais graves e os mais immediatos da Austria, e com os da Allemanha.... Penetradas desta convicção, as cortes da Austria e da Prussia cheias de confiança se dirigem aos seus alliados allemães.... He aos seus olhos uma necessidade da politica allemãa, um elemento de sua politica conservadora, uma condição do desenvolvimento natural de sua riqueza nacional, que exista no paiz do baixo Danubio um estado de cousas bem regulado, o qual se harmonise com os interesses da Europa central.... As cortes da Austria e da Prussia.... podem nutrir a firme confiança de que seus altos alliados federaes estarão sempre promptos para adherir á posição tomada em commum por ellas. Sua missão actualmente he ainda preparar-se para todas as eventualidades. Os dous augustos monarchas se julgarão certamente felizes, seus acontecimentos futuros não lhes impozerem a necessidade de uma outra intervenção.

A Austria e a Prussia fazem os votos mais ardentes para obter a certeza tranquillisadora, de que a attitude por ellas conservada durante a gravidade sempre crescente das negociações pendentes, recebe a approvação de seus alliados allemães. He agora da mais urgente necessidade, que a decisão de todos os membros da confederação seja conhecida pelo intermediario do agente constitucional de sua vontade e de sua conducta, e que fiquem fieis um ao outro nas provações, que um proximo futuro pode accarretar á patria commum. »

Se comparar-se com este documento a convenção da alliança offensiva e deffensiva, que foi assignada em Berlim pela Austria e pela Prussia, ver-se-ha claramente qual he o caracter da politica das duas potencias, quaes são seus motivos, seus meios, seu fim, e fica-se convencido que esta politica, em certas eventualidades previstas, poderia ordenar a intervenção directa, activa e armada, se fosse mister, de toda a Allemanha. Ora a terceira resolução proposta pela conferencia de Bamberg repelle esta politica, ou antes restringe-a a taes limites, que equivaleria quasi a um systema de nautralidade, no caso em que, por exemplo, a Austria e a Prussia fossem levadas a tomar a offensiva contra a Russia. Neste sentido he que he verdade dizer, que a terceira resolução da conferencia de Bamberg poderia trazer alguma perturbação na politica das duas grandes potencias allemãas.

Em segundo lugar, se a conferencia de Bamberg persistisse em conservar-se indefinidamente, ella formaria um terceiro partido na Allemanha, e resultaria dahi um grande perigo para a constituição daquelle paiz e até para a existencia da confederação ; a este respeito, nossos correspondentes nos dão informações, que não são despidas de interesse.

A conferencia ou liga de Bamberg não he nova : sua origem he anterior á crise actual, e he sem razão que se disse, que ella se tinha formado depois da communicação do tratado de Berlim e no fim de preparar uma resposta identica a esta communicação. Ha tres annos que esta conferencia representava ja um papel bem importante na luta, que dividia a Allemanha a respeito da renovação da união das alfandegas prussiana.

Naquella época, os governos dos quatro reinos, das duas Hesses, de Baden, de Nassau se colligaram contra a Prussia, á suggestões da Austria, afim de imporem ao gabinete de Berlim a accessão da Austria na união, e concessões, que erão aceitas em Vienna e repellidas Berlim. Não temos necessidade de lembrar aqui, como aquella questão se envenenou a ponto de comprometter mais de uma vez a paz de Allemanha ; depois de longas e difficeis negociações, depois de troca de muitas notas e protocolos, o debate foi por fim terminado pela conclusão de um tratado de commercio e de alfandegas entre a Austria e a Prussia e pela renovação da associação de alfandegas.

Parece que desde aquelle momento a liga de Bamberg devia ser dissolvida, porque não tinha mais objecto. Comtudo ella se conservou, mas com um certo mysterio, não obstante os reiterados protestos da côrte de Berlim, que a este respeito se queixava frequente e confidencialmente a côrte imperial de Vienna. A côrte de Berlim fazia ver o espirito hostil, de que a liga de Bamberg não deixava de estar animada a seu respeito, e a opposição que lhe fazia em toda a occasião. Esta opposição se tinha manifestado particularmente no momento em que a questão do Oriente começava a tornar-se a questão de toda a Europa. A Prussia, cuja politica era dirigida então como hoje, pelo barão de Manteuffel, se mostrava aos designios da Russia menos favoravel do que a Austria. He naquella época que os dous imperadores se faziam frequentes visitas em Olmutz e em Varsovia, e o gabinete de São Petersburgo, sem submetter-se precisamente á intervenção da Austria, aceitava os bons officios desta potencia, declarando que só ella tinha permanecido verdadeiramente imparcial e independente ; he justamente por isto que a Austria sustentava a liga dos estados. A Austria queria estender e fortificar esta liga, e neste fim tinha feito obrar o gabinete de Dresda, o qual tinha proposto diversos meios aos seus alliados de Bamberg, apresentando-os como proprios para assegurar á liga uma grande parte de influencia no conflicto que se preparava. Mas esta vez ainda tratava-se realmente de assegurar á Austria á adhesão completa e sem reserva dos colligados contra a Prussia. O ministro dos negocios estrangeiros do rei de Saxonia o barão de Benst, auxiliou vivamente nestas circumstancias os desejos da Austria ; elle dirigio-se a Munich para expor estas idéas e faze-las triumphar, mas ellas foram repellidas pelos alliados da Saxonia, os quaes quizeram conservar sua independencia e a liberdade de sua acção.

Pelo que acabamos de expôr, vê-se que a conferencia de Bamberg não he um simples accaso, mas sim a continuação de um facto antigo e permanente, a liga dos estados secundarios, que tem querido formar e formam, sua confederação particular ao lado da confederação germanica. Esta liga tem suas assembléas ; ella discute, delibera, toma resoluções fora da Dieta germanica e pretende fazer prevalece-las alli. A Dieta por conseguinte está, como a Allemanha, dividida em tres partes : o partido da Austria, o da Prussia e o da liga, que pode vir a ser preponderante inclinando-se alternativamente para o lado da Austria ou da Prussia.

Se a liga conseguisse conservar-se indefinitamente sua preponderancia, não tardaria em vir a ser dominante e irresistivel ; porque ella disporia, nas assembléas restrictas da dieta, de oito votos sobre dezesete ; e de vinte e sete sobre sessenta e nove nas assembléas geraes ; ella seria pois mais poderosa do que a Austria e a Prussia. Isto só demonstra já que a existencia da liga he incompativel com a constituição actual da Allemanha e com a independencia da Dieta.

A existencia da liga he além disto por si mesmo um facto contrario ás leis organicas da confederação, que não tem outro orgão legitimo senão a Dieta de Francfort. He verdade que se pode dizer, que o acto federal, que creou esta ordem de cousas, não prohibio aos confederados a ligarem-se por convenções especiaes e limitadas ou consertarem-se previamente sobre questões de um interesse geral ; mas não he isto o que acaba de ter lugar em Bamberg, onde se vê um certo numero de estados tomar resoluções, que são destinadas a annullar a acção, não só da Prussia e da Austria, senão da propria Dieta procedendo regular e constitucionalmente.

A autoridade da Dieta germanica, ninguem pode dissimular, tem sido singularmente enfraquecida por tudo quanto tem passado na Allemanha desde o mez de fevereiro de 1848, e sua restauração não lhe restituio nem seu antigo poder nem seu prestigio de então. A divisão que a liga de Bamberg introduzia em seu seio, acabaria de arruinar o credito e a influencia desta assembléa.

Por todas estas razões, ninguem veria sem pesar perpetuar-se na Allemanha a alliança separada dos estados que formam a conferencia de Bamberg ; e independentemente do grande interesse politico actual, que pode ter a questão especial, da que a conferencia acaba de occupar-se, sentir-se-hia uma grande satisfação, se todos os estados entrassem pura e simplesmente no caminho do direito commum estabelecido pelo congresso de Vienna.

Ainda se vai mais longe, e pergunta-se, se os estados colligados comprehenderam bem seus proprios interesses, quando formaram sua liga, arriscando comprometter a dieta germanica, abusando da lettra da constituição. Dizem que estes estados precisam mais da confederação do que a Austria e a Prussia ; a Austria e a Prussia occupam por si mesmas um grande lugar na Europa ; mas que seriam os pequenos estados allemães ou mesmo os estados de segunda ordem, sem a confederação, á qual elles pertencem, e que os protege ? He provavel que a maior parte delles não tardaria a ser invadidos pelas potencias vizinhas, e ver-se-hia talvez essas invasões provocadas pelas populações, que estão sempre indispostas com os pequenos governos, e ambicionam sempre fazer parte dos grandes estados. Pode-se até crer que esta tendencia seria favorecida pelo desejo geralmente derramado na Allemanha de uma unidade mais real e de uma centralisação mais efficaz.

Dizem-nos que estas considerações foram apresentadas com muita energia aos oito governos, que formaram a liga de Bamberg, e se por acaso senão conseguio obter que elles negassem sua approvação ás resoluções provisorias, que seus representantes adoptaram, espera-se pelo menos que elles não persistirão até o fim nas restricções, que elles tem posto em sua adhesão. Nós já tinhamos expressado esta opinião em um artigo precedente, e persistimos ainda, porque estamos convencidos de que, quando a Austria e a Prussia estiverem de accordo, não poderá haver entre os estados allemães uma opinião, que diffira da sua, ou se quizerem, uma politica differente da sua.

No dia em que a Prussia e a Austria fossem arrastadas para uma guerra, que não deixasse de ter interesse para a nacionalidade allemã, os outros estados da confederação seguiriam o impulso geral ; elles não quereriam resistir, e se o quizessem, o não poderiam : o movimento os arrastaria, porque seria mais forte que sua resistencia.

Aquelles que tem seguido com alguma attenção as phases tão variadas, que a questão do Oriente já tem percorrido, tem podido observar a multidão e a diversidade de interesses, que esta questão já tem agitado. Esses interesses se tem manifestado successivamente ; e á medida que se iam revelando, a politica dos gabinetes se modificava e se transformava. A historia da liga de Bamberg offerece um exemplo notavel disto. Esta liga foi preparada, organisada pela Austria contra a Prussia, e ha pouco ainda a Prussia atacava-a perante a Austria, que a defendia. Hoje os estados colligados parecem afastar-se da Austria e approximar-se da Prussia. Porque razão ? Porque o interesse austriaco se tem manifestado por sua vez, e porque esse interesse, livre inteiramente de tudo que o embaraçava e o obscurecia, tem imposto á Austria uma politica mais firme e mais activa. O memorandum das duas côrtes, do qual ja citamos algumas passagens, o demonstra claramente. Queremos citar ainda algumas linhas, que no nosso entender, são a melhor explicação da atitude actual da Austria e de sua linguagem.

Depois de ter estabelecido que a prolongação do desenvolvimento das forças militares no baixo Danubio he incompativel com os maiores interesses e os mais immediatos da Austria, assim como da Allemanha, o memorandum continua assim :

« Os interesses materiaes da Allemanha são susceptiveis do maior augmento, graças aos vastos canaes maritimos, que conduzem ao Oriente. Por esta razão he um dever geral da Allemanha garantir tanto quanto fôr possivel, a liberdade do commercio do Danubio, e não ver acabada por meio de restituições a actividade das communicações com o Oriente por mar. »

Nada acrescentaremos a estas palavras, das quaes não he possivel deixar de notar o tão grave e solemne, e o caracter essencialmente austriaco.

(*Journal des Débats.*)

HUNGRIA, AUSTRIA E RUSSIA.

Nunca perturbemos os nossos leitores com indagações ácerca dos promenores da guerra, nem fa-lo-hemos agora. Temos rapidamente lançado os olhos sobre os seus traços principaes, sobre a sua extensão e duração provaveis, e sobre a politica provavel dos alliados nella empenhados. Como verdadeiros economistas, temos sempre olhado para a « principal eventualidade, » e insistido com pertinaz reiteração sobre a necessidade de obter « o valor recebido » para as nossas despezas. Nunca nos temos cançado de exigir do nosso governo, acima de tudo, o dever imperativo de não só dirigir e terminar esta guerra, assim como de ajustar a contenda de maneira, que não seja mais renovada, ou ao menos que nos livre de sermos outra vez incommodados pelo mesmo motivo.

O discurso recentemente proferido por Kossuth em Sheffield, chama a nossa attenção sobre um importante ponto da questão sobre o qual talvez se não tenha insistido tanto quanto merece. Como se sabe, não sympathisamos com as idéas extremas deste consummado orador, mas todavia não podemos censura-lo pelo facto de affaga-las. He natural que elle pense unicamente nos interesses da Hungria, e brade contra a inconsistencia da Inglaterra, que ao passo que professa pelejar contra o despotismo de uma potencia, se une com outra igualmente tyrannica. He natural que elle aborreça e até tema mais a Austria do que a Russia, e julgue que a mais desagradavel conclusão da guerra fôra humilhar a ultima potencia e consolidar a primeira. Mas os estadistas inglezes devem ter ao mesmo tempo um designio igualmente nacional e mais comprehensivo ácerca da questão, e não devem ser induzidos, por aversão aos seus principios, a recusar a coadjuvação de autocratas ou patriotas, quando esta coadjuvação promover o objecto immediato—se fôr justo—que elles tem em mira. Se a Austria está verdadeira ou lealmente com nosco neste negocio, não podemos regeitar a sua alliança, porque ella tem obrado com brutalidade para com a Italia e com perfidia para com a Hungria.

Alem disso, Kossuth se engana inteiramente ácerca da situação dos negocios, se imagina que a nação ingleza ou os ministros inglezes entraram na guerra contra Nicoláo porque elle he tyranno, ou se tem a menor intenção de fazer uma cruzada contra o despotismo como tal. Os nossos governadores estão pouco preparados para uma guerra desta natureza; e o nosso povo, posto que menos indisposto para isto, está tambem conscio da sua gravidade em tomar sobre si com facilidade a terrivel responsabilidade de inaugurar semelhante luta. Elle tem empunhado as armas não contra tyrannia domestica, mas contra aggressão estrangeira—não contra a brutalidade que calca aos pés a liberdade civil, mas contra a injustiça que assalta a independencia nacional—não contra o barbarismo que se desenvolve no interior do paiz, mas contra aquelle que procura espalhar-se no exterior. Mas uma das observações do ex-governador da Hungria traz á lembrança uma verdade que coincide com a grande moralidade que por muitas vezes temos procurado inculcar.

O nosso objecto nesta guerra he, ou seria, não meramente libertar o Turquia no momento, mas liberta-la para o futuro de depender da nossa coadjuvação,—garantir-nos contra allianças dispendiosas e incommodas que constantemente nos chamem a protege-la das incessantes usurpações de um cobiçoso e inexoravel visinho. Isto não nos obrigará a ter uma « questão oriental » para sempre entre mãos. Devemos de uma vez para sempre ajustarmos este negoció. Ora, ha somente tres estradas a seguirmos: devemos reforçar a Turquia ; ou devemos enfraquecer a Russia; ou devemos crear um alliado á Turquia e um rival á Russia, bastante poderoso que tome o nosso lugar. O primeiro meio he quasi impossivel. Podemos dar á Porta bons conselhos; podemos protege-la até que as suas reformas internas sejam completadas e tenham começado a manifestar a sua influencia renovada e reforçada: podemos ajuda-la a enriquecer por meio do nosso commercio, e ajudar a pacificar essas dissensões internacionaes que tanto hão contribuido para colloca-la no poder do seu inimigo; mas isto he o limite da nossa influencia. Ella deve trabalhar para a sua propria salvação—se poder. Entretanto, sem embargo do raro vigor que ella tem manifestado, sem embargo das provas assignaladas que tem dado de uma vitalidade ainda não extincta; sem embargo da incontestavel valentia do seu povo, e da sagacidade dos seus diplomatas, e das boas intenções indisputaveis do seu governo,—he quasi impossivel esperar que ella sosinha possa resistir ao seu gingatesco visinho. Por outro lado, se quizermos, podemos enfraquecer muito a Russia, e po-la *hors du combat* para o futuro. *Podemos* aniquilar esse prestigio de grandeza e esse poder irresistivel á que ella tem devido muito mais do que as actuaes proezas das suas armas; *podemos* destrair-lhe as esquadras, incendiar-lhe os arsenaes, desmoronar-lhe as fortificações, despoja-la dos suas acquisições mal adqueridas e mal empregadas, e restitui-las á independencia ou aos seus possuidores originaes; *podemos* dividir a Crimea, fazer a Georgia independente, restituir a Finlandia a Suecia e a Bessarabia á Turquia; — e dest'arte reduzirmos a Russia a uma potencia de segunda ou terceira ordem. Mas ha pouca esperança que *façamos* isto—pouca apparencia que se deseje emprehender isto—pouca probabilidade que a mutua rivalidade das outras potencias europeas permitta que isto seja feito. Com tudo se se não fizer isto, podemos ficar certos que as usurpações russas nunca cessarão— que a captura de Constantinopla nunca sera abandonada. Então, resta somente a terceira alternativa—habilitar algum outro estado a vir a ser a garantia da independencia turca e a barreira á aggressão russa.

Ora, esta he claramente a funcção natural da Austria : He-lhe imposta pela sua posição. Tem mais a temer a aggressão russa do que outro qualquer imperio. O complemento dos designios russos nos dominios ottomanos fora a sua degradação. O seu grande rio ficaria inteiramente nas mãos da Russia. A sua grande passagem oriental ficaria inteiramente dominada pelas esquadras e fortes russos. Trieste se tornaria o seu unico porto. Então, metade dos seus subditos são Sclavonios, e já mais dispostos a esperar as suas inspirações de S. Petersburgo do que de Vienna. Nicoláo já tem o commando da Servia : se a Moldavia e a Walachia forem igualmente suas, as sympathias da raça em breve o habilitariam a suscitar perturbações insurreccionaes na Austria assim como tem feito na Turquia, para intervir então como protector e mediador, e finalmente reduzir Francisco José á mesma posição em que se acham o sultão ou Shah da Persia. A Austria podia manter a sua « integridade, » mas a sua independencia se acabaria para sempre.

A Austria vê tudo isto bastante claramente. Então, porque não he agora, porque não tem sido, o principal antagonista da aggressão moscovita ? Por que se collocou tanto sob a influencia russa ? Por que he tão fraca a ponto de não poder dispensar a coadjuvação russa ? Por que he obrigada a compra-la de uma maneira tão cara ? E porque, em vez de ser o censor da Russia, se tem collocado na posição de seu vassallo ? E —este he o ponto pratico— como podera ella emancipar-se desta fatal e ignominiosa escravidão, e tornar-se outra vez o baluarte do Occidente contra o barbaro septentrional e o preservador da paz da Europa no Oriente ? A resposta he evidente.

A Austria está fraca porque está dividida contra si propria. O seu governo se não pode pôr em opposição ás usurpações russas, porque depende da coadjuvação russa para o triumpho da sua propria politica interna. O tratamento que os Hungaros tem recebido da Austria tem tão efficazmente alienado as affeições desta nobre raça, que em vez de ser, como outr'ora a força do imperio, tornou-se a sua fraqueza —em vez de ser o seu grande defensor, tornou-se o seu mais cruel inimigo. Em quanto esta alienação continuar, he perfeitamente certo que a Austria deve permanecer muito fraca e precaria, e não podera ser o rival e a barreira da Russia, como requer a segurança da Europa : — ainda mais, he certo que ella não pode fazer mais do que queixar-se fracamente contra o crime moscovita, e compassivamente implorar o soccorro moscovita. Em quanto a Austria for fraca, a Turquia estará em perigo, e a Inglaterra será incommodada. Em quanto Francisco José persistir em atropellar os liberaes privilegiados e estorvar a antiga constituição dos seus subditos Hungaros, a Austria continuará a ser fraca ; a Russia continuará as suas intrigas contra a Porta ; e a Inglaterra e a França continuarão constantemente expostas a empunhar as armas para a sua defeza. Por tanto não só temos um interesse philantropico e sympathico, mas um interesse directo e egoista nas liberdades restabelecidas da Hungria—não no estabelecimento de uma independencia republicana como Kossuth e um punhado dos seus amigos desejam, e que não podia manter-se sem soccorro estrangeiro —mas na restauração *bonâ fide* da antiga constituição, sob amplas garantias contra insidiosos assaltos futuros, que outra vez unissem a Austria o seu mais rico territorio e seu braço mais forte. Semelhante reconciliação effectuada nestes termos daria ao mesmo tempo á Austria 200,000 amigos armados em lugar de 200,000 inimigos secretos; a emanciparia da necessidade da amizade russa e do receio da inimizade russa ; ficaria constituida o natural defensor das provincias danubianas contra os seus perigos presentes ; dest'arte se acharia n'uma estreita e honrosa alliança com a Turquia, garantia da sua segurança commum ; e habilitaria a França e a Inglaterra a embainhar a espada, e para o futuro retirar-se de contendas distantes. Os esforços dos estadistas inglezes se dirigem a semelhante alvo, posto que elles sympathisem pouco com a causa de nacionalidade ou liberdade em abstracto, e ainda que tenham muito medo dos patriotas insurreccionaes e dos perigos revolucionarios. (*The Economist.*)

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

SENADO.

Dia 10 de junho.

Reunido numero sufficiente de senadores, abre-se a sessão, e depois de lida e approvada a acta da antecedente, o 1.º secretario da conta do seguinte expediente :

Um officio do 1.º secretario da camara dos Srs deputados, participando a eleição da mesa que alli deve servir no presente mez.

Outro do mesmo, participando haver sido sanccionada a resolução que approva a aposentadoria concedida a Francisco Martins Vianna.—Fica o senado inteirado.

Outro do mesmo, acompanhando a seguinte proposição :

« A assembléa legislativa resolve :

« Art. 1.º Fica approvada a aposentadoria concedida por decreto de 23 de maio de 1854 ao juiz de direito Alexandre Joaquim de Siqueira, chefe de policia do municipio da côrte, com o ordenado de réis 1:200$.

« Art. 2º Ficam revogadas as disposições em contrario.

« Paço da camara dos deputados, em 9 de junho de 1854. — *Visconde de Baependy*, presidente. — *Francisco de Paula Candido* 1. secretario.—*Francisco Xavier Paes Barreto*, 2.º secretario. »

Vai a imprimir, não o estando.

Um requerimento do 1. tenente do 4º batalhão de artilharia a pé, Ayres Antonio de Moraes Ancora, pedindo ser transferido para o corpo do estado maior de primeira classe. — A' commissão de marinha e guerra.

Passando-se á ordem do dia, continua a ultima discussão do projecto á falla do throno.

O Sr. Visconde de Abrantes, respondendo ao Sr. D. Manoel, sustenta ainda ser a pratica ingleza a respeito da discussão da falla do throno a melhor de todas, explica minuciosamente em que consiste essa pratica e cita em abono de sua opinião o Annuario Historico e o tratado pratico dos regulamentos, privilegios e estylos do parlamento britannico por Erskine May.

Passando a responder ao Sr. Hollanda Cavancanti, o orador prosegue da maneira seguinte :

O nobre senador pela provincia de Pernambuco tratou tambem de improcedente o exemplo que eu havia invocado. He certo que o nobre senador declarou que talvez em algum tempo tivesse invocado esse exemplo, ou pretendido segui-lo, mas que está agora de outro accordo.

Para combater o estylo que eu havia citado, o nobre senador recorreu a uma especie de analyse da fórma do governo britanico. Não acompanho ao nobre senador na parte em que quiz endeosar a tal ponto o mecanismo do governo britanico, que deu a entender que nelle haviam mysterios que a ninguem era dado perscrutar. A marcha do governo monarchico representativo da Grãa-Bretanha he bem conhecida por muita gente ; não ha nella esses mysterios, nem taes arcanos que, não seja dado á intelligencia humana penetra-los e decifra-los.

Continuou o nobre senador a sua analyse, offerecendo argumentos contra a pratica que eu quizera ver por nós admittida. Lembrou o modo diverso por que na Grãa-Bretanha se organisam e se dissolvem os ministerios, modo muito differente do nosso : a differença que havia na lei da successão das terras, alli feudaes, aqui allodiaes ; o methodo diverso por que se fazem as eleições, alli directas, aqui indirectas ; apontou ainda outros pontos de divergencia em que não ha realmente a menor paridade ou contacto entre o nosso estado constitutivo e o da Grãa-Bretanha. Mas, pergunto ao nobre senador, em que essa diversidade de systema, essa disparidade de methodo de eleições, organisação de ministerios, lei de successão de terras, e outros pontos, póde influir para uma pratica cuja utilidade he sentida na Grãa-Bretanha deixe de o ser em todos os paizes onde fôr seguida ?

Aventou tambem o nobre senador uma idéa que muito me contristou. Entendeu que quem invoca a pratica ingleza, quem não quer discussões deslocadas por occasião de tratar-se da resposta á falla do throno, he inimigo da discussão e da publicidade! Doeu-me, Sr. presidente, esta especie de invectiva do nobre senador ! Todos nós queremos a discussão ; mas em occasião opportuna, sobre pontos determinados e fixos, em que não seja licito divagar ; discussão cujo resultado seja elucidar as questões, esclarecer o paiz e o governo, chama-lo a bom caminho. (*Apoiados.*) Esta discussão he a que queremos. Quem advoga a adopção da pratica ingleza quer pois discussão ; não discussão deslocada, inopportuna, inutil ; mas especial, em tempo proprio, proveitosa.

Devo fazer outro reparo. O nobre senador declarou que em o meu discurso ou no de algum outro membro da casa se tinha dado a entender que a situação em que nos achavamos relativamente ao Estado Oriental do Uruguay não era boa; mas que por uma imperiosa necessidade foi aceita por nós.

O nobre senador referindo-se a esse topico do meu discurso declarou com emphase que se reconheciamos que essa politica era ma, e se a aceitavamos por necessidade, he porque ignoravamos que havia outra melhor. Mas o nobre senador não teve a bondade de dizer-nos qual era essa melhor politica, não a formulou, e peço-lhe encarecidamente que agora, ou em qualquer outra occasião, se digne manifestar todo o seu pensamento, desenvolve-lo, esclarecer o senado e o paiz sobre a melhor politica que em seu entender convém que o governo siga relativamente ao Estado do Uruguay. Nisto fará grande serviço; dará uma prova de acrisolado patriotismo. Espero que o faça.

Nada mais direi quanto ao discurso do nobre senador. Agora duas palavras a respeito do discurso do nobre senador pelo Rio Grande do Norte.

O nobre senador tornou a insistir em que a politica seguida pelo governo no Estado Oriental do Uruguay era nefanda, 3 vezes nefanda.

O Sr. D. Manoel :—Apoiado.

O Sr. Visconde de Abrantes : — Ingenuamente confesso ao senado que não posso comprehender ao nobre senador ! O nobre senador admitte a intervenção, sustenta-a, julga-a necessaria e util ; admitte que se não interviessemos no Estado Oriental correriamos o perigo imminente de ver perturbadas as fronteiras, entregue á anarchia aquelle Estado, e muitissimos interesses nossos compromettidos, e compromettidos altamente. O nobre senador chegou

(1) Estas previsões de nossos correspondentes estão hoje plenamente justificadas, se devemos dar credito á *Gazette d'Augsbourg*, a qual recebemos neste momento. Este periodico publica, com a rubrica de Munich, que as resoluções da conferencia de Bamberg foram rectificadas por todos os estados interessados, e acrescenta que existe uma perfeita harmonia entre todos estes estados.

FOLHETIM.

ANTONINA.(*)

Por Th. Pavie.

II.

A pequena caravana e sua valerosa escolta chegaram pouco depois a Buenos Ayres. Retirados a seus quarteis, os soldados descansaram das fadigas de uma longa campanha esquecidos dos perigos passados e promptos a tomar novamente as armas. D. José achou cartas de Hespanha que o chamavam para o seio de sua familia, e comquanto lhe custasse abandonar a vida aventureira que agradava ao seu caracter emprehendedor e ousado, a esperança de fazer a viagem na companhia de Antonina tornou muito menos penivel o sacrificio que lhe impunham.

D. Martha e a sobrinha aguardavam em Buenos Ayres a partida do navio que havia de reconduzi-las á Hespanha, e quando souberam que o joven official voltava tambem para a [illegible], não temeram mais os enfados de uma long[a nave]gação. Ambas pozeram-se debaixo da protecção de D. José, e o joven capitão consolou-se de ser o cavalleiro da viuva, com o pensamento de que seria tambem o da bella Antonina.

Emquanto essas tres personagens occupadas com os preparativos da partida conversavam frequentemente sobre a patria que iam tornar a ver, emquanto D. José e a moça que salvára, abandonavam-se ás delicias de um amor nascente, os Indios languesciam na prisão. Não tinham sido mettidos em masmorra, nem carregados de ferros, era-lhes permittido passeiar em um largo pateo, onde penetravam livremente o ar e o sol ; porém não viam mais diante de si os verdes horisontes do pampa, não pisavam mais a alta relva da planicie, e em torno delles elevam-se grandes muros insuperaveis. Passavam todo o dia acocorados em um canto do pateo, tristes, immoveis e involtos em suas longas coberturas. De vez em quando o galope de um cavallo que passava perto da prisão fazia bater-lhes o coração, e semelhantes ás aguias presas em gaiolas que inclinam-se, estendem o pescoço, e veem atraves da grade de ferro adejar alegremente a andorinha, contemplavam com uma dor muda as nuvens errantes que o vento afugentava sobre suas cabeças. O aborrecimento roia esses homens selvagens, inhabeis para todo o trabalho assim como a ferrugem devora o ferro enterrado. Elles não pensavam em nada, soffriam e lamentavam sem esperança de recobra-la jámais a liberdade, sem a qual o selvagem não póde viver. Emfim, esses homens, embora fossem bravios, pertenciam á grande familia humana, tinham em algum canto ignorado do pampa mulheres e filhos que não tornariam talvez a ver, e esses laços quebrados causavam-lhes crueis soffrimentos ; porém, não lhes permittindo o orgulho exprimi-los em alta voz, dissimulavam suas dores debaixo da apparencia da indifferença e da apathia. O cacique tinha aprendido na mocidade alguns termos hespanhóes; mas nunca respondia as palavras de zombaria nem de benevolencia dos guardas da prisão.

Havia tres mezes que os Indios vegetavam nesse carcere, no qual teriam sido esquecidos ainda longo tempo, se um acontecimento que havia de ter consideravel influencia sobre o poder da Hespanha, não os tivesse feito entrar novamente em scena. A Inglaterra acabava de declarar guerra á Hespanha. Uma pequena esquadra ingleza ás ordens do commodoro Anson dirigio-se para os mares do sul, onde havia de reunir-se a uma frota mais numerosa commandada pelo almirante Vernon. Partindo tarde da Europa, os navios do commodoro Anson chegaram ao cabo Horn em uma estação desfavoravel. Um furacão terrivel dispersou a esquadra, metade da qual não póde dobrar o cabo, e quando o commodoro arribou á ilha de Juan Fernandez tinha apenas dous navios e um barco carregado de provisões. A frota hespanhola enviada para combater as velas inglezas experimentára desastres ainda mais graves. Um de seus navios sossobrou no meio do mar, outro encalhou nas costas do Brasil, outro bateu em um banco de pedra ao sahir de la Plata, e foi obrigado a voltar com avarias irreparaveis.

Só restava em Montevidéo um navio de alto bordo ancorado ha tres annos, e convinha pô-lo em estado de navegar. Quando o commandante dessas forças navaes assim reduzidas pelos temporaes e accidentes de todo o genero, voltou por terra do Chili para Buenos Ayres, tratou de reparar e equipar esse ultimo navio. Foram requisitados os obreiros dos portos de Buenos Ayres e de Montevideo, e quando o trabalho esteve quasi acabado, o commandante foi ter com o governador e disse lhe :

— Senhor, para armar o *Asia* (tal era o nome do navio) não tenho mais de cem marinheiros, e careço de quinhentos.

— Aqui acham-se mais cavalleiros do que marinheiros, respondeu o governador com embaraço.

— E todavia o serviço de S. M. exige que o *Asia* seja equipado. Tenho necessidade de gente.... custe o que custar, senhor governador.

— Lançando uma rede sobre a praia, tornou este, pode-se apanhar uns cem pescadores, marinheiros e tambem alguns mariolas mestiços.

— Bem, chegamos a duzentos. Não tem mais nada que offerecer-me ?

— Espere, Sr. commandante, se lhe convém receber alguns Inglezes prisioneiros, posso achar uns sessenta.

— Oh ! disse o commandante, talvez isso não seja prudente ; mas a necessidade obriga-me a aceitar. Que mais ?...

— Tenho aqui uns cem contrabandistas portuguezes de que estimaria descartar-me....

— Encarrego-me delles.... Eia, procure completar-me ao menos os quinhentos....

— O senhor commandante tem necessidade de marinheiros, de homens habituados ao mar ; de que lhe serviriam miseraveis que nunca viram velas nem vergas ?

— De puxar os cabos, respondeu o commandante, dê-me mais uma duzia de braços robustos, e dispenso-o do resto.

— Pois bem, tome os onze Puelches que conservamos na prisão ha tres mezes, não sei para que, e se o senhor conseguir fazer delles alguma cousa consentirei a ser enforcado na gavea de seu navio.

O governador pronunciou estas ultimas palavras em voz baixa, e o commandante respondeu erguendo altivamente a cabeça :

— Hei de faze-los marinheiros, senhor. Quem tem a honra de commandar um navio de S. M. saberá fazer-se obedecer. Não seria para condescender com uns dez selvagens inertes e indolentes que eu deixaria a disciplina relaxar-se a meu bordo !

O commandante deu immediatamente ordens, para que essa equipagem composta de elementos tão diversos fosse conduzida para bordo. Quando abriram a porta da prisão aos Indios, elles hesitaram em sahir, pois não comprehendiam para onde queriam leva-los. Prisão por prisão, preferiam ficar alli onde tinham soffrido mais de tres mezes: a dor tambem tem seus habitos. Os marinheiros que foram busca-los, collocaram-nos no meio de suas fileiras, e conduziram-nos assim á praia.

Embarcaram-nos em lanchas, as quaes desceram a corrente do Prata até Montevidéo, onde o *Asia* estava ancorado, soffrivelmente equipado e prompto para partir.

O alarido dos homens occupados na manobra, o movimento dos marinheiros que corriam sobre o convez e subiam pelas cordas causou admiração aos Puelches, os quaes observavam o navio com ar sorprezo e pasmado, não sabendo que lhes estava reservado um papel activo nessa cidadella fluctuante. Um official empurrou-os para a proa e um quartel-mestre distribuio-lhes vestuarios de marinheiros, dizendo com jocosa solemnidade, que provocou uma immensa gargalhada:

— Já que vossas mãisinhas esqueceram-se de dar-vos um enxoval, meus filhos, vesti estas camisas de algodão azul que eram destinadas a cobrir honestos christãos, e tende tambem o cuidado de não romper estas ceroulas.... Oh lá ! barbeiro, passe a thesoura naquelles cabellos.

Os Indios vestiram-se com tanta repugnancia quanto embaraço, e nessa operação difficil para elles assemelhavam-se a condemnados que são obrigados a vestir a triste libré da prisão. No momento em que o barbeiro cortava os longos cabellos dos Puelches, um bote abordou o navio ao pé da escada do commandante trazendo D. José e as duas mulheres. D. Martha agitando com a mão direita um bello leque novo, dava o braço ao joven capitão, e andava com a dignidade de uma viuva que não tem renunciado ainda agradar. Ao lado da tia caminhava Antonina um tanto perturbada de ver tantos homens reunidos nesse estreito espaço. A moça experimentava essa inquietação vaga que opprime o coração no momento em que vai-se emprehender uma longa viagem por mar. Nessa hora os paizes que foram menos amados, aquelles em que a gente não deixa nem affeição intima, nem parente, nem amigo, até os lugares desertos adquirem uma graça inexperada. O ultimo canto de um passaro da terra, ainda que seja o piar do pardal, sôa docemente ao ouvido de quem vai lançar-se sobre o vasto oceano !

Durante os primeiros dias da viagem os Indios vexados pelo enjôo obedeceram machinalmente ás ordens que viam os outros marinheiros executar. Estavam ottonitos esperando morrer, e impacientes por chegar ao termo da triste existencia que lhes era imposta.

Muitas vezes recebiam castigos, os officiaes subalternos, e mesmo os marinheiros tratavam com rudeza esses entes estranhos que pareciam nada comprehender na mais simples manobra : a bordo de um navio, onde cada um tem sua tarefa, onde uma mesma vontade intelligente anima todos os espiritos, tem-se tão pouca indulgencia pelo desaso e incapacidade !

Todavia á medida que se foram acostumando ao tumulto e arfagem, os Puelches sentiram mais vivamente as affrontas que não lhes eram poupadas. O cacique sobretudo estava sob o dominio de uma febre de colera que causava-lhe accessos de furor. Ora contemplava o mar com um sombrio desespero, ora escondia-se em um canto do convés como a fera, a qual o olhar da multidão indigna. Quando trabalhava na manobra misturado com os marinheiros, elle via passar perto desi o grupo dos tres passageiros. A moça que tão ousadamente roubára na planicie, e que fora alguns instantes sua preza, seu quinhão dos despojos, ria e conversava alegremente á sua vista passeiando de braço com o official que o tinha vencido, e que o não reconhecia debaixo do novo vestuario.

Elle que alguns mezes antes commandava uma horda temivel obedecia agora a todas as pessoas desse navio, onde mal era tido por homem.

Um dia tendo cessado de repente o vento, o navio ficou parado pela calma. Loucas brisas corriam pelo mar, e vinham depois expirar nas velas grandes, as quaes cahiam ao longo dos mastros. O official do quarto fatigado de ver o navio immovel sobre as aguas fazia orientar as velas a cada momento, apenas o mais leve sopro encrespava as ondas, e os marinheiros aborrecidos de obedecer a essas ordens multiplicadas murmuravam á surdina. De sua parte os Indios puxavam os cabos machinalmente com grande vagareza, e completa indifferença. A vista desses semblantes impassiveis exasperou mais o impaciente official, o qual não podendo descarregar sua colera sobre o vento que não queria soprar, precipitou-se de mão levantada sobre o cacique. Este repellio o aggressor com um murro ; mas o official que era robusto e filho das montanhas da Catalunha enfurecido por esse acto de revolta praticado perante todos os marinheiros da equipagem, cahio sobre o Puelche, e deixou-o estendido sobre o convés ensanguentado e amassado.

Quando viram seu chefe naquelle triste estado, os outros Indios chegaram-se a elle com respeito, fizeram-no tornar á si derramando-lhe agua sobre o rosto. Os marinheiros viam com sorpreza os cuidados attentos com que esses selvagens ignorantes tratavam esse homem de sua raça. Dir-se-hia que todos participavam de suas dores, e da affronta que recebera.

O cacique tornou a abrir os olhos, depois cobri-os com as mãos, como se a vergonha o tivesse opprimido, e ficou algum tempo absorto em seus pensamentos, respirando com difficuldade. De seu peito entumecido sahiam gemidos surdos semelhantes ao carejo das gallinhas, e todos os seus membros estremeciam como o barco que bate com a quilha nos rochedos occultos debaixo das aguas. Nesse instante subiam para o convés os officiaes do estado-maior e os passageiros que acabavam de jantar.

— Não ha vento, senhor ? perguntou o capitão ao official.

— Não, commandante, e as pequenas nuvens que permanecem immoveis no horisonte annunciam ainda calmaria para amanhãa.

— Ha novidade sobre o convés, senhor ?

— Quasi nada, commandante, os selvagens recusam trabalhar, e sua preguiça he de mão exemplo.

— Ha selvagens aqui ? perguntou Antonina com o acento do terror.

— São alguns Indios bravios do pampa, respondeu o commandante ; mas não devem inspirar-lhe nenhum receio, *senorita*. São onze e não fazem o serviço de um homem valeroso. Vê aquelle mandrião que finge chorar ?... he o chefe delles.

Depois dirigindo-se ao official, o commandante acrescentou :

— Visto que esse homem desobedeceu, deve ser carregado de ferros.

Antonina pedio ao commandante que perdoasse ao selvagem o castigo que merecera ; D. Martha reunio suas sollicitações ás da sobrinha, e fallou com muita eloquencia e com gestos magnificos das attenções devidas aos vencidos ; porém o official mostrou-se inflexivel e replicou :

— Não convém que a disciplina se relaxe a bordo ; e demais o que he uma noite passada com grilhões nos pés ? Hão de ver que o pagão fará pouco caso disso !

D. José que ouvira a resposta do official chegou-se a Antonina e disse-lhe com voz baixa :

— Sabe, *senora* quem he o Indio pelo qual acaba de interceder ? He o cacique do pampa, o selvagem que derribei matando-lhe o cavallo russo com um tiro de carabina.... Custou-me reconhece-lo debaixo daquelle novo vestuario ; mas o commandante contou-me porque acaso viajamos em sua companhia.

Antonina olhou de longe para o cacique em cujos pés um contramestre acabava de por os grilhões. Estava assentado e debruçado sobre as pernas como o negro roubado de suas praias que deixa-se morrer lembrando-se da costa d'Africa.

— Coitado ! disse ella pondo as mãos, como parece soffrer !... não nos aproximemos, D. José tenho piedade e tenho medo delle...

— Ah ! de veras, he aquelle o cacique ? perguntou D. Martha. Quero ve-lo de perto agora que não está mais em seu maldito pampa gyrando como antigamente os Mouros na *vega* de Granada... Oh ! Antonina, não sejas tão medrosa , verás *nina*, se terei medo de fallar-lhe.

— Elle entende muito pouco da nossa lingua para comprehende-la, minha tia, interrompeu a moça ; além disso que tem Vmc. a dizer-lhe.

— Com poucas palavras e muitos gestos, respondeu D. Martha, conseguirei ser comprehendida.

A viuva foi por-se em frente do cacique, o qual conservava-se immovel, e com a cabeça inclinada sobre os joelhos.

— Oh ! lá ! oh ! rapaz, reconheces-me ?

O cacique pareceu nada ouvir e D. Martha tocando-lhe no hombro com o leque continuou vivamente :

— Oh ! rapaz, olha para mim... lá lá... no pampa... elle, ella e eu... pan, pan, pan... a mosquetaria... Ah ! a sorte da guerra, meu amigo ! Estás triste aqui, bem o vejo.... Eia, sem rancor, engole-me estes confeitos que tomei na sobremesa, os marinheiros não provam muitas vezes outros iguaes, come-os sem ceremonia, elles te farão bem !...

A viuva fazia como os tolos que atiram bolinhos confeitados ao leão encerrado em um pateo. O cacique lançou-lhe por fim um olhar que significava : Deixe-me soffrer em paz !

— Como quizer, senhor selvagem, disse então a viuva um tanto offendida, o que um recusa, outro aceita... *Ché* grumete, vem cá meu filho, e engole-me estes bolinhos de baunilha.

O grumete não esperou que o rogassem para devorar os confeitos que D. Martha lhe offerecia.

— Então, perguntou D. José, o pantomimo sortio bom effeito !

— Maravilhosamente, respondeu a viuva, elle reconheceu-nos perfeitamente a todos tres. Coitado ! está muito abatido, e tal qual o vejo agora, não o temeria, se o encontrasse alta noite na sierra de Malaga.

(*Continuar-se-ha.*)

(*) Vide o *Diario* n. 173.

MUTILADO

ILEGÍVEL

a reconhecer que o *casus fœderis* não se dava a respeito do Sr. Giró quando abandonou o poder, como elle proprio tambem admittira. A' vista destas tres proposições do nobre senador, resultado de suas confissões, qual a illação que cumpre tirar, senhores? Que a politica seguida até agora he bôa.

Mas insiste o nobre senador em que essa politica he nefanda, e 3 vezes nefanda; porque?

Porque, disse elle, o governo do Brasil, ou o seu agente diplomatico, alli concorreu para a revolução; porque o governo do Brasil e o seu ministro actual alli promoveu a eleição do Sr. Flores. Ora, senhores, se por ventura nisso consistisse a politica nefanda, não corria ao nobre senador a obrigação de exhibir as provas, os documentos do concurso do governo do Brasil, ou do seu representante em Montevidéo, para a revolução que alli teve lugar? Não deveria apresentar documentos e provas de que o actual ministro do Brasil, em Montevidéo, andára de casa em casa solicitando votos para o Sr. Flores? Mas nada disto fez o nobre senador. Contentou-se em dizer-nos: « São informações da minha policia; tenho visto cartas que denunciam isto. » Entretanto não sabemos quem as escreveu, nem qual o grão de imparcialidade, de apreço que merecem os seus autores. Limitou-se a dizer vagamente: Tenho noticias. A minha policia o denuncia! » Por ventura essas provas com que o nobre senador quer apoiar as suas proposições são capazes de destruir as que resultam da combinação de factos authenticados pela imprensa de um e outro partido, e pelos documentos officiaes appensos ao relatorio?...

Combinando esses factos e documentos, senhores, o que resulta he que o Sr. Paranhos não podia de modo algum ter concorrido para a revolução que alli aconteceu. Já o disse o nobre ministro dos negocios estrangeiros. Se o Sr. Paranhos tivesse tido parte em tal movimento; se tivesse se quer aconselhado ou desejado que uma revolução alli rebentasse, não teria soccorrido o governo legal em momento de apuro, garantindo-lhe um emprestimo sem estar autorisado para isso, tomando sobre si toda a responsabilidade desse acto.

Não falla isto bem alto, senhores? Não demonstra que tal intenção não havia da parte do nosso ministro residente em Montevidéo? Os outros factos que estão authenticados, combinados com as circumstancias que concorreram na sua successão, não demonstram que não podia o ministro do Brasil ter tido parte na revolução, e que o governo do Brasil de maneira alguma concorreu para a quéda do Sr. Giró?...

Senhores, isto que consta de factos averiguados, assevero ao senado que tambem está provado pelo caracter individual do Sr. Paranhos...

O Sr. Paranhos não só tem o tino e a capacidade necessaria para não commetter erros tão graves, que poderiam trazer grandes comprometimentos ao seu paiz: como deu provas de muita habilidade, de muita discrição em todos os negocios que passaram por suas mãos naquelle Estado. Para que se forme este juizo a seu respeito, elle tem a seu favor as notas que escreveu, algumas das quaes, como muitas das do nobre ministro dos negocios estrangeiros, eu desejaria ver firmadas com o meu nome. E he de crer que um homem na posição do Sr. Paranhos, que não vôa com azas emprestadas, que tem azas proprias; um homem a respeito do qual me atrevo a fazer a prophecia de que ha de avultar, e avultar muito na administração do paiz, he de crer, digo, que um homem destes quizesse comprometter todo o seu futuro, passando por um agitador, por um promotor de revoltas para derribar o governo do paiz junto ao qual estava acreditado? Não he possivel, senhores. (*Apoiados.*)

Portanto, não só o argumento tirado do caracter pessoal, da habilidade, do tino do Sr. Paranhos...

O Sr. Visconde de Paraná: — Apoiado.

O Sr. Visconde de Abrantes: —... afasta qualquer prevenção de que elle fosse um agitador do Estado Oriental, como os factos authenticados, quer pela imprensa, quer pelos documentos que estão juntos ao relatorio do Sr. ministro dos negocios estrangeiros, provam que elle não podia ter a menor parte nessa conspiração. (*Apoiados.*)

O mesmo digo a respeito do Sr. Amaral. O nobre senador parece ser o primeiro a fazer justiça ao caracter deste illustre cidadão. Elle he incapaz, senhores, eu o assevero, de andar mendigando votos para quem quer que seja; mórmente com vistas de collocar á frente de um paiz independente, de um governo junto ao qual elle se acha acreditado, um homem que não fosse aceito pela nação, ou que lhe fosse repulsivo. Não; o Sr. Amaral he incapaz de impôr a vontade do governo do Brasil ás camaras legislativas do Estado Oriental

A' vista de tudo isto, senhores, não sei em que consiste a politica nefanda, tres vezes nefanda!

Não quero, Sr. presidente, alongar mais a discussão. Estamos no dia 10 de junho. Não desejo que o senado presuma que sou contradictorio.

Advogo a pratica ingleza, tenho esperanças fundadas de que ha de ser um dia admittida entre nós, porque he sensata, porque he util. Se eu concorresse para a prolongação desta discussão, realmente achar-me-hia um pouco em contradicção. O senado permittirá pois que eu não dê mais desenvolvimento ao meu discurso.

Recordo-me neste momento de outras questões que poderiam ser ventiladas; mas eu as reservo para tempo opportuno. Já estão no senado as leis de fixação de forças de mar e terra; nessa discussão, em presença dos ministros respectivos, podemos instituir debates politicos e administrativos; póde ter lugar um debate luminoso e amplo. Quaesquer reflexões portanto que eu ainda tivesse de offerecer nesta occasião a consideração do senado, podem ser reservadas para tempo opportuno.

Ponho aqui termo ao meu discurso.

O Sr. Visconde de Paraná (presidente do conselho) sustenta tambem a pratica ingleza como a melhor de todas, depois do que continua da maneira seguinte:

Sr. presidente, tomei a palavra, não para me occupar com as questões pequeninas que nesta discussão tem sido suscitadas, mas para repellir uma imputação que o nobre senador pelo Rio Grande do Norte dirigio hontem ao ministerio actual.

O nobre senador pretendeu que o general Urquiza estava divorciado do governo do Brasil, sendo isto devido ao actual ministerio; e referindo-se ao Sr. ex-ministro dos negocios estrangeiros, disse que S. Exc. do seu lugar mostrava na physionomia o desprazer que lhe causava a discussão a' respeito dos negocios externos.

O nobre senador esqueceu-se inteiramente do que tinha occorrido, dos relatorios que devia ter presente, e imputou ao ministerio actual aquillo que não podia ser-lhe attribuido.

Senhores, nessa divergencia que appareceu entre a Confederação Argentina e a provincia de Buenos-Ayres o governo do Brasil tem seguido uma politica de estricta neutralidade; mas o ministerio actual não foi o que tomou essa resolução. No relatorio do anno passado, senhores, fez-se menção daquella divergencia, e o senhor ex-ministro dos negocios estrangeiros disse: « O governo imperial tomou, no meio dessa deploravel dissenção, a unica posição que lhe competia em questões semelhantes, puramente de organisação interna: a mais restricta neutralidade, etc. »

E, pois, Sr. presidente, as questões existentes entre o general Urquiza e a provincia de Buenos-Ayres não deram lugar ao ministerio actual tomar resolução alguma; mas tão somente a seguir a politica já estreada pelo Sr. ex-ministro dos negocios estrangeiros. He portanto extremamente de admirar como o nobre senador empresta até aos gestos dos senadores presentes uma significação que o simples conhecimento dos factos mostra que não podem ter.

O Sr. ex-ministro dos negocios estrangeiros não quiz de modo algum favorecer a causa de Urquiza. Quando essas questões se originaram, em setembro de 1852, era sem duvida possivel que o governo imperial tivesse assumido outra posição: e quem sabe, senhores, se a opinião do actual presidente do conselho não seria que o Brasil se collocasse em uma posição menos neutral do que a que tomou?....

Entendo, Sr. presidente, que os interesses do Brasil requerem, exigem que a Confederação Argentina seja forte e unida. Estas separações de provincias da confederação para constituirem governos separados foram já uteis á Europa, mas ao Brasil não, nem se podia esperar que o fossem. A Confederação Argentina, forte e unida, não contraria de sorte alguma os interesses do Brasil; porque não ha entre estes e os daquella confederação opposição alguma, desde que todos estamos concordes sobre a independencia do estado do Uruguay.

Não existe rivalidade. Os principaes productos do Brasil são agricolas. O producto do pastoreio he no Brasil insufficiente para o seu consumo; temos, portanto, para satisfazer nossas necessidades, de ir buscar uma parte desses productos na Confederação Argentina e no Estado Oriental; entretanto que os nossos generos são alli consumidos. Já se vê que não ha choque de interesses. A divisão da Confederação, seu enfraquecimento, póde dar lugar á satisfação de alguns interesses europêos, mas de sórte alguma nunca póde ser de conformidade com os interesses do Brasil.

Eu pois, senhores, tendo estas idéas, julgava que seria de conveniencia para o Brasil tomar mais alguma parte nestas questões; não só para apoiar uma conciliação entre as partes divergentes, como para sustentar aquella que tivesse annuido ás condições necessarias para essa conciliação. Mas eu não estava então ao facto de todos os negocios; o nobre ex-ministro dos negocios estrangeiros, sciente delles, e pesando o que sabia, julgou que nos interesses do Brasil estava estabelecer a mais restricta neutralidade. Vio nestas questões, questões puramente internas, em que não deviamos de forma alguma intervir; principalmente porque reconheceu que as paixões estavam azedadas de tal modo, que a nossa intervenção seria inutil, uma vez que não tivessemos de recorrer ás armas, e era isso o que S. Exc. não julgava conveniente aos interesses do imperio. Mas como pretende o nobre senador attribuir ao ministerio actual o resultado desta politica?

O Sr. D. Manoel: — Eu não disse isso.

O Sr. Presidente do Conselho: — Se o discurso não for alterado, apparecerá com essa inculpação ao ministerio actual.

Como pretende o nobre senador imputar ao ministerio o tratado de S. José de Flores, celebrado em 10 de julho do anno passado? Note o senado que quando da minha cadeira dei um ligeiro aparte, fazendo ver que a esse tempo não podia saber-se em Buenos-Ayres da organisação do ministerio actual, o nobre senador tornou-me que havia muito tempo era sabido que o ministerio anterior devia cahir!

Ora, supponha-se que se tinha presentido a queda do ministerio anterior, queda que não presenti, pois que ainda hoje confesso que não via razão para que elle cahisse. Não attribuo esse resultado senão á fadiga em que estavam os nobres ministros de soffrer os doestos de certos membros da opposição; não o attribuo a outra circumstancia, porque o ministerio, comquanto tivesse uma opposição forte na camara dos deputados, tinha comtudo uma incontestavel maioria; comquanto tivesse uma opposição tambem forte no senado, tinha comtudo tambem aqui incontestavel maioria. Portanto, não via a necessidade da sua retirada do poder, nem eu a explicaria uma vez que não partisse essa necessidade de questões internas, ou desse cansaço que costuma apparecer muitas vezes pela causa a que ja me referi.

Mas demos que se tinha presentido a demissão do ministerio: tinha a corôa ja declarado a quem havia de incumbir a organisação do novo ministerio? Poderia alguem, mesmo no paiz, indicar quem seria o organisador do ministerio, e quaes seriam os seus membros? Creio que não. O primeiro que certamente não poderia suspeita-lo era o mesmo nobre senador que o disse por que como o nobre senador costuma referir o que lhe dizem, tambem será permittido aqui dizer que o nobre senador me classificava entre os homens impossiveis: o que sem duvida prova que o nobre senador engana-se muitas vezes nos seus raciocinios; que a corôa consulta o que julga mais de conformidade com os interesses do paiz, e que entre nós não existe pessoa alguma que seja impossivel.

Mas, como disse, Sr. presidente, se o mesmo nobre senador tivesse de dar informações a tal respeito, dar-me-hia como impossivel, como podiam na Confederação Argentina o general Urquiza e os ministros inglez e francez ter presentido a organisação do ministerio actual para em consequencia disso celebrarem o tratado de S. José de Flores?.. A paixão, senhores, o odio, e... outros sentimentos de que muitas vezes se resentem os discursos do nobre senador pelo Rio Grande do Norte, o induzem em muitos casos a não usar de sua alta razão, para formar semelhantes imputações, que não podem de modo algum resistir ao mais leve raciocinio.

Restabelecendo, pois, sómente a data do tratado de S. José de Flores, e tendo o que diz o Sr. ex-ministro dos negocios estrangeiros a respeito da politica seguida nas dissensões que appareceram entre o general Urquiza, director da Confederação Argentina, e a provincia de Buenos-Ayres, tenho sufficientemente demostrado que nenhuma culpa pode caber ao ministerio actual por esse tratado; antes o tratado de S. José de Flores, Sr. presidente, foi celebrado pelo general Urquiza tres dias antes da sua partida para a provincia de Entre-Rios, e de declarar que não continuaria a guerra contra Buenos-Ayres, que deixaria essa provincia entregue a si mesma.

Esse tratado, como disse, foi celebrado tres dias antes. Ora, todos estão ao facto das phases por que passou esta contenda. Algumas vezes as noticias que chegavam eram a favor de Urquiza, outras a favor da praça. Pouco antes dos successos de julho as noticias que havia nesta côrte eram todas a favor de Urquiza; mas Buenos-Ayres tinha em seu apoio o papel-moeda; e as tropas de Urquiza, desde que se usou do papel-moeda e se perdeu a flotilha, dissolveram-se em grande parte. Conseguintemente o general Urquiza na necessidade de emigrar para a provincia de Entre-Rios, tendo até então resistido ao pedido de um tratado que lhe faziam os ministros de Inglaterra e França, celebrou nestas circumstancias o tratado de S. José de Flores.

Que culpa podia vir ao governo do Brasil deste recurso de que Urquiza lançou mão em semelhante extremidade? Como pode ser responsavel por semelhante resultado o ministerio actual, que então não existia? Senhores, no estado em que se achavam ambos os partidos, resistindo a todas as tentativas de conciliação, não era possivel uni-los sem que tentassemos a guerra. Foi esta politica que o ministerio anterior não quiz seguir; e o ministerio actual parece que bem se decidio a este respeito, porque nas circumstancias em que achou o negocio não podia voltar atraz, não podia ja estabelecer outra politica; a menos que se pretenda sustentar que deviamos formar uma nova alliança com o general Urquiza para marchar sobre Buenos-Ayres, e impor a esta provincia as leis do congresso da Confederação, que aquella provincia parece recusar.

Senhores, as paixões se acalmarão; o tempo produzirá essa grande obra. A força seria um meio não só ineficaz, mas tambem pernicioso para o conseguir. Quando as paixões acalmarem, os que obedecem hoje a Urquiza, assim como os que obedecem a Buenos-Ayres, conheceram que o seu verdadeiro interesse he estarem unidos, que uma conciliação se deve fazer nesse sentido para que a Confederação fique unida e forte como convém á America.

Longe de ser contrario a essa união da Confederação o governo, cada um dos ministros a tem como necessaria e util, não só a mesma Confederação, mas ao imperio, e formo sinceros votos para que isto se alcance. Mas entendo, senhores, que a força he ineficaz para o conseguir; que uma intervenção directa e armada devia sem duvida fortificar mais os sentimentos de odio que existem, em vez de acalma-los e destrui-los.

Era este o objecto, Sr. presidente, para que especialmente eu pedira a palavra; mas não deixarei ainda de dizer alguma cousa sobre a accusação que fez o nobre senador pelo Rio Grande do Norte ao Sr. Paranhos, de ter promovido a revolta de setembro do anno passado em Montevidéo.

Ja em outra occasião disse, Sr. presidente, o que se passou; mas o nobre senador, que tem desejos de imputar-nos factos que sejam deshonrosos ao ministerio, não fez caso da minha contrariedade, disse que era uma historia. O que referi de conformidade com as communicações officiaes, e com as discussões e publicações da quelle paiz, não he exacto; o que he exacto he o que o nobre senador bebe nas informações de alguns calumniadores desejosos de prejudicar o ministro do Brasil porque não se unio aos seus interesses, ás suas vistas. Isso he que he exacto!.... Vê-se, pois, que não ha da parte do nobre senador desejo de esclarecer-se.

Muito embora cause assim mal ao paiz! Muito embora, apresentando a politica do Brasil hostil aquellas republicas, possa produzir alli odios, sentimentos que não merecemos! Isso satisfaz o rancor que o nobre senador tem aos membros do ministerio actual; he quanto lhe basta.

Mas Sr. presidente, mesmo sem olhar para os relatorios, para os documentos officiaes, os factos materiaes alli estão para provar que o Brasil não tinha interesse nenhum em promover uma revolução em Montevidéo. Demonstra-se com effeito que de sorte alguma o Brasil podia suscitar a revolta á vista dos factos occorridos, factos incontestaveis.

Que não queriamos uma revolução em Montevidéo prova-se primeiramente com o facto de haver o Sr. Paranhos garantido o imprestimo de 84,000 pesos quando o ministro Castellanos achava-se em graves embaraços. Se o ministro do Brasil desejasse a queda do ministerio do Sr. Giaó, e pô-lo na impossibilidade da organisar outro, não comprometteria a sua responsabelidade a ponto de garantir um emprestimo para que não estava autorisado pelo governo.

Depois, todos sabem que quando o Sr. Giró se recolheu á legação franceza o Sr. Paranhos estava negociando, a pedido delle e dos seus ministros, com o general Pacheco y Obes a expatriação deste da republica, porque a sua estada em Montevidéo entretinha a agitação da tropa de 1.ª linha e podia ser instrumento de revolução. O Sr. Paranhos entrou neste empenho com toda a lealdade, e já tinha conseguido do general Pacheco y Obes a promessa de annuir. He certo que a agitação que então reinava fazia com que o general Pacheco y Obes não se prestasse a essa exigencia sem estabelecer suas condições a respeito da influencia que julgava devida ao partido colorado, a que elle pertencia.

Mas, Sr. presidente, quem aconselharia o Sr. Giró em taes circumstancias, a recolher-se á casa da legação franceza? Seria o Sr. Paranhos? Ignora o nobre senador os factos? E, Sr. presidente, o mais natural não era suppor-se que promessas se fizeram ao Sr. Giró que o induziram a crer na possibilidade de obter uma solução das questões que então se agitavam por outro meio alheio do concurso da legação do Brasil? He facto que essas promessas falharam, que a declaração do Sr. Giró de que se achava na legação franceza por considerar-se coacto deu causa ao pronunciamento do coronel Flores e á realisação da revolução. Nenhuns soccorros daquelles que haviam sido promettidos ao Sr. Giró para outra solução das questões que então se agitavam, lhe foram dados.

O paiz com pouca agitação aceitou a nova situação, e o Sr. Giró sahio á final da legação franceza para bordo de uma fragata da mesma nação. Mas quando constou que em todo o paiz estava aceita a administração do coronel Flores e dos outros membros do governo provisorio, o Sr. Giró recolheu-se para terra, e pareceu querer entrar nas condições de um simples cidadão.

O que fez então o Brasil? Todos sabem que a nossa provincia do Rio Grande do Sul tem grande sympathia pelo partido colorado; que alli ainda se recordam das violencias soffridas do general Oribe á testa do partido blanco; de maneira que com reluctancia, de máo grado, senão a tropa de linha, mas a guarda nacional do Rio Grande do Sul, concorreria para intervir em favor do partido blanco; mas o governo imperial era tão contrario á revolução, estava tão decidido a cumprir os tratados, que, não obstante todas essas considerações, mandou immediatamente ordem para postar-se na fronteira uma divisão de 5,000 homens, e para que a estação naval fosse augmentada.

O governo imperial declarou então ao Sr. Giró que estava prompto para cumprir o tratado se elle se achasse nas circumstancias previstas no mesmo tratado, isto he, devendo o governo imperial obrar como auxiliar e não como parte principal. Todos sabem que appareceu de novo a agitação naquelle Estado; diligencias se empregaram para que o Sr. Giró se puzesse nas condições de ter por si uma força tal que as que do Brasil fossem em seu soccorro se pudessem considerar como auxiliares e não como principaes. Estes esforços se mallograram. A agitação deu pequenos resultados; o Estado Oriental tornou de novo a pacificar-se. Todos os que se oppunham ao governo provisorio se ausentaram, ou foram derrotados.

Por ventura considerava o Sr. Giró nessa epoca a legação brasileira como inimiga, como contraria? Ahi estão os seus officios que mostram o contrario. Ignora-se que o Sr. Giró, vendo-se ameaçado, recolheu-se a casa da legação, e que alli se conservou até á vespera da sahida do Sr. Paranhos para esta corte, época em que se asylou em um navio brasileiro? Pois se o Sr. Giró enxergasse no Sr. Paranhos o autor de sua queda, entregar-se-hia sob a sua guarda, á protecção do governo do Brasil? Não se sabe que nestas circumstancias a legação do Brasil servio de apoio a muitos blancos perseguidos, e mesmo a alguns colorados que divergiam do modo de ver das pessoas que estavam no govêrno? São factos conhecidos, Sr. presidente, e incontestaveis; mas o que importa isso áquelles que a todo o custo querem fazer imputações, apoiados em cartas que se queixam do governo do Brasil, porque este não se quiz collocar á mercê das facções? O que se importam esses com os factos patentes?

Como dizia, Sr. presidente, o Sr. Giró esteve asylado em casa do ministro do Brasil até a sua vinda para esta corte; e então se passou para um navio de guerra brasileiro. Por consequencia, digo, o Sr. Giró tinha plena confiança na lealdade do ministro: sabia bem que elle nenhuma parte tinha tido na revolução que se havia effectuado. De certo o Sr. Giró desejaria que o governo do Brasil o coadjuvasse senão no interesse privado, ao menos por aquillo que elle julgava ser o interesse do seu paiz, o restabelecimento do seu governo, ou do governo do partido blanco; mas o governo do Brasil não o fez, porque, como ja observei, a isso não estava obrigado pelos tratados.

Antes que o Brasil se relacionasse com o governo provisorio, todas as legações estrangeiras o tinham feito, reconhecendo-o, senão como governo de direito, ao menos de facto. A legação brasileira era a unica que se conservava em reserva rigorosa. Porem, Sr. presidente, as nossas fronteiras se agitavam; muitos Brasileiros ja cogitavam de expedições para tomar vinganças de algumas depredações feitas por mando de Fructuoso Rivera. O governo imperial julgou que devia reconhecer o governo estabelecido e apoia-lo para evitar o desenvolvimento de facções, e que alli se estabelecesse a anarchia.

Quando o Sr. Amaral se apresentou em Montevidéo o mesmo partido colorado não era unanime em apoiar o governo provisorio. Muitas pretenções havia; todos os que se propunham á presidencia da republica desejavam que o governo imperial não prestasse o menor auxilio ao governo provisorio; porque entendiam que sem o apoio moral que viria deste auxilio o governo provisorio cahiria. Mas, senhores, o governo imperial nenhum interesse tinha em sustentar estes ou aquelles individuos; o seu interesse era que um governo estavel, de ordem, se estabellecesse; que a anarchia não apparecesse em seu lugar.

O coronel Flores tinha a seu favor a força e muitas adhesões na campanha; mas tinha contra si certos pretendentes á presidencia. O governo imperial julgou que o auxilio que tantas vezes lhe tinha sido solicitado não podia ser negado sem risco de manifestar-se a anarchia, novas agitações, a guerra civil e o derramamento de sangue. Era o mesmo partido vencedor que disputava a presidencia. O gover imperial, sem ter candidato, confiou que a assembléa elegeria aquelle que mais digno fosse, que estivesse mais de conformidade com os interesses do Estado Oriental, e nesse supposto, o governo imperial, se deu algum apoio, foi o moral o que proveio do reconhecimento e de continuar a apresentar um auxilio. Havia a convicção de que sem este apoio moral, unico que deu, a guerra civil surgisse; e elle não estava, nem nos interesses do Estado Oriental, nem nos do Brasil.

Se o Brasil tivesse vistas de um protectorado que absorvesse a independencia daquelle estado, podia deixar que a republica se arruinasse pela anarchia. Mas o Brasil, senhores, contenta-se com a politica dos tratados; e a politica dos tratados não he o protectorado das ilhas Jonias, com a absorpção da soberania, seja para a decisão dos negocios internos seja para a decisão dos negocios externos; he, quando muito, a protecção que a Inglaterra dá a Portugal desde o tratado de Methwen. Não se falle pois em protectorado, tendo em mente dar idéa de absorpção de soberania, ou nos negocios internos, ou nos externos. O Brasil não cogita de protectorado de semelhante ordem; existem tratados, e o Brasil, obrigado a observa-los, trata de cumprir seus deveres.

Nesta occasião seja-me permittido chamar a attenção do senado para o gosto particular com que o nobre senador pretende que taes tratados foram impostos pela força! O que lhe importa que os factos averiguados demonstrem o contraio? Zomba da demonstração desses factos; apraz-lhe tornar-se écho de uma imputação feita por inimigos encarniçados do Brasil; e então condemna á politica do Brasil, politica que aliás o Sr. senador reconhece que se deve seguir, porque entende e sustenta que se devem observar os tratados! Ora, que razão tem o Sr. senador para dizer que os tratados foram impostos pela força? Ja se tem feito o historico destes tratados. Elles eram com grande afãa requisitados pelo governo da praça; vieram esboçados de Montevidéo, e o governo imperial resistio por longo tempo ás instancias para a sua celebração. Quando os fez em 12 de outubro ja se contava com o proximo triumpho da praça; porque ja era conhecido na corte que o general Urquiza se achava em Santa Luzia; que havia grande desanimo no exercito contrario, e que eram muitos os individuos desse exercito que se tinham passado para o daquelle general. Ja Montevidéo estava desafrontado dos maiores perigos em que o sitio o tinha posto.

Nestas circumstancias os tratados foram aceitos e ratificados pelo governo da praça. He verdade que posteriormente foram recusados, e isso deu lugar á nota a que se referio o nobre senador. Não sei porem com que fundamento possa o nobre senador inculpar o governo do paiz, dizer que os tratados foram impostos pela força, só porque se exigio que elles fossem observados!

Senhores, os tratados não estavam pendentes de ratificação, nem de nenhuma outra approvação: tinham sido ratificados, e portanto estavamos no nosso direito exigindo a sua observancia. Se o nobre senador estivesse possuido de espirito de justiça, sem duvida reconheceria que o governo do Brasil foi muito moderado; em vez de vir imputar-lhe a imposição de taes tratados pela força, ter-lhe-hia talvez censurado a nimia condescendencia com que admittio depois disso algumas modificações no tratado de limites.

Depois de defender a politica externa do gabinete, o orador defende tambem a interna.

Tratando do programma offerecido pelo mesmo, exprime-se nos seguintes termos:

E a proposito desta observação, seja-me permittido fazer sentir que o ministerio actual, sem se ter proposto a destruir os partidos, por julgar que isso seria uma utopia, uma impossibilidade, tem comtudo tido a satisfação de ver que o seu duplo programma de progresso e de conciliação tem sido abraçado por muitas notabilidades daquella opinião. Tem tido o prazer de vê-las chegarem-se ao programma formulado pelo ministerio, e de contar com a cooperação de mui dignas pessoas pertencentes áquelle lado. E seja-me tambem permittido dizer que em toda a parte onde o pensamento do ministerio tem chegado tem dominado o espirito de conciliação....

O Sr. D. Manoel:—Não apoiado.

O Sr. Presidente do Conselho:—Não admira que o nobre senador não apoie; sei que isso o enraivece; he um dos motivos da sua colera contra o ministerio...

O Sr. Hollanda Cavalcanti:—Sim; mas diga tambem isso sem colera.

O Sr. Presidente do Conselho:—E he isso mesmo, he o bom exito que tem tido este programma que faz ralar o nobre senador. Mas he tambem grande motivo de prazer para o ministerio vê-lo ralado por esse exito porque o nobre senador apresentava a idéa de conciliação talvez como uma utopia em que queria emmaranhar-nos; mas o ministerio, que não quiz a utopia, formulou um programma amplo e exequivel, e disse:—« Este programma ha de ser realmente observado; he de progresso, de conciliação. O ministerio não olha aos partidos anteriores; aceita todas as adhesões. » Ora, esta politica tem sido bem recebida; não temos perdido nem um só dos nossos antigos amigos politicos, e temos ganho muitas adhesões....

O Sr. D. Manoel:—Muitas!

O Sr. Presidente do Conselho: —E he isto exactamente do que o nobre senador não pode gostar, e que tanto o faz ralar-se. Mas isto que he motivo de grande desprazer para o nobre senador, he precisamente de grande satisfação para mim.

O Sr. D. Manoel dá uma risada.

O Sr. Presidente do Conselho:—Essa mesma risada he signal manifesto dos soffrimentos da alma do nobre senador, não obstante a sua grandeza.

O Sr. D. Manoel:—Tenho alma maior do que V. Exc. pensa.

O Sr. Presidente do Conselho—Sei muito bem que o nobre senador não deixa o seu elogio em mãos alheias. Isto não he novo.

Senhores, continuaremos a ser fieis ao programma politico que offerecemos: continuaremos a observa-lo com lealdade, e esperamos que jamais se nos encontre em opposição com elle.

O Sr. Hollanda Cavalcanti diz que não deseja ficar mal com o nobre presidente do conselho, nem com o seu velho amigo o Sr. Visconde de Abrantes, lamenta não ser entendido, especialmente por quem o não quer entender, e depois continua da maneira seguinte:

Antes de fallar pela primeira vez a respeito da resposta á falla do throno, tratando-se da publicação dos nossos debates, observei que esperava esta occasião para fazer uma humilde petição a respeito da necessidade de se guardar a constituição, e citei o artigo constitucional que prescreve o exame. Quando se pôz em discussão o voto de graças, foi esse o meu ponto. Até compromettia-me a votar pelo projecto de resposta ao discurso da corôa; não insistia muito ácerca desses elogios alli dados; annuia, condescendencia, contanto que a palavra— constituição — fosse inserida na resposta. Não queria uma petição aspera, queria mesmo humilde e indirecta. Supponho que disse isto; pode ser que eu esteja esquecido; mas creio que esta foi a base dos meus discursos nesta discussão.

Eu quero tornar-me mais claro, quero manifestar qual foi sempre a minha intenção. Eu quereria, *v. g.*, que nesta resposta, depois dos incensos, que são todos poucos quando tributados á corôa, mas que são excessivos quanto á administração, porque esta resposta, posto que dirigida á corôa, todavia tem muita relação com seus conselheiros; eu queria, digo, que nesta resposta se deixasse tudo isto, comtanto que neste segundo periodo, em que se diz: « O senado aceita com o mais profundo reconhecimento a congratulação de V. M. I. pela paz e tranquillidade que a Divina Providencia nos tem concedido, e que a sabedoria do governo de V. M. I. tem procurado manter, » se redigisse a ultima parte do seguinte modo: « e que a sabedoria do governo de V. M. I., escudada na constituição, procurará manter. » Bastava-me isto; tanto mais que eu disse logo que não era a minha tosca phrase que poderia ser enxertada nesse ramalhete. Por isso eu pedia á nobre commissão que no seu gabinete traçasse algumas phrases que dispertassem a execução desta constituição, que tantos dizem que está defunta...

O Sr. Costa Ferreira: — He uma verdade.

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — ... e eu digo que não.

O Sr. Costa Ferreira: — E eu digo que sim.

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Não quero a resurreição, quero a convalescença, o seu completo restabelecimento.

Supponho que fallei portuguez bem claro. Sobre isto foi que mais insisti. Não entrei em grande analyse sobre o não cumprimento da constituição: trouxe o ponto essencial, e este permitta V. Exc. que eu reserve para o fim do meu discurso. Ainda hei de insistir nelle, porque vejo que tenho sido mal entendido, apezar de que eu não devia ser mal entendido pelo nobre presidente do conselho; até suppunha que esta minha opinião seria muito agradavel a S. Exc.

Não faço mao conceito do nobre presidente do conselho; vejo que tem occasiões em que mostra bons desejos, mas não sei porque fatalidade esses bons desejos são contrariados, entretanto que lhe sobram muitos meios de os levar a effeito!

O nobre senador pelo Ceará ainda insistio sobre as praticas inglezas; ainda sustentou que as pequenas informações que dei acerca dessas praticas não são concludentes, não são apropriadas. O nobre senador aceita qualquer outra occasião, menos esta; e eu tenho a desgraça de entender que esta he a mais propria; porque não vejo nem na fixação de forças nem na fixação das despezas, opportunidade para isso; nem sei mesmo que o senado esteja na posse de fazer uma moção especial.

O nobre senador fallou ate em interpellações. Parece que se esquece ás vezes que he antigo nesta casa, tem muitas lembranças de deputado, tanto que ás vezes, como ainda hoje, chamou deputado ao senador. Pondere o nobre senador que estas interpellações são da camara dos Srs. deputados. (*Apoiados.*) Se fossem de cá eu aceitaria o conselho do nobre senador; mas se não são, como não terei desculpa de estar persuadido que esta he a occasião opportuna?....

Não presuma o nobre senador que eu me julgo excepção; quando digo que as praticas inglezas são mal entendidas por muita gente, fallo tambem a meu respeito. Quem sabe quantas blasphemias digo quando fallo das praticas inglezas? Os Inglezes mofam, escarnecem dessa presumpção, por parte dos estrangeiros, de entenderem o seu governo. Qual o motivo porque muitos governos que tem adoptado a fórma mixta, isto he, a fórma monarchico-representativa, tem naufragado? He porque querem desde o principio imitar as praticas inglezas, para que os seus paizes não estão habilitados; por isso desacreditam-se o naufragam.

Citei o exemplo das eleições de Inglaterra; e o nobre senador disse: « O que tem as eleições com o nosso caso? » Não merecerei desculpa de achar alguma analogia, quando vejo n'um paiz que adoptou a fórma representativa, em que se dá ao povo direito de eleger seus representantes para em um parlamento discutirem os negocios publicos, as eleições são feitas com o reconhecimento mais proximamente possivel da vontade do povo, e que entre nós, onde se diz que existe a mesma fórma de governo, o povo he quem menos entra nesses negocios de eleição? Pois não haverá por ventura algum motivo para que eu fundamente a discrepancia que se nota entre o Brasil e Inglaterra?

Eu já disse que na Inglaterra quem elege he a propriedade territorial, ou as fortunas pecuniarias; que alli, antes das questões serem suscitadas no parlamento, já tem sido discutidas; ja se tem formado a opinião a seu respeito; já se tem uma clientella para as sustentar ou repellir, e que se fazem esforços constantes, emprega-se a maior perseverança, para que depois se possa conseguir o fim desejado.

E entre nós o que acontece? Se o proprietario não dá ao governo o seu voto e os de que dispõe, ai da sua propriedade, que fica exposta aos capangas do poder!

O Sr. Vergueiro:—Apoiado.

O Sr. Hollanda Cavalcanti:—O nosso proprietario receia que o juiz o metta na cadeia, e que se veja na necessidade de dizer-lhe: « Solte-me, que lhe darei os votos que quizer. » Acaso estarei dizendo alguma falsidade?

O Sr. D. Manoel:—He verdade pura.

O Sr. Hollanda Cavalcanti:—Na Inglaterra ha disto? O parlamento inglez tem alguma semelhança com o nosso parlamento? He preciso pois que esta differença seja tomada muito em consideração.

E a nossa constituição quer isso que vemos no nosso parlamento? Não he uma ferida feita na constituição? Não he abusar dos meios que a nação põe á disposição do governo, emprega-los para conspirar contra as suas instituições, contra a sua liberdade?

O Sr. Costa Ferreira:—Apoiado!

O Sr. D. Manoel:—Apoiadissimo; muito bem!

O Sr. Hollanda Cavalcanti:—O que se responde a isto? « São idéas excentricas; se quereis a accusação perpetua dos ministros, para que não vos accusais a vós mesmos? » Uma de duas: ou eu ou quem diz isso deve estar la no hospicio de Pedro II. (*Risadas.*) Serei eu; mas, graças a Deos, tenho quem me entenda, quem me perceba muito bem.

Comparei, senhores, a organisação do nosso senado com o da Grã-Bretanha; e mostrei o que poderia ser uma opinião desta casa, e uma opinião do parlamento inglez; mas a nada disso se attendeu. « O lugar não he proprio para a discussão. Só quereis accusar os ministros. » Oh! Sr. presidente, eu não quero accusar os ministros: quem tem telhado de vidro não atira pedrada. Eu tambem fui ministro, e se accusações se fizerem, podem talvez recahir algumas sobre mim, e não as quero. Eu só quero que faça uma humilde petição á corôa; que despertemos os ministros ácerca do cumprimento de seus deveres. Eis o meu proceder de hoje e de outr'ora.

Eu me recordo, Sr. presidente, que já accusei a um ministro; accusei-o porque o meu dever a isso me impellia; mas quanto pezar não tive de não poder defender a esse mesmo homem a quem accusava? E por ventura essa accusação foi improficua? Prouvera a Deos, Sr. presidente, que tentativas desta ordem tivessem sempre os mesmos resultados!

Houve outra accusação, e sinto que não esteja presente o Sr. presidente do conselho; talvez fosse S. Exc. um das autores e promotores della. Essa accusação veio ao senado; eu tive a honra de defender o accusado. Fui eu que o defendi; os homens do poder eram os que o accusavam; estava no poder o Sr presidente do conselho.

O Sr. D. Manoel:—Outros tempos!...

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Tirem as consequencias, tirem os corollarios das minhas opiniões e das dos outros.

« Para que accusações, se temos tantos outros meios? » Ora, senhores, custa muito a fazer na resposta á falla do throno uma lembrança da constituição? A constituição merece tão pouco? Não he por ella que estamos aqui?

O Sr. Vergueiro: — Os filhos conspiram-se contra as mãis.

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Se o senado, se a maioria não quer... Senhores, eu não me offendo com as maiorias, como presume o nobre presidente do conselho; contento-me com o cumprimento do meu dever, com emittir franca e respeitosamente a minha opinião.

Não trouxe, quando fallei da Inglaterra, nem os seus costumes, nem a sua administração da justiça. A administração da justiça na Inglaterra póde ser comparada com a nossa? Recordo-me de um discurso notavel de um grande estadista que ainda hoje vive, e a quem, embora não tenha tratado bem o meu paiz, não posso negar o reconhecimento de seu merito. Fallo desse estadista inglez, cujo nome agora não me occorre... desse que reclamou para os Inglezes o *civis romanus sum*.

O Sr. Vergueiro: — Lord Palmerston.

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Quando Lord Palmerston, nesse discurso notavel, descreveu a administração da justiça em alguns paizes, eu, senhores, vi o retrato da nossa administração da justiça.

Que conceito, que estima, que consideração poderemos ter no mundo civilisado, nós que nos vangloriamos de estar á testa dos melhoramentos e civilisação da America do Sul, quando temos semelhante administração de justiça

Ainda ha pouco li na *Revista Maritima*, que no Chile um ministro dizia que aquella republica estava na vanguarda da civilisação da America. E porque não ha de estar? O que sei he que neste ponto somos suspeitos; temos muitas mazellas ácerca da tal civilisação. Tratemos de ir fazendo o que pudermos, e não queiramos ser superiores aos outros. Nada no mundo he impossivel; caminhemos como Deos nos ajudar.

Não fallei nessas e muitas outras cousas que eu, Sr. presidente, poderia citar. Mas, comquanto os estylos inglezes e a forma da constituição da Inglaterra faça a felicidade daquella nação, advirto e digo que os paizes novos devem ter cuidado na transplantação desses estylos e fórmas, porque podem ser mui funestas. E quando a nossa constituição prescreve taes e taes preceitos, procuremos cingirmo-nos á esses preceitos, e não nos importemos com os estylos das outras nações.

O nobre ministro dos negocios estrangeiros (eu ia dizendo —o Sr. presidente do conselho,— porque na cadeira deste acha-se o Sr. ministro dos negocios estrangeiros, a quem eu não via em seu lugar) devia notar o comportamento que tenho tido ácerca dos negocios externos. Não he de hoje, senhores, que não approvo a politica actual nas relações estrangeiras; sabe-o todo o mundo, e eu disse-o desde que ella começou; mas que eu queira aqui esmerilhar essa politica, não. Digam o que quizerem: que essa politica he muito applaudida; que tem tido ovações, e não sei mesmo se alguma apotheose. Não quero compartilhar taes glorias; mas entrar na analyse dessa politica, discuti-la no parlamento sem prévia intelligencia com os homens politicos do meu paiz, não o faço. E isto aprendi eu com os Inglezes.

Póde ser que eu esteja em erro, mas recordo-me de um facto, Sr. presidente occorrido logo que entrei nesta casa. Tratava-se da discussão do orçamento da repartição dos negocios estrangeiros. Um nobre senador, mui conhecido no paiz, e mui versado mesmo no antigo governo, porque então ja tinha alguma preponderancia e credito, ja havia servido lugares diplomaticos, fez uma interpellação ao ministro, e o ministro, não sei se pouco avesado ainda aos estylos das discussões, immediatamente que se lhe fez a pergunta, puxou por uns papeis e respondeu á interpellação. Causou-me aquillo alguma admiração, e ao sahir disse ao Sr. senador que se inculcava opposicionista: « Os senhores vieram ajustados. O ministro estava prevenido, e trouxe os documentos precisos para responder-lhe. » Tornou-me elle: « E destes negocios como se trata senão vindo ajustado? »

Achei que elle tinha muita razão; que nos negocios diplomaticos não se deve vir improvisar discussões no parlamento.

Pode isto ser contra os nossos interesses, as nossas conveniencias, contra o grande dever que temos de servir ao nosso paiz. Nos negocios internos podemos sem rebuço manifestar as nossas opiniões; mas nos externos não, senhores. Estarei em erro; mas entendo que na Inglaterra quando se apresentam no parlamento as discussões dos negocios externos estão ellas ensaiadas anteriormente. V. Exc. ha de permittir que eu vá insistindo nestas praticas inglezas. O negocio não he de tão pouca importencia; e são estas as que eu desejava ver adoptadas.

Quando da primeira vez fallei sobre os negocios externos, referi, Sr. presidente, ma anecdota da minha infancia. Não venho aqui contar historias para entreter a casa; venho dizer o meu pensamento e com esta anecdota resumi a minha opinião sobre a solução de muitas questões.

Eu disse então que, na minha infancia, ouvi ás pessoas que tanto se esforçaram para a minha educação que os sonhos prosperos quando contados não se realisam. Eu não sei se tenho razão para repetir isto; mas vejam bem.

Senhores, a politica dos negocios estrangeiros, comquanto deva ser franca, todavia não he para ser blaterada. E he o nobre senador pelo Ceará quem vem dizer-me: « Se a politica não he boa, qual he a vossa? qual he a melhor? » E he o nobre senador, diplomata habil do meu paiz, quem me faz semelhante pergunta?...

Senhores, não me servirei de um dito de um habil estadista inglez, quando, questionando sobre objectos de alta importancia relativo a negocios internacionaes, um dos membros do parlamento pedio-lhe que declarasse qual era a sua politica. « O doente, que precisa ser curado, quando tem o seu medico, e que este vai mal, se quer que eu dê minha opinião, chame-me para seu medico. » Não, senhores, não applicarei esse dito de um desses grandes homens da Inglaterra. Não; Deos me livre de dizer: « Se quereis que eu vos cure, chamai-me para vosso medico. Mas o que digo he que estou convencido de que os sonhos prosperos quando contados não se realisam.

A direcção dos negocios internacionaes he bem diversa da dos domesticos; mas que fazer, Sr. presidente, se os ministros que dirigem a nossa repartição dos negocios estrangeiros julgam-se o suprasummo, a quinta essencia da sabedoria e da intelligencia, e não querem dignar-se de tratar como convinha aos membros do parlamento que por ventura não partilham as suas opiniões, mas que muito devem e querem cooperar para a prosperidade e gloria do paiz? Sim, essas questões merecem prévia intelligencia; exigem que, quando viermos para esta casa discuti-las, não nos esqueçamos de um só interesse, de uma só vantagem do paiz.

Portanto, não insista o meu nobre amigo (permitta que ainda insista na palavra amigo) em que eu lhe diga a minha opinião. Não devo dize-la.

E isso não he só em relação ás potencias com quem temos interesses, questões immediatas. Outras ha que tambem pescam nas aguas turvas. Não quero dizer que desejo uma politica enigmatica; mas temo muito a discussão parlamentar a respeito de semelhantes objectos.

Digo pois que a politica he má; mas que o Sr. Giró, o Sr. Flores, o Sr. como se chame, e outros etc., são todos excellentes pessoas, e que o nosso governo procedeu sempre bem, como vós entendeis, ainda que eu entenda que a sua politica he má.

Não posso admittir que os ministros do Brasil não tenham de coração o maior interesse pela prosperidade e gloria de seu paiz na America do Sul. Eis a minha trincheira, o meu baluarte; daqui não saio. Sahiria se estivesse de intelligencia com os politicos de meu paiz; mas torno a dizer que fóra daqui só nos lembramos do Club Fluminense e da rua do Ouvidor.

Não sei se se quer votar. Serei breve, porque não desejo abusar, se querem que se vote. Não mandarei emenda; contento-me com a expressão leal e franca da minha opinião.

Ainda vou dizer alguma cousa, pouco, e então as maiorias não me podem escapar. Com effeito, ácerca das maiorias o Sr. presidente do conselho tanto torceu minhas palavras, minhas idéas, minhas opiniões, minha vida inteira, que não posso deixar de fallar.

Eu queria dizer duas palavras sobre o trafico, mas não o farei. Irei ás maiorias.

Sr. presidente, pode-se fallar mais claro do que quando digo que todos os governos governam pelas maiorias; que o governo que marcha contra a maioria não está em seu estado normal? Quando manifestei esta opinião ácerca das maiorias, não era eu ministro de estado? Não foi deste banco que eu disse bem claro; « Tenho muito dinheiro, tenho muitos empregos para fazer maiorias; mas não quero maiorias artificiaes? » Isto não era na opposição, eu era ministro da corôa quando disse: « Não quero maiorias artificiaes; quero maiorias reaes. »

O Sr. Vergueiro:— Apoiado.

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Não quero que o governo esteja sempre em risco com as maiorias, senhores; quero o cumprimento da constituição; ella dá a forma para a discussão e sancção das leis, estabelece preceitos para a união e harmonia entre os poderes politicos; dá á corôa o direito de usar do véto não do véto absoluto, mas de um véto definido. A constituição bem claramente diz que, quando a vontade das camaras se manifestar por tres legislaturas, então a maioria prevalecerá; eis o que diz a constituição; mas não diz que por uma simples petição partida das camaras, a corôa seja obrigada a saucionar essa vontade, como querem os nobres ministros. Não, não! Essa pretenção não só destróe a constituição, como até he uma verdadeira conspiração, Sr. presidente, contra as nossas instituições. Sem harmonia entre os poderes politicos os negocios não vão bem: se a corôa renuncia ás suas prerogativas, estando sempre pelo que as maiorias quizerem, onde vai isto ter?

Com as eleições como estão, supponha V. Exc... Senhores, eu tinha muitas hypotheses, mas já figurei aqui uma. Supponha V. Exc. que certos homens, constituindo a si proprios representantes do paiz, sem que este tenha sido consultado, se apoderam da representação nacional, e que firmados no principio das maiorias, querem impor á corôa todos os seus caprichos, todas as suas vontades.

A corôa pode dizer: « Não quero; » e desejoas de fazer o bem do paiz, lançar mão de outros ministros; mas estes novos homens chegando ao poder acham o lugar tomado; as camaras dizem-lhes: « Vós não servireis; ha de ser quem nós quizermos. » Ora, sendo assim, qual he a marcha que conduzem estes dados? Uma dissolução? Mas a constituição não diz que, quando o governo não tiver maioria nas camaras, as dissolva; a constituição diz que a dissolução deve dar-se em caso de perigo imminente, isto he, em caso excepcional e o caso da falta de maioria he muito commum.

Mas appellando mesmo para a dissolução supponhamos que assim deva ser. Estando o paiz organisado segundo os interesses daquelles que estão sentados nas cadeiras da representação nacional, o que haveria? O jogo das cristas! Por isso ninguem se admire de uma expressão de que tenho usado algumas vezes: « O que serão? Matilhas de cães, puxa para este, puxa para aquelle; tira para este, arrebata para aquelle outro. E depois vem outros e fazem o mesmo. » Isto he sysema razoavel? He sociedade? He para isto que nos reunimos? A contituição não pode querer semelhante cousa.

Eis o que digo: e isto tem alguma paridade com o que referio o nobre presidente do conselho? Isto he querer estar sempre contra as maiorias? Quer no governo, quer fora do governo, eu desejaria estar com as maiorias, mas para isso quero que as maiorias sejam razoaveis.

Dizem que minhas opiniões são excentricas; he verdade, mas são constantes.

Quando Galliléo dizia que a terra se movia, foi tido por heretico, e parece que, se não foi queimado, andou por perto do fogo.

Entretanto a terra move-se, todo mundo diz que a terra move-se. Não aspiro as honras de Galliléo; mas as minhas opiniões não são tão excentricas como se quer inculcar.

Tambem tenho estado no poder, tenho governado tal ou qual, e não tive maiorias contra. Apontei outro dia um facto; tive maioria contra, n'uma circumstancia em que eu achava que a devia ter; mas nunca quiz saltar pela constituição, nunca vi essa necessidade.

Se os nobres senadores bem pensarem na theoria das maiorias como nós as vemos, verão... (Sr. presidente note V. Exc. que não applico á casa, a ninguem individualmente).... verão que ministros sem responsabilidade e fautores de maiorias artificiaes, não tem outro nome senão o de instrumentos do crime...

O Sr. D. Manoel: — Apoiado; he o verdadeiro nome.

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Tem ainda outros nomes: apostolos da corrupção....

O Sr. D. Manoel: — Apoiadissimo!

O Sr. Hollanda Cavalcanti: —... eununchos de serralho! O serralho he a maioria (*sensação.*)

O Sr. Presidente (com vehemencia): —He uma injuria á maioria a expressão de que o Sr. senador se servio. Ninguem pode injuriar a qualquer membro das camaras, quanto mais á maioria.

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Eu defini qual a maioria.

O Sr. presidente: — He o mesmo; não deixa de ser uma injuria.

O Sr. presidente do conselho: — Existe alguem aqui nessas circumstancias?

O Sr. Hollanda Cavalcanti: — Não sei.

O Sr. Presidente: — Ordem!

O Sr. Presidente do Conselho: — Reclamo a ordem, Sr. presidente. (*Cruzão-se alguns apartes; morimento.*)

O Sr. Costa Ferreira impugna tambem a conducta do gabinete assim no interior como no exterior, e conclue votando contra o projecto.

A discussão fica adiada pela hora

O presidente designa a ordem do dia seguinte e levanta a sessão.

Dia 12.

A's 10 horas e meia da manhãa, feita a chamada, acham-se presentes os Srs. Mafra, Muniz, Cunha Vasconcellos, Dantas, Araujo Vianna, Paula Pessoa, Mendes dos Santos, Vianna, Rodrigues Torres, Souza Ramos, Fernandes Torres, Jobim, D. Manoel, Souza e Mello, Tosta, Marquez de Itanhaem, Vergueiro, Fernandes Chaves, Visconde de Abrantes, Visconde de Paraná, Miranda Ribeiro, Limpo de Abreu e Montesuma.

O Sr. Marquez de Valença participa que por incommodo de saude não póde comparecer.

O president[illegible] não haver casa e convida os senadores pre[illegible] a trabalharem nas commissões.

Dia 1[illegible].

A's 10 horas e meia da m[illegible]ãa, quando esteve reunido numero sufficiente de senadores, abre-se a sessão, e approvam-se as actas de 10 e 12 do corrente.

O 1.º secretario dá conta do seguinte expediente:

Um officio do ministro da justiça, remettendo os mappas da divisão ecclesiastica, demonstrando os cabidos, vigararias geraes e particulares, parochos collados, ditos encommendados, curatos, arciprestados, e vigararias foraneas, ou de vara, que existem no arcebispado da Bahia, e nos bispados do Rio de Janeiro, Pará, Maranhão, Pernambuco, S. Pedro do Rio Grande do Sul, S. Paulo, e Marianna, não indo comprehendidos os bispados de Goyaz, e Cuiabá, por se não terem recebido em tempo as informações que se exigiram.—A' quem fez a requisição.

Outro do 1.º secretario da camara dos Srs. deputados acompanhando a seguinte proposição:

« A assembléa geral legislativa resolve:

« Art. Unico. Fica approvada a pensão annual de 1:000$ rs. concedida por decreto de 24 de maio do corrente anno, a D. Germana Joaquina de Castro Mascarenhas, viuva do conselheiro Miguel Joaquim de Castro Mascarenhas, sendo 500$ rs. para a mesma viuva, e igual quantia para suas quatro filhas D. Maria Clementina de Castro Mascarenhas, D. Maria Joanna de Castro Mascarenhas, D. Maria Francisca de Castro Mascarenhas, e D. Joanna Carlota de Castro Mascarenhas, repartidamente.

« Paço da camara dos deputados, em 10 de junho de 1854. — *Visconde de Baependy*, presidente. — *Francisco de Paula Candido*, 1.º secretario.—*Francisco Xavier Paes Barreto*, 2.º secretario. » — Vai a imprimir, não o estando.

São remettidos para a secretaria varios folhetos, memorias, e mappas sobre trabalhos historicos e geologicos, offerecidos por J. D. Sturz.

ORD[illegible] DIA.

Continúa a ultima discussão adiada pela hora em 10 do corrente, do projecto de resposta a falla do throno.

O Sr. Vergueiro diz, que o discurso do Sr. ministro dos negocios estrangeiros o não offendêra, porque, comquanto elle (orador) concorresse para se fazerem algumas leis de conformidade com a nova ordem de cousas, comtudo essas leis tiveram por fim fortalecer a autoridade e não enfraquece-la. Na sua opinião só conhece uma lei que enfraquece a autoridade, que he a lei da regencia; mas declara que não concorreu de forma alguma para a promulgação d'essa lei.

Declara que aceitou de coração o systema monarchico constitucional, não só depois da declaração da independencia, mas ainda antes, quando estivera nas côrtes de Lisboa, e lhe parece que obrou bem adoptando esses principios então proclamados, com que tem estado sempre coherente, pelo que muito se lisongêa.

Diz que o Sr. ministro dos negocios estrangeiros fôra desenterrar factos antigos, para retribuir-lhe as censuras que fazia ao ministerio actual, pois que S. Exc. dissera que se tinha feito uma reunião em que elle (orador) queria impor deputados ás provincias. Declarou então que se tal tinha havido não se recordava; e parece-lhe que taes reuniões para esse fim não seriam possiveis, porque as provincias nesse tempo estavam muito altivas para receber ordens do governo, ainda não estava montada a machina infernal, as provincias obravam de per si. Alludindo á situação tenebrosa em que se achava o paiz em 1831, diz que no paiz havia tres partidos, o partido moderado, o partido exaltado, e o partido aulico ou corcunda, mas que não tardou que os dous partidos, exaltado e aulico se reunissem debaixo do nome de partido Caramurú, e assim mui difficil foi ao partido moderado resistir a esse partido; comtudo, com os grandes esforços que o partido moderado empregou, conseguio triumphar do partido Caramurú, e parece-lhe esse triumpho do partido moderado a base de todos os bens de que está gozando o Brasil, porque se o partido moderado fosse vencido, não sabe o que seria hoje o Brasil.

Assim, entende que não deve estranhar o procedimento do partido moderado, porque tendo de lutar com tantas difficuldades, tendo de sustentar com energia a causa da ordem e da razão, foi-lhe forçoso, nas circumstancias extraordinarias em que se achava commetter alguns desvios.

Parece-lhe que o partido moderado contava em seu seio parte das capacidades que hoje se acham na casa, ao menos, de alguns elle se lembra que pertenceram a esse partido.

Relativamente a dizer um dos Srs. ministros que elle se havia só occupado de cousas pequenas e de factos que não pertenciam ao actual ministerio, dirá que elle não censura os Srs. ministros, censura só os seus abusos, e abusando elles não os póde mais considerar como ministros, porque entende que uma autoridade deixa de o ser todas as vezes que não obra dentro de suas attribuições. Sabe perfeitamente que os factos que apontou não são do actual ministerio, mas vê que elle segue as pisadas, segue o trilho do seu antecessor, e por isso identifica-se com a sua politica.

Declara que, se apontou o horroroso quadro de S. José dos Pinhaes, foi para mostrar que existe a impunidade, e que os criminosos contam com ella, porque, com quanto o Sr. ministro dos negocios estrangeiros dissesse que foram tres pronunciados por esses acontecimentos, [illegible] he que só um foi pronunciado, porque o [illegible] morreu, e o delegado foi pronunciado por intervir nas eleições e não pelos assassinatos e violencias que se praticaram.

A' vista, pois, do procedimento das autoridades nomeadas pelo governo, que contam com a impunidade, porque estão autorisadas para fazer toda casta de trepolias, com tanto que venção as eleições, elle (orador) está convencido que o culpado de todos estes males he o governo pelo abuso que commette de interferir nas eleições; e he a propria declaração do Sr. presidente do conselho relativamente á eleição de Goyaz que assim o fez fallar.

O Sr. D. Manoel: —Apoiado. He réo confesso.

O Sr. Vergueiro: — .... porque o Sr. presidente do conselho declarou na casa que tinha mandado dizer para Goyaz que se votasse em tal e tal e se excluisse tal.

O Sr. D. Manoel: — Para vingar-se de um seu adversario mandou excluir seu irmão.

O Sr. Vergueiro: —Não póde crer que esse pro-

MUTILADO

cedimento do Sr. presidente do conselho fosse para exercer uma vingança pessoal, porque seria horroroso.

O Sr. D. Manoel: — Póde crer; eu o affirmo.

O Sr. Vergueiro: — Mas o procedimento do ministerio, declara o orador, ainda foi mais longe, porque demittio o presidente de Goyaz, só porque não quiz annuir ás ordens do Sr. presidente do conselho, e este procedimento não o julga digno de um ministro da corôa.

O Sr. D. Manoel: — Isso chama-se cynismo.

O Sr. Vergueiro nota que todos os que não se curvam ás ordens do governo, são considerados reprobos, e estão fóra do abrigo das leis, e foi por isso que antes apontára o caso de ter a administração de sua casa requisitado força ao subdelegado do lugar para conduzir á presença da autoridade um colono fugido, e o subdelegado respondêra que, sendo para um adversario do governo não tinha que dar força alguma. Julga que o governo não sabe que a maior parte das autoridades policiaes da sua provincia são individuos que precisam ser vigiados pela policia, em consequencia do seu comportamento immoral, porque se o governo o soubesse, está persuadido que elle arripiava carreira.

Se o governo soubera, diz o orador, que para se fazerem as eleições em S. Paulo houve um conclave em que se disse— façam tudo quanto quizerem que o governo approvará, com tanto que não entre nem um só liberal na votação— e que os homens do conclave, conscios da sua insignificancia, se serviram de homens que poucos dias antes consideravam como faccinorosos para fazer as eleições, porque contaram com a audacia desses faccinorosos para vencer ainda que fosse a bacamarte, como o padre Chico de Pindamonhangaba e outros, está certo, diz o orador, que o governo arripiava carreira; mas vê com desprazer que o governo continue na mesma marcha do seu antecessor, e por isso não póde deixar de censura-lo; porque entende que isto he a immoralidade que vai progredindo espantosamente e nos vai conduzindo para um abysmo.

Acrescenta que não ha civilisação completa senão quando ha moralidade. Já fez a distincção entre a civilisação moral, e a civilisação material, essa que dizem nos viera da Costa de Africa, e não se illude com esses aformoseamentos de ruas, essas estradas, esses theatros, esses bailes e clubs, porque considera a materia muito abaixo do espirito.

Assim, só dirá que o Brasil está civilisado quando, a par da civilisação material, houver moralidade.

O Sr. Montesuma: — (para uma explicação). Diz, que tendo-se dignado o Sr. senador pelo Ceará tomar em consideração algumas reflexões que fizera por occasião da discussão de resposta á falla do throno; precisa de explicar o seu pensamento relativamente a duas proposições por elle (orador) proferidas, e que o dito Sr. senador entendera de modo diverso porque elle o entende.

Que o Sr. senador pelo Ceará dissera que elle se oppunha á alliança entre o Brasil e o Uruguay, mas pedia licença a S. Ex. para observar-lhe que já declarou que aceitava essa alliança como facto consummado; e com quanto se tivesse opposto a ella, com tudo não desejava agora, depois de feita, acabar com ella, porque conhecia que era util. O que queria era que fosse feita com mais solidas bases, e menos onus para o imperio.

Até agora não vê as vantagens que o Brasil tem tirado dessa alliança; pode ser que o futuro as demonstre, mas desde já reconhece as vantagens que della tem tirado a Republica Oriental, porque a sua renda da alfandega que nos melhores mezes chegou a 80 mil pesos, chegou no mez passado a 130 mil pesos, quasi o dobro, o que sem duvida, em sua opinião, era devido á paz, ao socego que reina na republica, e que he ajudado a manter por nossas forças. A respeito do modo por que o Sr. senador pelo Ceará entendera as suas palavras quando fallou de fortificações, de nossa fronteira, dirá que não se referio a fortificações de pedra e cal, mas sim á conveniencia de se escolherem na fronteira pontos estrategicos que sejam occupados por nossas tropas.

Tendo dado estas explicações, pede que lhe seja permittido dizer duas palavras sobre a conveniencia ou inconveniencia de se adoptar a pratica ingleza relativamente á discussão de resposta á falla do throno. Sempre foi de opinião que a pratica ingleza era preferivel a estes debates longos e estereis, e entende que se[...] que affirmara o Sr. senador pelo Ceará, quando disse que, em regra, a discussão da resposta á falla do throno era em Inglaterra uma discussão de formula, de cortezia, não ha a menor duvida.

Crê que o Sr. senador pelo Rio Grande do Norte estava de accordo com o Sr. senador pelo Ceará, quanto a pensarem que na discussão do projecto de resposta á falla do throno só se tratam questões de alta politica, e que as questões de administração ficam para quando se tratar dos orçamentos.

Lisongeia-se de estar igualmente de accordo com os Srs. senadores pelo Rio Grande do Norte pelo Ceará, acerca deste ponto.

Nota, porém, que não pode concordar com a opinião do Sr. senador por Pernambuco, o qual quer que na discussão da resposta á falla do throno se trate de examinar minuciosamente se a constituição tem sido gdardada, o que se não póde fazer sem se entrar nas questões de administração; porque he impossivel verificar-se esse exame, tratando só da politica; ha de infallivelmente tratar-se das questões administrativas, que, em sua opinião, entende que devem ficar para quando se tratar dos orçamentos.

Que o nobre senador se acha isolado em sua opinião, porque nenhum orador desta camara nem da dos deputados teve em mente fazer o exame a que o nobre senador alludio ou cumprir o art. 173 da constituição, pelo menos que elle orador, que tem tomado muitas vezes parte na discussão da resposta á falla do throno, nunca teve em vista o cumprimento desse artigo constitucional.

Diz que outra proposição fora aventada mas não demonstrada; por quanto tendo-se affirmado ter havido violação da constituição, accusação esta que vai de accordo com o que se diz fora da casa, porque se assevera que a constituição está morta: não se apresentaram com tudo quaes os factos com que se prove essa violação.

Que esta accusação era gravissima e sua materia muito importante; por consequencia cumpria saber quaes os factos praticados pelo governo, pelos quaes foi violada a constituição, para que o paiz os saiba, e se imponha ao deliquente as penas que a lei estabelece.

Accrescenta que uma accusação destas não deve ser vaga, he preciso factos positivos, e o que se apresentou até agora não tem esse caracter, porque o que apenas se diz he que o governo interveio nas eleições; o que não sabe se será uma verdadeira violação da constituição.

Nota que o outro ponto da accusação foi a corrupção e a immoralidade que lavram pelo paiz: diz que detesta, como todos, a corrupção e a immoralidade, mas que os factos provam que esses males não existem.

Explica a causa porque a camara dos deputados se acha em unanimidade a favor do governo, não sendo ella o resultado da corrupção, e mostra que no senado ella tambem se não dá porque as opiniões de hoje são as mesmas que eram o anno passado.

Encerrada a discussão, he o projecto de resposta á falla do throno approvado.

Passa-se a nomear a deputação que deve apresentar a S. M. o Imperador o voto de graças, e são eleitos os Srs. Marquez de Itanhaem, Paula Pessoa, Hollanda Cavalcanti, e Fernandes Chaves: fazendo igualmente parte desta deputação os Srs. Visconde de Abrantes, Souza e Mello e Tosta, membros da commissão que redigio o voto de graças.

São approvados, sem debate, em 1ª e 2ª discussão para passar a 3ª, os projectos de resolução da camara dos Srs. deputados, um approvando a aposentadoria concedida ao desembargador Gabriel Mendes dos Santos, e outro autorisando ao governo a mandar pagar ao general Francisco José de Souza Soares de Andréa os vencimentos que lhe competiam como commandante do exercito na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul; em 2ª e ultima discussão o parecer da commissão de marinha e guerra sobre o requerimento de D. Maria Magdalena Gonzaga, e em 3ª discussão para ser remettido á camara dos Srs. deputados, indo primeiramente á commissão de redacção, o projecto de resolução da commissão de naturalisação, autorisando o governo a conceder carta de autorisação de cidadão brasileiro ao Dr. José Francisco Sigaud.

O Sr. presidente declara esgotada a ordem do dia, e dá para a da seguinte sessão a 1ª e 2ª discussão da proposição da camara dos deputados que approva a aposentadoria concedida ao juiz de direito Alexandre Joaquim de Siqueira; a 3ª discussão da proposição da camara dos deputados que augmenta os vencimentos dos correios das secretarias de estado.—A 2ª discussão do projecto de resolução do senado approvando a pensão concedida a D. Maria Generosa Loureiro; e logo que chegue o Sr. ministro da marinha a 1ª e 2ª discussão da fixação das forças navaes para o anno financeiro de 1855 a 1856.

Levanta-se a sessão á meia hora depois do meio dia.

PERNAMBUCO.

COMARCA DE PA'O D'ALHO.

29 de julho.

O estado desta comarca vai sendo agora bem diverso do que assignalava o seu primeiro correspondente, e assim não falhando aquelles prognosticos de uma tranquillidade duradoura.

He certo, que tivemos socego e mais ainda que socego, harmonia e sociabilidade; mas após a bonança a tormenta, e agora se não temos rixas, divisões de partidos e discordias, temos a reciproca desconfiança, reserva absoluta e muito jesuitismo para um lugar onde a illustração he uma palavra ainda não definida. Creio, que não offendo quando faço honrosas e não poucas excepções.

Tudo isso era nada, tudo isso seria mesmo necessario para o viver e crer deste tempo; porém até nos falta uma boa administração policial, segurança inteira de propriedade, e quanto á individual estaria na mesma razão d'aquella, se não fosse o espirito religioso e fanatico deste povo, que lhe inspira muita tendencia para o *bem*.

Falta-nos uma boa policia apesar dos bons desejos do actual delegado supplente, que em outras épocas tem prestado muito bons serviços; mas agora fogem-lhe os meios de repressão, e o seu unico auxiliar consiste em um destacamento de policia composto de 8 praças quasi todas viciadas e mal dirigidas por um sargento não menos deleixado, que com os de seu commando vivem em completa ociosidade, de sorte que não haveria segurança na cadeia a não serem os paizanos que a reforçam. Consta-me que já foi pedida a muda do tal sergento por causa do seu máo procedimento: porém não lhe faltarão padrinhos, que aliás o commandante do corpo não o conservaria a despeito da má vontade de todas as autoridades locaes.

O destacamento volante vai as mil maravilhas estacionado no Limoeiro, sem que delle haja outra noticia ha mais de seis mezes. E o que se segue deste abandono de serviço? He que continuam a pilhagem de cavallos, e a voz publica indigita os interessados nesse torpe negocio, e parece que as suspeitas não são faltas de fundamento.

Entretanto o flagello continúa, grandes e pequenos, ricos e pobres são victimas desses corsarios terrestres, e não ha uma voz que os accuse. Por fortuna minha não possuo o que elles furtem. O nosso delegado effectivo se estivesse em exercicio poderia melhor acabar com esses ladrões; mas que fazer quando o seu estado de saude não lhe permitte o exercicio continuado de um emprego tão oneroso? Dizem mais que elle pretende a sua exoneração em consequencia de não poder accumular a delegacia com o commando superior da guarda nacional.

Dizia o seu primeiro correspondente que este anno se não contavam ainda assassinatos, mas essa affirmativa foi um pouco precipitada; por que para caber-nos a satisfação de podermos dizer que o povo da comarca deu um raro exemplo de humanidade ás differentes comarcas da provincia fôra mister que o anno se exgotasse sem que tivessemos de experimentar um attentado desta natureza. Mas o que succedeu no dia 12 do corrente na freguezia da Luz? he que por um motivo de pouca ponderação dous individuos de nomes, Joaquim José Alves e Francisco de Sena se mataram reciprocamente. Oxalá sejam os unicos homicidios até que finde o anno.

Continua uma luta de reacção entre os passageiros da estrada desta villa a essa capital e a *capitania do porto* do engenho S. João, e dizem que a proprietaria das jangadas tem opposto os maiores obstaculos a que o transito continue no terreno destinado para a estrada nova e ponte, afim de fazer effectiva a arrecadação do necessario transporte em suas jangadas.

Veremos em que para a inevitavel intervenção do arrematante d'aquelle lanço de estrada.

Em a noite de 27 do corrente houve uma desordem em que esteve envolvido o meu heroe de Monte Caseros, e vem a ser o seguinte: Um pardo de nome José Pedro passava por uma rua com uma faca na mão ou cousa que parecia faca, e ao encontrar com o heroe fez signal de investi-lo como sempre lhe acontece, e d'ahi o heroe que estava precavido poz-se em attitude de defeza, e por fim o inspector de quarteirão e varios outros individuos acudiram e começaram a correr os dous contendores, não lhes achando arma alguma; porém a inveja que tem causado a galhardia e denodo do novo Dagoberto occasionou-lhe doestos e phrases provocadoras de alguns candalarios do tal inspector d que só a prudencia do Monte Caseros tolerou; porém ac[...] marido a mulher, e, armada, insultou e prov[...] ressores do marido que cabisbaixos se ret[...] dema comitiva.

Apezar da consciencia de sua [...] de, o Monte Caseros resolveio a mud[...] Nazareth afim de evitar as aggressões d que esta [...] ito, e eu aproveito o ensejo parara recommenda-lo á attenção do seu correspondente naquella cidade.

José do Egipto
(*Carta particular.*)

CAMARA MUNICIPAL DO RECIFE.

SESSÃO EXTRAORDINARIA DE 19 DE JULHO DE 1854.

Presidencia do Sr. Barão de Capibaribe.

Presentes os Srs. Rego e Albuquerque, Vianna Rego, Mamede, Gameiro, Oliveira, e Barata, abrio-se a sessão e foi lida e approvada a acta da antecedente.

Foi lido o seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Exm. presidente da provincia, communicando que tendo em vista a informação do director das obras publicas, sob n. 314, deferira favoravelmente o requerimento em que David W. Bowman, proprietario da fundição da rua do Brum, pede licença para collocar um guindaste no cáes da rua da Aurora para desembarcar os productos de sua fabrica.

Posto em discussão, appareceu a idéa de que se devia representar á S. Exc. sobre não ter sido a camara ouvida para tal concessão, como tem sido para outras identicas; e depois de algum debate pro e contra resolveu-se nomear uma commissão para examinar se, da collocação do guindaste, resulta embaraços ao transito publico, ou algum outro inconveniente, afim de se reflexionar com civilidade á S. Exc. — Foram nomeados para a commissão os Srs. Mamede e Gameiro.

Outro do deputado supplente por esta provincia Honorio Pereira de Azeredo Coutinho, accusando a recepção do desta camara, em que lhe expedio o diploma, e dizendo que, com quanto não fosse elle mais preciso, por haver a assembléa deliberado dar-lhe assento, todavia muito agradecia á camara.— Inteirada.

Outro do procurador, communicando ter em seu poder, e querer recolher ao cofre, a quantia de 300$ rs., da fiança prestada por Augusto Candido de Seixas. — Que se recolhesse.

Outro do fiscal de Santo Antonio, informando que além dos concertos que pretende fazer Bernardo José da Costa Valente, no exterior da refinaria do pateo do Paraizo, tem mais o fogão no interior, como elle requer em sua petição. —Concedeu-se a licença.

Outro do engenheiro cordeador, apresentando tres desenhos de monumentos funebres, afim de que a camara escolhesse o que lhe agradasse, para deposito dos restos mortaes de Norberto Joaquim José Guedes, indicando as quantias em que poderá importar a construcção de cada um delles. — Ao vereador Vianna.

Outro do mesmo, dizendo ter feito na parte da planta da cidade, correspondente ao sitio de Herculano Alves da Silva, na Soledade, a alteração sollicitada por elle, e approvada pelo Exm. presidente da provincia em 22 de junho ultimo. — Inteirada.

Outro do administrador do cemiterio, remettendo a nota dos preços dos carros funebres, que conduziram cadaveres áquelle estabelecimento do 1.º á 11 do corrente, na importancia de 296$ rs. — Ao procurador.

Outro do vigario da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, remettendo os mappas dos baptisados da mesma freguezia, durante o periodo de julho do anno passado á junho do corrente (219). Que se archivasse.

Outro do fiscal de S. José (3) apresentando os mappas do gado morto para consumo, no matadouro das Cinco-Pontas de 26 de junho ultimo, a 16 do corrente (1958 rezes.) Que se archivasse.

Outro do fiscal do Poço, communicando que os lugares que servem de matadouros particulares naquella freguezia não são proprios para isto, e que estando os outros que poderiam servir occupados por seus donos, pedia que a camara providenciasse á respeito. —Que se respondesse, que indicasse o lugar que lhe parecesse mais adaptado para matadouro.

Outro do mesmo, remettendo uma relação dos predios particulares d'aquella freguezia, que por causa da cheia, ficaram completamente arruinados, sem poderem seus donos demolli-los, por indigentes; e declarando os nomes dos ditos donos. Igualmente pedia mandasse a camara pagar a quantia de 3$200 réis ao pedreiro João Manoel de Faria, e ao carpina Francisco Antonio Borges, pelo trabalho de examinar ditos predios.—Mandou-se pagar aos artistas, e responder ao fiscal que mandasse demolir as casas.

Outro do fiscal de S. Lourenço da Matta, remettendo a nota das rezes mortas para consumo d'aquella freguezia, no mez de junho ultimo (52)—Que se archivasse.

Outro do fiscal da Varzea, participando ter-se morto 44 rezes para consumo daquella freguezia durante o mez de junho ultimo—Inteirada.

Outro do fiscal da Muribeca, participando achar-se restabelecido de sua saude, e ter entrado no exercicio de suas funcções.—Inteirada.

Entra em discussão a informação que se achava adiada, do advogado, sobre a petição de Joaquim Lucio Monteiro da Franca, e a camara reconhece-se incompetente para defirir ao peticionario.

Foi approvado um parecer da commissão d[...] li[...]ficação, relativo a pretenção dos directores da [...]panhia Pernambucana, que requereram ao g[...] da provincia por aforamento perpetuo o terreno de marinhas, no Forte do Mattos, fronteiro a casa da assembléa, para ahi construir armazens de deposito de objectos necessarios aos seus vapores; ao que não se oppõe a commissão, apresentando porém uma planta, modificando a que foi approvada pelo Exm. presidente da provincia, de conformidade a qual entende a commissão que deve fazer a companhia a obra projectada.—Mandou-se remetter a S. Exc. a planta, e o parecer por copia, para resolver o que mais conveniente for aos interesses publicos.

Francisco Lucas Ferreira fez perante a camara declaração de ter montado um estabelecimento de carros funebres no pateo do Paraizo, com as condições do regulamento do cemiterio.—Mandou-se annunciar, e communicar ao procurador e administrador do cemiterio.

Despacharam-se as petições de Antonio Outes, de Antonio Bento Soares, de Angelo Custodio da Luz, de D. Anna Joaquina de Mello, de Antonio José da Cunha, de Antonio Manoel de Campos, de Bernardino José Monteiro, de Bernardo Damião Francisco Junior, de Custodio Manoel Gonçalves, de Francisco Lucas Ferreira, de Francisco Brigido de Mello, de Ignacio Joaquim Arco Verde, de Joaquim Bernardo da Rocha Falcão, de José Antunes Guimarães (2), de José Antonio de Souza Queiroz, de Joaquim José da Silva, José Francisco Pereira da Silva, de Ignacio Ferreira Guimarães, de Joaquim Lucio Monteiro da Franca, do bacharel João de Barros Falcão d'Albuquerque Maranhão, de Luiz Moreira de Mendonça, de Miguel Lourenço Lopes, de Manoel Sabino da Costa, de Manoel Joaquim da Silva Figueredo, de Melquiades Antunes de Almeida, de Romana Isabel Maria, de Themistocles Romão Pereira, e levantou-se a sessão.

Eu Manoel Ferreira Accioli, official-maior da secretaria a escrevi no impedimento do secretario.— *Barão de Capibaribe, presidente.—Vianna.—Mamede.—Gameiro Sá Pereira.—Rego e Albuquerque Rego.—Barata d'Almeida.*

REPARTIÇAO DA POLICIA.

Parte do dia 31 de julho.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que, das partes hontem e hoje recebidas nesta repartição, consta terem sido presos: a ordem do delegado supplente do primeiro districto deste termo, Constancio Vieira da Silva, para recruta de marinha; á ordem do subdelegado da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves, o preto escravo João, por andar fugido, e João Antonio Vianna, para averiguações policiaes; á ordem do subdelegado da freguezia de Santo Antonio, Antonio Francisco Borges, para recruta; e a ordem do subdelegado da freguezia de S. José, Francisco José Ribeiro, para averiguações policiaes.

O commandante do corpo de policia na sua parte diaria de hoje refere que, pela patrulha do districto do Terço, lhe fora participado que prendera a minha ordem ao sargento da guarda nacional, José Themoteo, por insultos, e que tendo este pedido para ir á casa fardar-se, depois de o fazer, armou-se de um terçado e resistira a prisão.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 31 de julho de 1854.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia.—*Luiz Carlos de Paiva Teixeira*, chefe de policia da provincia.

Illm. Sr.—Constando da sua participação de hontem que a bordo do vapor *S. Salvador*, seguira para o Rio de Janeiro João Pinto de Lemos Junior, com um menor, oito escravos e um criado, cumpre que V. S. me informe se taes escravos seguiram com passaportes, e por autoridade conferidos.

Deos guarde á V. S. Secretaria da policia de Pernambuco 29 de julho de 1854.—Illm. Sr. tenente João de Siqueira Campello, official encarregado do registro do porto desta cidade.—*Luiz Carlos de Paiva Teixeira*, chefe de policia da provincia.

Illm. Sr.—Accuso a recepção do officio de V. S. de 29 do corrente ao qual passando a responder, sou a informar a V. S. que o passageiro João Pinto de Lemos Junior, conduzio somente em sua companhia um menor de 8 annos e um criado; e porque tivesse eu de registrar os hiates brasileiros *Flor do Brasil* e *Amelia*, e a escuna *S. José*, e visitar o brigue escuna de guerra *Legalidade*, que conduzia 31 presos sentenciados e um passageiro, que sahiram a hora do vapor, resultando disso que houvesse de fazer as participações já a noite, succedeu que se desse o equivoco de minha parte de tomar por 8 escravos, as palavras 8 annos, a idade do menor; cuja falta espero que V. S. a relevará, dignando-se de tomar esta minha informação como duplo fim de uma ratificação a dita minha participação a V. S.

Deos guarde a V. S. Registro do porto de Pernambuco 30 de julho de 1854.—Illm. Sr. Dr. Luiz Carlos de Paiva Teixeira, chefe de policia da provincia.—*João de Siqueira Campello*, tenente encarregado do registro do porto.

MAPPA *dos doentes tratados no hospital regimental de Pernambuco, durante o mez de julho de* 1854.

	Existiam.	Entraram.	Total.	Sahiram.	Morreram.	Existem.	Total.
N.º	105	83	188	99	4	85	188

Dos fallecidos 1 foi de variola, 1 de dyarrhéa e 2 de febre amarella.

Dr. Praxedes Gomes de Souza Pitanga,
1º cirurgião encarregado.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

Acha-se concluido o summario ex-officio, instaurado em consequencia do extravio de 20:500$ que se descobrio na quantia de 100:000$, remettida pela thesouraria de fazenda desta provincia ao thesouro publico nacional, em 4 de fevereiro do corrente anno, por intermedio do capitão tenente Antonio Carlos Figueira, então commandante do vapor *San Salvador*, a cujo bordo ia aquella quantia. Foi pronunciado no referido summario, á prisão e livramento o mesmo capitão tenente, como incurso no artigo 269 do codigo criminal.

Reuniram-se hontem em assembléa geral os accionistas do Banco de Pernambuco, e nessa occasião leram o presidente e a commissão de exame as peças que abaixo deixamos transcriptas, conhecendo-se por ellas o estado satisfactorio daquelle estabelecimento. Em seguida procederam-se ás novas nomeações, na fórma dos estatutos, e sahiram eleitos:

Directores

O Exm. Sr. Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.
Sr. Manoel Gonçalves da Silva.
» Manoel Ignacio de Oliveira.
» João Pinto de Lemos.
» João Ignacio de Medeiros Rego.
» Luiz Gomes Ferreira.
» Barão de Beberibe.

Supplentes.

» José Pereira da Cunha.
» Luiz Antonio Vieira.
» Manoel João de Amorim.
» Delfino dos Anjos Teixeira.
» Manoel Pereira Rosas.
» Antonio Valentim da Silva Barroca.
» José João de Amorim.
» João Cardozo Ayres.
» Salustiano de Aquino Ferreira.

Commissão de exame.

» Antonio Valentim da Silva Barroca.
» Manoel Joaquim Ramos e Silva.
» Antonio Marques de Amorim.

Supplentes.

» Manoel Pereira Rosas.
» José Pereira da Cunha.
» José Ignacio de Abreu e Lima.
» Luiz Antonio Vieira.
» Delfino dos Anjos Teixeira.
» José Baptista da Fonseca Junior.

Mesa da assembléa geral.

Presidente—o Exm. Sr. Dr. Pedro Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.

Supplentes

O Sr. Manoel Joaquim Ramos e Silva.
Secretario 1.º José Bernardo Galvão Alcoforado.
» 2.º Antonio Valentim da Silva Barroca.

Supplentes.

O Sr. José Ignacio de Abreu e Lima.
» João Ignacio de Medeiros Rego.
» Antonio Marques de Amorim.

SENHORES ACCIONISTAS DO BANCO DE PERNAMCUCO.

O conselho de direcção deste Banco vem fazer-vos exposição dos trabalhos a seu cargo durante o ultimo semestre.

Pelo balanço e conta de ganhos e perdas, que estão presentes, vereis o movimento e o estado deste estabelecimento.

O dividendo a que vai proceder-se he de 6 por cento sobre o capital realisado, ou 12$ por acção provenientes do lucro liquido 81:482$047 e do saldo anterior de 295$280; ficando ainda a credito da conta de Ganhos e Perdas para o semestre seguinte a quantia de 777$327.

A importancia das lettras descontadas montou a 3,617:093$312; realisou-se a de 3:010:795$650; e a respectiva conta apresenta o balanço de réis. . . 2,076:702$929.

O saldo da caixa em 30 de junho foi de réis. . . . 142:919$952, a sua entrada durante o semestre, de 3,744:199$396, e a sahida de 3,700:797$658.

O fundo de reserva acha-se elevado a 16:521$735, inclusive 416$ procedentes de 8 por cento de premio pela venda de 26 acções de conta do banco, em conformidade da vossa deliberação em sessão de setembro proximo passado.

A felicidade continuou a acompanhar o nosso estabelecimento, na realisação de todos os seus titulos vencidos.

Sob proposta do Sr. gerente approvou o conselho e mandou distribuir gratificações pelos empregados do Banco; o que espera tambem approveis.

A nossa conta com o Banco do Brasil em liquidação acha-se saldada.

O conselho de direcção julgando conveniente a continuação de um registro de vendas, transferencias de acções e pagamentos dos respectivos dividendos, na capital do imperio, para os nossos accionistas que alli quizerem effectuar isto, consultou ao novo Banco do Brasil, cuja resposta aguarda, para saber se he possivel conservar no seu escriptorio esse registro sob as mesmas bases e condições com que o tinha o extincto Banco do Brasil.

Para camplemento do capital decretado julgou o conselho conveniente fazer só recolher as duas prestações, que sabeis, de 20 por cento cada uma, realisadas em janeiro e março do corrente anno.

Parece ao conselho de direcção que tem feito neste quadro a precisa narração de sua gerencia, sobre a moralidade da qual vos fallará a illustre commissão de contas em seu parecer.

E prompto a dar-vos quaesquer esclarecimentos, o conselho termina este trabalho inteirando-vos de que os empregados do Banco continuaram a desempenhar com zelo e pericia os deveres de seus cargos.

Banco de Pernambuco 31 de julho de 1854.— *Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.— João Ignacio de Medeiros Rego.—Manoel Ignacio de Oliveira.—Manoel Gonçalves da Silva.—João Pinto de Lemos.*

Balanço semestral do Banco de Pernambuco.

Accionistas	600:000$000
Lettras a receber	2,076:702$929
Depositos	66:514$015
Mobilia	4:135$858
Caixa	142:919$952
	2,890:272$754
Capital	2,000:000$000
Emissão	700:000$000
Reserva	16:521$735
Depositos	66:514$015
Contas correntes	7:551$707
Lettras a pagar	10:869$970
Ganhos e perdas	777$327
Dividendo primeiro	450$000
» segundo	684$000
» terceiro	2:904$000
» quarto	81:000$000
	2,890:272$754

Banco de Pernambuco em 30 de junho de 1854.— O guarda livros, *Ignacio Nunes Correa.*

Demonstração da conta de ganhos e perdas do Banco de Pernambuco.

Despezas geraes	1:546$489
Ordenados e gratificações	4:350$000
Juros	658$255
Reserva	5:247$405
Commissão do gerente	2:974$719
Dividendo quarto	81:000$000
Saldo	777$327
	99:554$195
Saldo do semestre anterior	295$280
Metaes	40$000
Descontos	99:218$915
	99:554$195

Banco de Pernambuco em 30 de junho de 1854.— O guarda-livros, *Ignacio Nunes Correa.*

Srs. accionistas do Banco de Pernambuco.—Em cumprimento da disposição dos arts. 34 e 35 dos estatutos, esta commissão tendo examinado toda a escripturação do Banco, e conferido o balanço geral do semestre findo, vem communicar-vos que achou tudo exacto e em bôa ordem.

Continuam os empregados a desempenhar satisfactoriamente os trabalhos a seu cargo. Os estatutos e deliberações da assembléa geral restrictamente executados: e a direcção sempre zelosa e solicita no bom andamento e prosperidade do Banco, a prestar assiduamente e com generosidade, cada vez mais pesados e importantes serviços.

O estado do Banco he o mais lisongeiro, que podemos esperar. A prova disto he: não só o dividendo de 12 por cento ao anno, que continúa a ser distribuido, e apezar das restricções dos §§ 6 e 10 do art. 56 dos estatutos, e o grande credito que suas notas gozam; como e principalmente a procura que está havendo de acções a 40 por cento de premio, sem que hajam vendedores a menos de 50.

A commissão teve a satisfação de observar, que á intelligencia e circumspecção com que a direcção continúa no emprego dos fundos do Banco, se deve não ter ainda desta vez encontradô lettra alguma protestada por falta de pagamento: parecendo á mesma commissão, que as que existiam na época do balanço e que passaram para o seguinte semestre, serão da mesma sorte realisadas no vencimento.

Concluindo este succinto relatorio, a commissão louvando a direcção não póde deixar de pedir a todos os senhores accionistas. que lhe votem um testemunho de reconhecimento e gratidão por tão relevantes e generosos serviços.

Recife 27 de julho de 1854. — *Manoel Joaquim Ramos e Silva.—Antonio Marques de Amorim.— Antonio Valentim da Silva Barroca.*

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 31 DE JULHO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Desconto de lettras de 20 e 30 dias—6 % ao anno.
Dito de ditas de 3 mezes—7 ½ % ao anno.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 29	258:428$668
Idem do dia 31	7:556$707
	265:985$375

Descarrega hoje 1. de agosto.

Brigue americano—*Breeze*—farinha de trigo.

RENDIMENTO DO MEZ DE JULHO.

Rendimento total	265:985$375
Restituições	24$000
Rs.	265:961$375
Direitos de consumo	258:909$723
Ditos de 1 por cento de reexportação para os portos estrangeiros do imperio	116$866
Expediente de 5 por cento dos generos estrangeiros já despachados para consumo	869$095
Dito de 1½ por c. dos generos do paiz	362$928
Dito de 1 1½ por c. dos generos livres	59$635
Armazenagem das mercadorias	3:174$988
Dita da polvora	72$800
Premio de 1½ por cento dos assignados	1:742$967
Multas calculadas nos despachos	124$153
Ditas diversas	50$000
Interior.	
Sello fixo	128$280
Patentes dos despachantes geraes	250$000
Ditas ditas especiaes	12$500
Feitio dos titulos dos mesmos, dos caixeiros despachantes, &c.	74$400
Emolumentos de certidões	13$240
	265:961$375
Extraordinaria.	
Producto da arrematação de madeira velhá pertencente a alfandega	208$000
Rs.	266:169$375
Nas seguintes especies.	
Dinheiro	177:277$777
Assignados	88:891$598
Depositos.	
Em balanço no ultimo de junho	22:941$066
Entrados no corrente mez	3:533$388
	26:474$454
Sahidos	5:998$357
Existentes	20:476$097
Nas seguintes especies.	
Dinheiro	2:106$378
Letras	18:369$719
Contribuição de caridade.	
Rendimento do corrente mez	441$448

Alfandega de Pernambuco 31 de julho de 1854.
O escrivão,
Faustino José dos Santos.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 31	595$370

RENDIMENTO DA RECEBEDORIA DAS RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO, DO MEZ DE JULHO FINDO, A SABER:

Renda dos proprios nacionaes	423$350
Foros de terrenos de marinha	115$229
Laudemios	67$500
Siza dos bens de raiz	4:463$460
Decima addicional das corporações de mão morta	215$240
Direitos novos e velhos	1:932$419
Dizima de chancelaria	295$065
Sello fixo e proporcional	5:861$770
Premio dos depositos publicos	38$613
Despachantes e correctores	2:000$000
Emolumentos das repartições de fazenda	166$460
Oito % dos premios das loterias	1:200$000
Multa por infracções do regulamento	41$211
Impostos sobre lojas e casas de descontos	9:791$600
Dito sobre casas de moveis, roupas, etc. fabricados em paiz estrangeiro	160$000
Dito sobre barcos do interior	19$200
Taxas de escravos	494$600
Cobrança da divida activa	1:701$619
	28:951$736

Recebedoria 31 de julho de 1854. — O escrivão, *Manoel Antonio Simões do Amaral.*

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 29	40:400$802
Idem do dia 31	1:152$286
	41:553$088

RENDIMENTO DA MESA DO CONSULADO PROVINCIAL DO MEZ DE JULHO DE 1854.

Direitos de 3 por cento do assucar exportado	9:927$718
Dito de 5 por cento dos mais generos	3:539$788
Capatazia de 320 por sacca de algodão	219$200
Decima dos predios urbanos	24:150$409
Sello de heranças e legados	405$165
Meia siza de escravos	1:032$900
100$ rs. por escravos despachados	400$000
100$ rs. sobre casas de vender bilhetes de loterias de outras provincias	100$000
Emolumentos de passaporte de policia	6$000
Novos e velhos direitos	212$495
40$ rs. sobre casas de modas	120$000
Imposto de 3 por cento sobre diversos estabelecimentos	1:259$657
Matriculas das aulas de instrucção superior	40$000
Custas	29$540
Multas	110$216
	41:553$088

Mesa do consulado provincial 31 de julho de 1854.
O escripturario,
Manoel Zeferino de Castro Pimentel.

MOVIMENTO DO PORTO.

Navio entrado no dia 30.

Barcellona—43 dias, queche hespanhol *Figaro*, de 102 toneladas, capitão Pedro Manau, equipagem 10, carga vinho e mais generos; a Aranaga & Bryan.

Navio sahido no mesmo dia.

Hare de Grace—Brigue inglez *Hayder*, capitão John Tuku, em lastro.

Navios entrados no dia 31.

Rio de Janeiro—7 dias, barca brasileira *Imperatriz*, de 343 toneladas, capitão João Damaceno de Araujo, equipagem 14, em lastro; a Eduardo Ferreira Balthar. Veio receber pratico e segue para o Assú.

Mar Pacifico, tendo sahido de New-Bedford ha 14 mezes—Barca americana *Sea Flower*, de 150 toneladas, capitão E. G. Cudwar, equipagem 24, carga azeite de peixe. Veio refrescar e segue para New-Bedford.

Trieste—70 dias, brigue dinamarquez *Idá*, de 192 toneladas, capitão Jorge J. Jorgensen, equipagem 10, carga farinha de trigo; a Deane Youle & Companhia. Seguio para o Rio de Janeiro.

Montevidéo—22 dias, escuna noruega *Wexanda*, de 140 toneladas, capitão, N. R. Thrap, equipagem 9, em lastro; a Amorim Irmãos.

Rio de Janeiro—10 dias, polaca hespanhola *Albertina*, de 261 toneladas, capitão Agostinho Maristany, equipagem 12, carga vinho; a Amorim Irmãos.

Idem—22 dias. brigue brasileiro *Paquete de Pernambuco*, de 194 tanceladas, capitão Antonio Fernandes Loureiro Jorges, equipagem 12, carga farinha de trigo e vasselhame; a Manoel Gonçalves da Silva. Passageiro, Francisco Antonio de Borjas Castro e 1 menor.

Rio Grande do Sul—44 dias, barca americana *John Colbe*, de 247 toneladas, capitão G. D. W. Rhodes, equipagem 10, carga couros e mais generos; ao capitão. Veio refrescar e segue para New-York, conduzindo 5 passageiros.

Bahia—58 horas, brigue inglez de guerra *Express*, commandante Boyes.

Navios sahidos no mesmo dia.

Paranaguá—Brigue brasileiro *Paraná*, capitão Domingos Thadeu Ferreira, carga sal e couros.

Rio Grande do Sul—Patacho brasileiro *Astréa*, capitão João Ignacio Ferreira, carga assucar, sal e aguardente.

Portos do sul—Queche hespanhol *Figaro*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.

EDITAES.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, de 21 do corrente, manda fazer publico que nos dias 14, 16 e 17 de agosto proximo vindouro, se ha de arrematar perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, á quem mais dér, o rendimento do pedagio da barreira da ponte dos Carvalhos, avaliado annualmente em 1:000$000.

A arrematação será feita por tempo de 10 mezes, á contar do 1.º de setembro do corrente anno, ao fim de junho de 1855.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação, compareçam na sala das sessões da mesma junta nos dias ácima declarados, pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente, e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 22 de julho de 1854.—O secretario,
Antonio Ferreira d'Annunciação.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia de 18 do corrente, manda fazer publico, que nos dias 8, 9 e 10 de agosto proximo vindouro, se ha de arrematar perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, a quem mais der, o sitio do jardim botanico da cidade de Olinda, servindo de base a arrematação o offerecimento de 2:000$, feito pelo licitante Manoel Peres Campello Jacome da Gama.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação, compareçam na sala das sessões da mesma junta nos dias ácima declarados, pelo meio dia.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco 29 de julho de 1854.—O secretario,
Antonio Ferreira da Annunciação.

DECLARAÇO'ES.

— De ordem do Illm. Sr. inspector da thesouraria de fazenda se faz publica a relação abaixo transcripta dos credores, por dividas de exercicios findos, cujo pagamento foi autorisado por ordem do tribunal do thesouro nacional de 10 do corrente, n. 68.

Secretaria da thesouraria de fazenda de Pernambuco em 28 de julho de 1854.—O official-maior,
Emilio Xavier Sobreira de Mello.

RELAÇÃO *dos credores de dividas de exercicios findos, cujo pagamento autorisou a thesouraria de fazenda da provincia de Pernambuco, não se tendo verificado por alli durante a gestão do exercicio de 1852—1853, póde ser de novo ordenado com fundos do de 1853—1854, por conta do § 4 do art. 11 da lei n. 668, de 11 de setembro de 1852.*

NOMES.	Ministerios.	Procedencia.	Exercicios.	Importancias.	TOTAL.
Joaquina Maria de Sant'Anna, viuva de Manoel Ignacio d'Assumpção (a).	Imperio	Cursos Juridicos	1841—42		21$800
Francisco do Rego Baldaia	Justiça.	Bispos, cathedraes, etc.	1849—50	40$787	
João Pacheco Alves	»	Guarda nacional.	1842—43	10$666	
José Manoel de Miranda Lima	»	P. e segurança publica	1848—49	52$688	
José Soares da Cruz	»	»	1849—50	1$389	105$530
Joaquim José Ferreira de Almeida como herdeiro de Jeronymo Antunes Torres (b).	Marinha.	Arsenaes, etc.	1849—50		104$055
Anna Marcellina de Farias	Guerra.	Reformados	1838—39	36$066	
Herdeiros do capitão Felix Corrêa da Silva (c).	»	Officiaes do exercito reformados.	1841—42	11$800	47$866
Caetana Umbelina do Amparo	Fazenda.	Pensionistas.	1849—50	12$443	
Eugenia Josepha Benedicta de Siqueira	»	»	1841—42	25$000	
Francisco Jorge da Cunha Mascarenhas	»	Alfandegas.	1842—43	12$222	
Josepha Joaquina de Souza	»	Pensionistas	1842—43	9$274	
José de Souza Moreira	»	Mezas de renda	1845—46	21$016	
Leonor Luiza da Rocha	»	Pensionistas	1847—48	$838	
Leopoldina Eugenia de Freitas	»	»	1828—49	73$928	
Maria do Rego Barreto, Josepha do Rego Barreto e Francisca do Rego Barreto.	»	»	1841—43	380$892	535$613
				Réis . .	813$864

— O juiz dos feitos da fazenda faz audiencia nos dias quarta-feira e sabbado de cada semana, as 10 horas da manhãa.

Conselho administrativo.

O conselho administrativo, em virtude da autorisação do Exm. Sr. presidente da provincia, tem de comprar os objectos seguintes:

Para o decimo batalhão de infantaria de linha.

Panno verde para sobrecasacas e calças, covados 1,002; hollanda de forro, ditos 1.197; brim branco de linho para fardetas e calças, varas 1,497; esteiras, 184; algodãosinho para camisas, varas 583; botões de osso brancos, grosas 25; ditos de dito pretos, ditas 36; pares de sapatos, 200; cartas de a, b, c, 29; traslados de linhas, 20; ditos de bastardo, 20; ditos de bastardinho, 10; ditos de cursivo, 10; taboadas, 20; pedras de lousa, 10.

Meio batalhão da provincia da Parahiba.

Copo de vidro, 1; prato de louça, 1; braços de ferro para balanças com 35 polegadas de comprimento, 4;

Provimento dos armazens do arsenal de guerra.

Caixas com vidros, 2.

Officinas de primeira e segunda classe.

Costados de pao d'oleo, 6.

Quem os quizer vender, apresente as suas propostas em cartas fechadas, na secretaria do conselho ás 10 horas do dia 5 de agosto proximo vindouro.

Secretaria do conselho administrativo para fornecimento do arsenal de guerra 22 de julho de 1854. *José de Brito Inglez*, coronel presidente. — *Bernardo Pereira do Carmo Junior*, vogal e secretario.

ADMINISTRAÇAO' DO PATRIMONIO DOS ORPHÃOS.

Perante a administração do patrimonio dos orphãos se hão de arrematar a quem mais der, e pelo tempo que decorrer do dia da arrematação até o fim de junho de 1855, as rendas da casa n. 13 da praça da Boa-Vista; as pessoas que se propozerem a dita arrematação, poderão compa[...] com seus fiadores, na casa da sessão da mesma administração, no dia 4 do futuro mez, as 12 horas da manhãa. Secretaria da administração do patrimonio dos orphãos 31 de julho de 1854.—O secretario,
Antonio José de Oliveira.

AVISOS MARITIMOS.

Real companhia de paquetes inglezes a' vapor.

No dia 1 de agosto espera-se da Europa um dos vapores da real companhia, o qual depois da demora do costume seguirá para o sul: para passageiros trata-se com os agentes Adamson Howie & C., rua do Trapiche Novo n. 42.

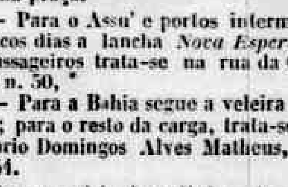
Passagens para a Bahia.		25	patacões.
«	para o Rio de Janeiro.	50	«
«	para Montevidéo.	110	«
«	para Buenos-Ayres.	120	«

— Para o Pará pelo Maranhão, segue com muita brevidade, por ter parte da carga prompta, o brigue *Hebe*: para o resto trata-se com o consignatario Manoel Alves Guerra Junior, na rua do Trapiche n. 14, ou com o capitão André Antonio da Fonceca, na praça.

— Para o Assu' e portos intermedios, segue em poucos dias a lancha *Nova Esperança*: para carga e passageiros trata-se na rua da Cadeia do Recife, loja n. 50.

— Para a Bahia segue a veleira sumaca *Hortencia*; para o resto da carga, trata-se com seu consignatario Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

Companhia brasileira de paquetes de Vapor.



O vapor brasileiro *Tocantins*, novo, de primeira viagem e de excellente marcha, commandante Francisco Ferreira Borges, espera-se da Europa proximamente até 10 de agosto, e seguirá depois de pequena demora para a Bahia e Rio de Janeiro: tem os melhores commodos para passageiros, e entrará para dentro deste porto: quem nelle pretender embarcar, dirija-se á rua do Trapiche n. 40, segundo andar na agencia.

— Para o Aracaty, no dia 5 de agosto segue impreterivelmente o hiate *Duvidoso* por ter sua carga toda prompta: para passageiros, trata-se com o mestre do mesmo, ou com Joaquim Lopes R., do bilhar, no becco da Cacimba no Recife n. 11, primeiro andar.

PARA O CEARA'.

Sahe nestes dias o hiate *Novo Olinda*, para o restante da carga a tratar com Tasso Irmãos.

— Para o Rio Grande do Sul vai sahir na presente semana o brigue nacional «Firma», do qual he capitão Manoel de Freitas Victor; póde receber alguma carga miuda, escravos a frete e passageiros, para os quaes tem bons commodos: trata-se com os consignatarios Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 54, primeiro andar.

LEILO'ES.

—Terça-feira 1. de agôsto ás 10 ½ horas da manhãa, o agente Victor fará leilão no seu armazem rua da Cruz n. 25, de um grande sortimento de obras de marcineria novas e usadas de differentes qualidades, algumas obras de prata de lei, candieiros para meio de sala, lanternas de pés de vidro e casquinha, esteiras do palha de carnaúba, chapéos de dita, 50 canoinhas para deitar agua em vellas de bareaça, charutos da Bahia e outros muitos objectos que estarão ávista no dia do leilão.

LEILAO' MONSTRO.

SEM LIMITE.

Quinta-feira 3, e sexta 4 do corrente, o agente Borja fará leilão em seu armazem, rua do Collegio n. 14, de varios objectos, como bem: excellentes mobilias de jacarandá com pedra e sem ella, ditas de amarello, ricos guarda-vestidos, secretarias e outras muitas obras de marcineria novas e usadas, varias collecções de quadros grandes e pequenos com optimas estampas e ricas molduras, obras de ouro e prata, relogios de differentes qualidades, louças e vidros diversos, e uma grande porção de livros francezes e portuguezes, que estarão expostos no dito armazem com outros mais objectos.

AVISOS DIVERSOS.

— Je soussigné Hébrard ai l'honneur de prevenir le public, qu'à dater d'aujourd'hui 1. aout 1854, je me suis adjoint pour associé Mr. Blandin. La raison sociale est Hébrard et Blandin. Je me suis reservé la signature sociale. Mr. Blandin signera par procuration. J'ose esperer que les personnes qui m'ont honoré pendant 12 ans de leur confiance voddrand bien me la continuer tous mes éfforts, ainsi que ceux de mon associé, tendront á nous en rendre dignes.

— Offerece-se um homem para criado: quem quizer annuncie por este *Diario*.

— João de Souza tem justo e contratado a compra da casa terrea, sita na rua da Guia n. 47, pertencente a Josepha Maria do Sacramento: quem com direito se julgar em dita casa, apresente-se no prazo de 3 dias.

— Madame Theard faz saber que o Sr. Guilherme Augusto de Azeredo não he mais caixeiro de sua casa.

— A directora do collegio da Conceição participa a quem convier, que o collegio se acha aberto, e recebe as educandas que pretendem alli ser educadas.

— Precisa-se de uma pessoa capaz que entenda bastante de vender e comprar miudezas: quem se achar nestas circunstancias, dando fiador a sua conducta, dirija-se aos quatro cantos da Boa-Vista n. 116.

— Perdeu-se desde o Recife até a Passagem da Magdalena, um lenço branco com barra azul, contendo dentro um recibo de 200$000 rs. e em dinheiro a quantia de 48$000 rs. em sedulas, sendo 2 de 20$000, 1 de 5$000, 1 de 2$000, e outra de 1$000: quem o achou, querendo restituir, dirija-se a padaria da Passagem da Magdalena, pois he o dito dinheiro de um homem pobre; que será muito bem recompensado.

— O Sr. academico primeiro annista J. C. M., queira ter a bondade de ir á rua de Santa Thereza n. 20, ultimar o negocio que deu principio no dia 13 do corrente, em a rua da Cadeia, defronte do becco Largo, no bairro do Recife; e no caso de se negar ao cumprimento deste dever, terá de ver seu nome por extenso, contando-se o negocio circunstanciadamente.

Homœopathia.

CLINICA ESPECIAL DAS MOLESTIAS NERVOSAS.

Hysteria, epilepsia ou gota coral, rheumatismo, gota, paralysia, defeitos da falla, do ouvido e dos olhos, melancolia, cephalalgia ou dores de cabeça, enchaqueca, dores e tudo mais que o povo conhece pelo nome generico de nervoso.

As molestias nervosas requerem muitas vezes, além dos medicamentos, o emprego de outros meios, que despertem ou abatam a sensibilidade. Estes meios possuo eu agora, e os ponho a disposição do publico.

Consultas todos os dias (de graça para os pobres), desde ás 9 horas da manhãa, até as duas da tarde.

As consultas e visitas, quando não poderem ser feitas por mim, o serão por um medico de minha maior confiança: rua de S. Francisco (Mundo-Novo), n. 68 A.—*Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho.*

— O morador da rua do Trapiche n. 12, do terceiro andar, declara que o Sr. Ludgero Teixeira Lopes não fôra chamado para pagar quantia alguma, visto o mesmo senhor nada lhe dever, e sim por uma encommenda que existe ha muito prompta para um seu amigo que com elle viera encommendar, e como não tenha apparecido por isso annunciou, afim de declarar quem elle he, e pede-se desculpa ao mesmo senhor se com este procedimento o offendeu.

— Precisa-se de um caixeiro portuguez, de 14 a 16 annos de idade, para taberna, e que tenha alguma pratica: na rua da Senzala Nova n. 22.

PUBLICAÇAÕ DO INSTITUTO HOMŒOPATHICO DO BRASIL.

THESOURO HOMŒOPATHICO
OU,
VADE-MECUM DO HOMŒOPATHA.

Methodo conciso, claro, e seguro de curar homœopathicamente todas as molestias, que affligem a especie humana, e particularmente aquellas que reinam no Brasil.

PELO

DR. SABINO OLEGARIO LUDGERO PINHO.

Esta obra importantissima he hoje reconhecida como a primeira e melhor de todas que trâtam da applicação da homœopathia no curativo das molestias. Os curiosos, principalmente, não pódem dar um passo seguro sem possui-la e consulta-la.

Os pais de familias, os senhores de engenho, sacerdotes, viajantes, capitães de navios, sertanejos, etc., etc., devem te-la a mão para occorrer promptamente a qualquer caso de molestia.

Dous volumes em brochura, por	10$000
Encadernados	11$000

Vende-se unicamente em casa do autor, rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68 A.

BOTICA CENTRAL HOMŒOPATHICA.

Ninguem poderá ser feliz na cura das molestias, sem que possua medicamentos verdadeiros, ou de boa qualidade. Por isso, e como propagador da homœopathia no norte, e immediatamente interessado em seus beneficos successos, tem o autor do THESOURO HOMŒOPATHICO mandado preparar, sob sua immediata inspecção, todos os medicamentos, sendo incumbido desse trabalho o habil pharmaceutico e professor em homœopathia, Dr. F. de P. Pires Ramos, que o tem executado com todo o zelo, lealdade e dedicação que se pode desejar.

A efficacia destes medicamentos he attestada por todos que os tem experimentado; elles não precisam de maior recommendação; basta saber-se a fonte donde sahiram para se não duvidar de seus optimos resultados.

Uma carteira de 120 medicamentos da alta e baixa diluição em globulos recommendados no THESOURO HOMOEOPATHICO, acompanhada da obra, e de uma caixa de 12 vidros de tinturas indispensaveis	100$000
Dita de 96 medicamentos acompanhada da obra e de 8 vidros de tinturas	90$000
Dita de 60 principaes medicamentos recommendados especialmente na obra, e com uma caixa de 6 vidros de tinturas, e com a dita obra (tubos grandes.)	60$000
» » » » » (tubos menores)	45$000
Dita de 48 ditos, ditos, com a obra (tubos grandes)	50$000
» » » » » (tubos menores)	35$000
Dita de 36 ditos acompanhada de 4 vidros de tinturas, com a obra (tubos grandes)	40$000
» » » » » (tubos menores)	30$000
Dita de 30 ditos, e 3 vidros de tinturas, com a obra (tubos grandes)	35$000
» » » » » (tubos menores)	26$000
Dita de 24 ditos ditos, com a obra, (tubos grandes)	30$000
» » » » » (tubos menores)	20$000
Tubos avulsos grandes	1$000
« « pequenos	$500
Cada vidro de tintura	2$000

Vendem-se além disso carteiras avulsas desde o preço de 8$000 rs. até de 400$000 rs., conforme o numero e tamanho dos tubos, a riqueza das caixas e dynamisações dos medicamentos.

Aviam-se quaesquer encommendas de medicamentos com a maior promptidão, e por preços commodissimos.

Vende-se o tratado de FEBRE AMARELLA pelo Dr. L. de C. Carreira, por	2$000
Na mesma botica se vende a obra do Dr. G. H. Jahr traduzido em portuguez e accommodada a intelligencia do povo	6$000

Rua de S. Francisco (Mundo Novo) n. 68—A.

FUNDIÇAO' E MAIS OFFICINAS
NA
RUA IMPERIAL N. 118 E 120, E DEPOSITO NA RUA NOVA N. 27.

Respeitosamente avisam ao publico, e particularmente aos senhores de engenho e destiladores, etc., que este estabelecimento se acha completamente montado com as proporções necessarias para desempenhar qualquer machina, ou obra concernente ao mesmo. Os mesmos chamam a attenção para as seguintes obras, as quaes construidas em sua fabrica competem com as fabricadas na Europa, na qualidade e mão d'obra, e por menos preço, a saber:

MACHINAS de cobre continuas de destilar, pelo methodo do autor francez Deresne, as melhores machinas que para este fim até hoje tem apparecido.
ALAMBIQUES de cobre de todas as dimensões.
TODOS OS CORRES necessarios para o fabrico de assucar.
TAIXOS de cobre para refinação.
TAIXAS de dito para engenho.
DITAS de dito moveis para dito.
BOMBAS de cobre de picote, de repucho, de roda e de pendolas.
ESCRIVANINHAS de latão dos melhores modellos.
DITAS de dito galvanisadas.
SINOS de todos os tamanhos.
OS APRECIAVEIS FOGO'ES de ferro economicos.
BURRAS de ferro as mais bem construidas.
CARROS de dito de mão.
PORTO'ES de ferro.
VARANDAS de dito.
GRADIAMENTOS de dito.
TAIXAS de dito.
CALDEIRAS de dito.
BANHEIROS de zinco e de folha para banho de choque.

MUTILADO

— Roga-se ao Sr. José Noberto Casado Lima, o favor de dirigir-se ao pateo de S. José n. 11, a negocio que lhe diz respeito.

— Da rua da Aurora n. 54, evadio-se um escravo de nome João, com os signaes seguintes: mulato claro, de 16 a 18 annos de idade, estatura regular, cabellos carapinhos, beiços grossos, feições regulares, sahio de camisa de riscado encarnado, calça de riscado de quadros, jaqueta de algodãosinho de listras e chapeo de palha: quem o apprehender, póde leva-lo á rua da Aurora n...... segundo andar, ou ao conego Firmino de Mello Azedo em Olinda, ou a seu senhor no engenho California, da nova freguezia da Luz, que será bem recompensado. Adverte-se que desappareceu no dia 26 do corrente, e que dous dias depois foi encontrado em Olinda, assim como, que foi comprado na cidade da Parahiba, donde he natural e para onde se suppõe que seguira.

— Precisa-se de um feitor para engenho, preferindo-se das Ilhas ou do Porto, dos ultimamente chegados e que seja solteiro, embora tenha pouca pratica da agricultura: dirija-se á rua do Queimado n. 19, das 9 horas da manhãa as 3 da tarde.

— A taberna do pateo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, continúa a estar sortida de todos os generos novos e de boa qualidade: manteiga ingleza e franceza a 400 e 800 rs., toucinho de Santos a 280, dito de Lisboa a 360, banha a 520, passas a 360, bolachinha a 300 rs., dita a Napoleão a 400 rs., aletria a 300 rs., cravo a 600 rs., louro a 400 rs. chouriças a 400 rs., farinha de trigo a 150 rs., chá a 1$600, 1$900 e 2$240, gomma de araruta a 160, espelmacete a 800 rs. a libra, azeite doce a 600 rs., vinho a 400 e 480 a garrafa, arroz branco a 440, feijão preto e mulatinho a 400 rs., arroz de casca a 160 a cuia, rapé a 1$000 o bote, tijolos de limpar facas a 140, tambem se faz a 80 e 40 rs., queijos a 1$440 e 1$520, peneiras de arame a 7 e 8$000, cebolas a 1$400 o cento, alhos a 110 rs., graixa a 100 rs. a lata, papel de peso e machina a 2$800 a resma, genebra de Hollanda a 160.

— O abaixo assignado faz sciente aos devedores do finado seu irmão João dos Santos Tinoco de Souza, que cabendo-lhe em partilha de herança por si e por sua mãi e mais herdeiros, de que he procurador das dividas da casa Tinoco & Moraes, tem de liquidar contas, e roga aquelles que são devedores á dita casa venham satisfazer seus debitos, na rua Nova n. 42, e tem autorisado seu cunhado G. P. Azevedo e seus caixeiros, para taes dividas receberem.

Francisco Ignacio Tinoco de Souza.

— No dia 2 de agosto proximo, se hão de arrematar 2 casas de sobrado na rua dos Copiares n. 1 e 3, avaliadas ambas por 1:000$600, por execução de D. Anna Maria Theodora Pereira Durão, contra José Dias da Silva; he a ultima praça: as 4 horas, na porta da casa do Illm. Sr. Dr. juiz municipal da segunda vara, rua estreita do Rosario.

— D. W. Baynon cirurgião dentista americano reside na rua do Trapiche Novo n. 12.

Vapor « S. Salvador. »

Desembarcou do vapor *S. Salvador*, uma preta vinda do Pará, por não ter seu dono mandado recebe-la a bordo até o momento da sahida do vapor para o sul, e não sabe dizer quem he o seu senhor, o qual se aprentará na agencia na rua do Trapiche n. 40, segundo andar; declarando-se já que não se responde por morte ou fuga da dita escrava, ou por qualquer cousa que lhe aconteça.

— Precisa-se de um caixeiro que entenda de bilhar: na rua da Cadeia de Santo Antonio n. 10 primeiro andar.

— No dia 12 de maio proximo passado, fugio de bordo do vapor *Imperador*, ancorado na Petitinga provincia do Rio Grande do Norte, um escravo com os signaes seguintes: baixo, cheio do corpo, preto, crioulo da provincia do Maranhão, onde foi comprado poucos dias antes de embarcar para o Sul, chama-se Adrião, e tem em um dos peitos signaes como de carne estufada: gratifica-se com 100$000 rs. a quem o apprehender, devendo noticiar a seu senhor o bacharel Abreu e Lima, no Maranhão; em Pernambuco a Joaquim Antonio de Faria Barbosa; no Rio Grande do Norte ao Dr. Jeronymo Cabral Rapozo da Camara.

— Deseja-se fallar com o Sr. Manoel Muniz Bitancourt, que outr'ora tinha loja de calçado na rua do Aragão, ou com quem suas vezes faça: na rua das Trincheiras n. 17, ou annucie.

— Alugam-se 3 escravos para o serviço interno e externo de casa por já ter alguma pratica, e para botequim ou hotel: a tratar na rua do Vigario n. 29.

— Aluga-se um pequeno sitio com boa casa e algum arvoredo de frutas e parreiral de uvas, boa agua de beber; no principio da estrada dos Afflictos ao pé da ponte do Manguinho: quem o pretender falle no largo da Trempe sobrado n. 1 que tem taberna por baixo, e ahi mesmo ha uma porção de pés de sapotis de bom tamanho que se vendem por preço commodo, assim como semente de macaxeira.

— Precisa-se de 400$000 mil rs. com hypotheca em um sitio no Remedio, tambem se vende: no Pasceio n. 13 se dirá com quem se trata.

— A irmandade de N. Senhora do Livramento, não pode por mais tempo sofrer o procedimento do Sr. Manoel Ambrozio Padilha empregado no arsenal de marinha desta cidade, que além de ter desfrutado 12 mezes de morada de uma casa da mesma irmandade na rua do Jardim, que não pagou, e nem pagará avista do que sempre praticou, não satisfeito com esse prejuizo da irmandade ainda chegou a sua maldade a ponto de abandonar a casa conservando em seu poder a chave ha mais de 3 semanas, espera a irmandade que o dito senhor não comprometta o quem lhe deu a chave...

— Ludgero Teixeira Lopes, declara ao morador da casa da rua do Trapiche n. 12, que não tem negocio com elle e nem lhe he devedor de quantia alguma; e se assim não for, pede que publique o motivo que o levou ao chamar pelo jornal.

EXPLENDIDOS RETRATOS A CRYSTALOTYPO,
TIRADOS UNICAMENTE COM A CLARIDADE PRECISA.

J. J. Pacheco, tendo resolvido demorar-se mais alguns dias nesta cidade, previne a todas as pessoas que desejarem um perfeito retrato, que dignem-se procura-lo no seu estabelecimento, quer esteja o dia *claro* ou *escuro*. Os retratos são fixes e inalteraveis com o tempo, e as cores são as mais naturaes que aqui se tem visto. O respeitavel publico continua a ser convidado a vistar a galeria todos os dias, desde as 8 horas da manhãa até as 9 da noite. No mesmo estabelecimento encontrarão os pretendentes um rico sortimento de quadros, caixas, alfinetes, cassoletas e aneis. Aterro n. 4, terceiro andar.

— Precisa-se de uma ama capaz para casa de pouca familia, e que saiba engommar: na rua do Cabugá n. 2, esquina que volta para os quarteis.

— Vendem-se meias de borracha elasticas, para erysipela: na rua da Cadeia do Recife, loja n. 51, de João da Cunha Magalhães.

ATTENÇÃO.

Hontem 31 de julho pelas 11 horas do dia, um preto de estatura regular, com calça e camisa de panno branco, furtou do sitio do Hospicio da Sr.ª viuva Cunha, onde mora o abaixo assignado, 3 colheres de prata, sendo duas de sopa e uma de chá, feitas no Porto, contrastadas e com pouco uso: roga-se portanto a qualquer pessoa a quem as mesmas sejam offerecidas, o favor de as apprehender, que além de se lhe ficar obrigado se recompensará.

José Joaquim da Silva Maia.

— Constando ao abaixo assignado que Justino Alves da Costa, procura vender uma casa que tem no lugar da Capunga, para o fim de evitar a execução que o annunciante lhe move no juizo do civel desta cidade escrivão, Motta, previne por este meio que ninguem compre ou hypoteque dita casa, que tem de ser arrematada em praça publica. Recife 31 de julho de 1854.—*Antonio Teixeira dos Santos.*

— MANOEL AUGUSTO DE MENEZES COSTA, professor da arte de musica, offerece o seu prestimo ao respeitavel publico para leccionar na mesma arte vocal e instrumental, tanto em sua casa como em casas particulares: quem de seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se á rua do Aragão n. 27.

Aos 14$000 rs.

Precisa-se alugar uma preta boa vendedora, não se procura ter habilidade: quem a tiver dirija-se á rua do Padre Floriano n. 27.

— No Recife no becco do Abreu n. 1, faz-se sinetes para marcar roupa.

— No recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Olinda, ha bom doce de cajú secco para se vender a 400 rs. a libra.

— Aluga-se uma preta cozinheira, lavadeira e engommadeira, sem vicios: a tratar na rua das Cruzes n. 3.

— Dá-se 500$000 rs. sobre hypotheca em alguma casa livre de outro onus qualquer: na rua Velha n. 18, se dirá quem dá.

— Precisa-se de uma ama que saiba cozinhar e fazer todo o mais serviço de uma casa: no largo do Terço n. 27, segundo andar.

— Francisco Leite, subdito portuguez, retira-se para o Rio Grande do Sul.

— Offerece-se uma ama para serviço de uma casa de homem solteiro ou de pouca familia; quem pretender, dirija-se á rua do Padre Floriano n. 45, ou na rua da Penha n. 15.

— Bento José Rodrigues declara, que por haver outro de igual nome, se chamará Bento José Aironas.

— Na rua da Cadeia do Recife, loja n. 6, existe uma carta para ser entregue com urgencia, e em mão propria ao Sr. José Caetano de Carvalho, antes de passar para a Europa o vapor inglez.

— Da-se dinheiro a juros sobre penhores de ouro ou prata, em pequenas quantias: na rua Velha n. 55.

— Roga-se ao senhor.... que por brincadeira tirou no dia 29 de julho proximo passado, do sarao que houve na rua do Vigario n. 25, segundo andar, um chapeo novo de massa (preto), tendo no fundo a firma de Luiz Antonio de Siqueira, haja de levar á rua da Cadeia do Recife n. 13, no prazo de 3 dias, do contrario terá o prazer de ver seu nome por extenso neste jornal, pois ha pessoas que virão este brilhante acto.—*O filado.*

— Quem precisar de uma ama de leite, dirija-se á rua do Codorniz, junto a ultima taberna do lado esquerdo.

CONSULTORIO DOS POBRES
25 RUA DO COLLEGIO 1 ANDAR 25.

O Dr. P. A. Lobo Moscozo dá consultas homeopathicas todos os dias aos pobres, desde 9 horas da manhãa até o meio dia, e em casos extraordinarios a qualquer hora do dia ou noite.

Offerece-se igualmente para praticar qualquer operação de cirurgia, e acudir promptamente a qualquer mulher que esteja mal de parto, e cujas circumstancias não permittam pagar ao medico.

NO CONSULTORIO DO DR. P. A. LOBO MOSCOZO.
25 RUA DO COLLEGIO 25
VENDE-SE O SEGUINTE:

Manual completo do Dr. G. H. Jahr, traduzido em portuguez pelo Dr. Moscozo, quatro volumes encadernados em dous: . . . . . . 20$000

Esta obra, a mais importante de todas as que tratam da homeopathia, interessa a todos os medicos que quizerem experimentar a doutrina de Hahnemann, e por si proprios se convencerem da verdade da mesma: interessa a todos os senhores de engenho e fazendeiros que estão longe dos recursos dos medicos: interessa a todos os capitães de navio, que não podem deixar uma vez ou outra de ter precisão de acudir a qualquer incommodo seu ou de seus tripolantes; e interessa a todos os chefes de familia que por circumstancias, que nem sempre podem ser prevenidas, são obrigados a prestar soccorros a qualquer pessoa della.

O vade-mecum do homeopatha ou traducção do Dr. Hering, obra igualmente util ás pessoas que se dedicam ao estudo da homeopathia um volume grande . . . . . . 8$000

O diccionario dos termos de medicina, cirurgia, anatomia, pharmacia, etc., etc.: obra indispensavel ás pessoas que querem dar-se ao estudo de medicina . . . . . . 4$000

Uma carteira de 24 tubos grandes de finissimo christal com o manual do Dr. Jahr e o diccionario dos termos de medicina, etc., etc. . . . . . . 40$000

Dita de 36 com os mesmos livros. . . . . . . 45$000

Dita de 48 com os ditos. . . . . . . 50$000

Cada carteira he acompanhada de dous frascos de tinturas indispensaveis, a escolha.

Dita de 60 tubos com ditos. . . . . . . 60$000

Dita de 144 com ditos. . . . . . . 100$000

Estas são acompanhadas de 6 vidros de tinturas á escolha.

As pessoas que em lugar de Jahr quizerem o Hering, terão o abatimento de 10$000 rs. em qualquer das carteiras acima mencionadas.

Carteiras de 24 tubos pequenos para algibeira . . . . . . 8$000

Ditas de 48 ditos . . . . . . 16$000

Tubos grandes avulsos . . . . . . 1$000

Vidros de meia onça de tintura . . . . . . 2$000

Sem verdadeiros e bem preparados medicamentos não se pode dar um passo seguro na pratica da homeopathia, e o proprietario deste estabelecimento se lisongeia de te-lo o mais bem montado possivel e ninguem duvida hoje da superioridade dos seus medicamentos.

Na mesma casa ha sempre á venda grande numero de tubos de crystal de diversos tamanhos, e apromta-se qualquer encommenda de medicamentos com toda a brevidade e por preços muito commodos.

Publicação litteraria.

Instituições de Direito Civil Portuguez por M. A. Coelho da Rocha, lente da faculdade de direito da universidade de Coimbra, terceira e nitida edição, em 2 volumes em oitavo, adaptadas ao fôro do Brasil, com a legislação brasileira vigente, e algumas notas explicativas extrahidas das obras dos mais eximios Ictos para melhor illustração das doutrinas nesse excellente compendio ensinadas, por Antonio de Vasconcellos Menezes de Drummond, bacharel formado em sciencias juridicas e sociaes pela academia de Olinda, advogado nos auditorios do Recife. Para a publicação dessa obra tão interessante e indispensavel a todos os senhores juizes, advogados e mais pessoas, que se dedicam ás mesmas profissões, ou aliás precisam possuir uma minuciosa e methodica compilação do Direito Civil Patrio, tendente a adquirir pleno conhecimento dos seus direitos e obrigações; subscreve-se em Pernambuco, na praça da Independencia, loja n. 6 e 8; no pateo do Collegio, casa n. 29, lojas n. 6 e 20, e na rua do Hospicio n. 9. O preço da assignatura será de 16$000, pagos a entrega de cada exemplar, e logo que haja numero de assignaturas sufficiente para satisfazer as avultadas despezas da impressão, irá para o prelo, no dia da publicação da mesma, encerrar-se-há a assignatura, vender-se-ha mais caro.

Loteria do hospital Pedro II.

O cautelista Antonio José Rodrigues de Souza Junior, avisa ao respeitavel publico que seus bilhetes inteiros, meios bilhetes e cautelas da loteria acima, se acham á venda pelos preços abaixo, na praça da Independencia loja n. 4, do Sr. Fortunato, n. 13 e 15, do Sr. Arantes, n. 40, do Sr. Faria Machado, e na rua do Queimado n. 37 A, dos Srs. Souza & Freire, cuja loteria tem o andamento de suas rodas no dia 18 de agosto proximo futuro. O mesmo cautelista se obriga a pagar por inteiros os premios de 10:000$000, de 4:000$000 e de 1.000$000, queos ditos seus bilhetes inteiros e meios obtiverem, os quaes vão rubricados com seu nome.

Bilhetes	11$000
Meios bilhetes	5$500
Quartos	2$700
Oitavos	1$500
Decimos	1$200
Vigesimos	600

— O solicitador Camillo Augusto Ferreira da Silva, póde ser procurado para tudo que disser respeito a sua profissão: no escriptorio do Illm. Sr. Dr. Joaquim José da Fonseca.

Não ha melhores no mercado.

No antigo deposito das bichas de Hamburgo, na rua estreita do Rosario n. 11, he chegado novo sortimento de bichas de Hamburgo, que se vende por atacado, aos centos e meios centos e a retalho, e tambem se alugam por menos preço do que em outra qualquer parte.

ANTIGO DEPOSITO DE CAL E POTASSA.

No antigo deposito da rua do Trapiche n. 15, ha muito superior potassa da Russia e americana, e cal virgem, chegada ha pouco, tudo por preço commodo.

JOIAS.

Os abaixo assignados, donos da nova loja de ourives da rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, fazem publico que estão completamente sortidos dos mais ricos e bellos gostos de todas as obras de ouro, necessarias tanto para senhoras, como para homens e meninas, e continuam os preços sempre muito em conta; os mesmos se obrigam por quaesquer obras que venderem a passar uma conta com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos por qualquer duvida que apparecer.

Serafim & Irmão.

— Na rua do Rangel n. 38, se dá dinheiro a juros sobre penhores de ouro e prata.

— Quem precisar alugar um escravo preto, para o serviço de casa e rua, para qualquer armazem, capatazia, trapiche e prensa de algodão, dirija-se a qualquer hora do dia á rua da Soledade, que segue para o Manguinho, no sitio dos 4 leões, que achará com quem tratar.

— Francisco Lucas Ferreira, com cocheira de carros funebres no pateo do Hospital n. 10, encarrega-se de qualquer funeral, sendo padres, musica, cera, armação na igreja ou em casa, carros de passeio e tirar guia da camara, e ahi encontrarão tudo com aceio, segundo dispõe o regulamento do cemiterio.

— O Sr. Adolpho Manoel Camello de Araujo, de Iguarassú, tenha a bondade nestes 8 dias dirigir-se á praça da Boa-Vista, a negocio que Smc. não ignora.

— He incontestavel, que ávista dos artigos 11 e 12 do nosso codigo commercial, todas as casas de negocio devem ter os seus livros technica e regularmente escriptos, e que as desgraças de uma familia de um negociante, as vezes são provenientes do mao arranjo em que se acham as respectivas transacções, em consequencia do estado de confusão da sua contabilidade. Assim uma pessoa que tem longa pratica de escripturação mercantil, por partidas dobradas ou singelas, por haver occupado este emprego durante alguns annos em uma das principaes casas de commercio desta praça, se offerece para escripturar os livros de algumas casas de negocio de pequeno, ou de uma de grosso trato, com todo o aceio e promtidão possiveis: quem quizer se utilisar do seu prestimo, annuncie por este jornal, ou dirija-se á casa dos Srs. Chappront et Bertraud, relojoeiros, na praça da Independencia, que dirão quem se acha em taes circumstancias.

—Aluga-se uma preta, perita cozinheira e engommadeira por 16$000 rs. mensaes: na rua do Queimado n. 44.

—O Sr. José Norberto Casado Lima, queira dirigir-se a livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia, a negocio que lhe diz respeito.

NOVIDADE.

Ricos camisús de retroz bordados a matiz, chales de dito, romeiras de dito matizadas, chapéos de seda e de crepe para meninas, ornados de plumas e flores, ditos para senhora, sendo estes a 8$, e aquelles a 7$, pastilhas aromaticas para queimar e deixar agradavel aroma por espaço de 24 horas, tendo demais a propriedade de afugentar todas as moscas e moriçocas pela continuação do cheiro. Vestidos para casamento muito ricos, bicos de verdadeiro linho, ditos de blond, ditos a imitação de linho, e outros muitos artigos que se venderão por preço razoavel; assim como um variado sortimento de calungas para folguedos de crianças por preço mizeravel: no Bazar Pernambucano, rua Nova n. 33, onde se vende a prodigiosa agua de Malabar por Lascombe.

PIANOS.

Paton Nash & C. acabam de receber de Londres dous elegantes pianos, feitio vertical, de jacaranda, iguaes em qualidade e vozes aos do bem conhecid autores Collard & Collard, rua do Trapiche Nov n. 10.

DENTISTA FRANCEZ.

Paulo Gaignoux, estabelecido na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar, colloca dentes com gengivas artificiaes, e dentadura completa, ou parte della, com a pressão do ar.

Tambem tem para vender agua dentifrice do Dr. Pierre, e pó para dentes. Rua larga do Rosario n. 36 segundo andar.

— Na rua de Hortas n. 142, primeiro andar, precisa-se de uma preta escrava para o serviço de pouca familia.

— Precisa-se de uma escrava para o serviço de uma casa de pouca familia: na rua do Hospicio 3ª casa nova á direita depois de passar o quartel.

— Manoel Antonio Teixeira vende o seu bilhar e todos os seus pertences: a tratar na Lingoeta n. 2.

— Lava-se e engomma-se com toda a perfeição e aceio: no largo da ribeira de S. José, na loja do sobrado n. 15.

J. Jane dentista,

continúa rezidir na rua Nova, primeiro andar n. 19.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho mudou-se para o palacete da rua de S. Francisco (mundo novo) n. 68 A.

— O cautelista Salustiano de Aquino Ferreira avisa ao respeitavel publico, que as suas cautelas offerecem mais vantagem, do que as cautelas dos outros cautelistas, e abaixo vão notados os preços dellas.

LOTERIAS DA PROVINCIA

O thesoureiro geral das loterias avisa, que se acham a venda os bilhetes e meios da primeira parte da segunda loteria a' beneficio do hospital Pedro II., na thesouraria das loterias, rua do Collegio n. 15, na praça da Independencia n. 4, e na loja do Sr. Arantes n. 15, rua do Queimado ns. 10 e 39, rua do Livramento n. 22, aterro da Boa-Vista n. 48, praça da Boa-Vista n. 7. Corre a mesma loteria impreterivelmente no dia 18 de agosto, as 9 horas da manhãa; e os bilhetes estão a' venda até o dia 17 as 6 horas da tarde.

Preço	inteiros	10$000
«	meios	5$000

Antonio Aprigino Xavier de Brito, Dr. em medicina pela faculdade medica da Bahia, reside na rua Nova n. 67, primeiro andar, onde pode ser procurado a qualquer hora para o exercicio de sua profissão.

ASSOCIAÇAO' COMMERCIAL DE PERNAMBUCO.

A commissão nomeada pelos senhores subscriptores para distribuir a importancia agenciada por esta associação para os prejudicados com a inundação de 22 de junho, convida aos que mais soffreram com tão funesto acontecimento e ficaram reduzidos a' indigencia, a apresentarem seus requerimentos acompanhados de attestados circunstanciados de pessoas respeitaveis do lugar de sua residencia, para serem attendidos. Devendo taes requerimentos serem entregues ao archivista da associação, no largo do Corpo Santo, até o dia 15 de agosto proximo futuro —A. V. da Silva Barroca, secretario da commissão.

— Offerece-se uma pessoa para tomar conta de uma taberna por balanço ou sem elle, porque tem bastante pratica, cuja pessoa ainda está arrumada, e despede-se da casa em que esta por não estar satisfeito: quem precisar annuncie para ser procurado.

— Alugam-se as lojas da casa n. 44 da rua da Guia: a tratar na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

— Aluga-se um bom armazem proprio para recolher generos da alfandega na travessa da Madre de Deos n. 11: a tratar na praça do Corpo Santo n. 13.

— Aluga-se um sitio muito grande, em Santo Amaro, com dous viveiros, muito arvoredo de fructo, boa casa de vivenda, baixa com capim, e tem pasto todo o anno para 6 vaccas: os pretendentes dirijam-se á rua de Apollo n. 4 A.

— A direcção da associação commercial desta praça, de conformidade com os artigos 20 e 21 do capitulo terceiro dos estatutos que a regem, convida a todos os senhores socios effectivos da mesma, para a assembléa geral, que deve ter lugar no dia 3 de agosto do corrente anno, pelas 11 horas da manhãa, na sala de suas sessões. Sala da associação commercial de Pernambuco aos 26 de julho de 1854.—Antonio Marques de Amorim, secretario.

O ANTIARROGANTE
Periodico dos Portuguezes em Pernambuco
ESTRANHO AOS NEGOCIOS DO BRASIL.

Tendo cessado a publicação do periodico o *Cosmopolita*, cuja apparição foi lembrada para sustentar os fortes motivos que tinham os Portuguezes residentes nesta provincia para requererem a punição dos empregados do consulado, e para que não fiquem em abandono os negocios dos mesmos Portuguezes, agora, que aquelles empregados estão moribundos, vai publicar-se um novo periodico sob o titulo — *O Antiarrogante* — que seguirá a mesma tarefa debaixo dos auspicios de todos os homens que desejam o bem de seus concidadãos. — Subscreve-se, vende-se, e recebe-se correspondencias para este periodico na livraria da rua do Collegio n. 9.

Serie de 20 numeros. . .	2$000
Para outras provincias. .	2$500
Numeros avulsos. . . .	120

Publicar-se-ha as segundas e quintas-feiras, e o primeiro numero sahio no dia 27 do corrente julho.

— O abaixo assignado faz publico, que nesta cidade, he o procurador da Sra. D. Maria da Conceição da Silveira Maciel Monteiro, residente em Lisboa, casada com o Sr. João Ozorio de Castro Maciel Monteiro, como consta das procurações em seu poder, passadas na dita cidade de Lisboa em 21 de abril do anno corrente.—*Joaquim Baptista Moreira.*

— Aluga-se um grande armazem com sotão, sito na rua da Praia n. 34: os pretendentes queiram dirigir-se com seus requerimentos assignados pelos fiadores, todos os dias uteis das 9 horas da manhãa a 1 da tarde, no consistorio da veneravel ordem terceira de S. Francisco, ou fallar com o irmão procurador Antonio Pereira Mendes.

—Ha para alugar um moleque fiel proprio para qualquer serviço, sabendo bem cozinhar: quem precisar procure na escadinha da alfandega armazem n. 3.

— Da-se 700$000 rs. a juros com hypotheca em uma casa terrea, que seja em boas ruas desta cidade: quem pretender, dirija-se a rua Nova, loja n. 54, que se dirá' quem da'.

— No dia 29 do corrente desappareceu da casa do abaixo assignado um seu escravo de nome Joaquim, de nação Camundongo, de idade mais ou menos 30 annos, levou camisa e calça azul de algodão, he cheio do corpo: a pessoa que o apprehender, trazendo a dita minha casa, na rua do Pilar n. 135, será bem recompensado.—*João Coelho do Rosario.*

COMPRAS.

— Compram-se patacões brasileiros e hespanhóes: na rua da Cadeia do Recife, loja de cambio n. 24.

— Compra-se uma porção de pés de larangeiras da China, promptos em caixotes para embarque: quem os tiver, querendo vender, falle na praça do Corpo Santo n. 6, escriptorio.

— Compra-se a troco de tijolos de todas as qualidades, um preto ainda mesmo de meia idade, mas sem vicios nem achaques: quem pretender annuncie.

— Compra-se uma escrava de 20 a 26 annos de idade, que saiba coser e engommar; agradando não se olha a preço: quem a tiver podera' levar a rua do Vigario n. 19, segundo andar, no escriptorio de Machado & Pinheiro, para tratar.

— Compra-se patacões brasileiros e hespanhóes, em grandes e pequenas porções: na rua do Trapiche, armazem n. 38, de Miguel Carneiro.

— Compram-se escravos de 10 a 22 annos para se exportar, tendo boas figuras e habilidades paga-se bem: na rua Direita n. 66.

— Compra-se uma escrava preta, ainda moça, bem parecida, sem molestia e vicio algum, e que se venda por alguma outra circumstancia, que saiba coser, engommar, cozinhar, lavar, e sirva para casa e rua: quem a tiver, dirija-se a qualquer hora do dia á rua da Soledade, logo ao sahir para o Manguinho, no sitio dos 4 leões, que achará com quem tratar.

— Compra-se na taberna do pateo do Carmo, quina da rua de Hortas n. 2, vidros de bocca larga e usados.

— Compra-se 8 a 10 milheiros de cachimbos de barro: quem tiver annuncie para ser procurado.

— Compram-se dous paos para tipoia, novos e sem defeito: quem os tiver para vender annuncie para ser procurado.

— Compra-se uma grammatica franceza de Burgain, que esteja em bom estado: quem tiver, dirija-se á rua do Cotovello n. 29, ou annuncie por este *Diario*.

VENDAS.

PUBLICAÇAO' RELIGIOSA.

Sahio á luz o novo Mez de Maria, adoptado pelos reverendissimos padres capuchinhos de N. S. da Penha desta cidade, augmentado com a novena da Senhora da Conceição, e da noticia historica da medalha milagrosa, e de N. S. do Bom Conselho: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da independencia, a 1$000.

NAVALHAS A CONTENTO E TESOURAS.

Na rua da Cadeia do Recife n. 48, primeiro andar, escriptorio de Augusto C. de Abreu, continuam-se a vender a 8$000 o par (preço fixo) as ja bem conhecidas e afamadas navalhas de barba, feitas pelo habil fabricante que foi premiado na exposição de Londres, as quaes além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; vendem-se com a condição de, não agradando, poderem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra restituindo-se o importe. Na mesma casa ha ricas tesourinhas para unhas, feitas pelo mesmo fabricante.

—Vendem-se em casa de S. P. Johnston & C., na rua de Senzalla Nova n. 42.

Linho do Porto superior engarrafado.
Sellins inglezes.
Relogios de ouro patente inglez.
Chicotes de carro.
Farello em saccas de 3 arrobas.
Fornos de farinha.
Candelabros e candieiros bronzeados.
Despenceira de ferro galvanisado.
Ferro galvanisado em folha para forro.
Cobre de forro.

MECHANISMO PARA ENGENHO.
NA FUNDIÇAO' DE FERRO DO ENGENHEIRO DAVID W. BOWMAN, NA RUA DO BRUM, PASSANDO CHAFARIZ,

ha sempre um grande sortimento dos seguintes objectos de mechanismos proprios para engenhos, a saber: moendas e meias moendas da mais moderna construcção; taixas de ferro fundido e batido, de superior qualidade, e de todos os tamanhos; rodas dentadas para agua ou animaes, de todas as proporções; crivos e boccas de fornalha e registros de boeiro, aguilhões, bronzes parafusos e cavilhões, moinhos de mandioca, etc. etc.

A MESMA FUNDIÇAO'

se executam todas as encommendas com a superioridade já conhecida, e com a devida presteza e commodidade em preço.

— Vende-se a casa terrea de pedra e cal edificada modernamente na rua dos Coelhos da Bôa-Vista n. 9, para pagamento do que deve a mesma: quem pretender dirija-se a rua do Rosario larga, padaria n. 48.

MODA DE PARIS.

Na rua Nova n. 52 loja de Boaventura José de Castro Azevedo, vendem-se os melhores chapéos de seda que tem apparecido no mercado proprios para baptisado de meninos por serem de muito moderno gosto, assim como chapelinas para meninas de quatro a dous annos, que se vendem por muito barato preço.

— Vendem-se 2 ornamentos para celebrar missa, os quaes estão em bom estado, assim como 3 uniformes para pagens com seus competentes chapeos de sola invernisados, 1 nunca servio e 2 com pouco uso, e 2 portas novas de amarello: quem pretender, dirija-se á rua da Cruz n. 8, terceiro andar.

NO CONSULTORIO
DO DR. CASANOVA,
RUA DAS CRUZES N. 28,

acha-se á venda um grande sortimento de carteiras de todos os tamanhos, por preços muito em conta.

Ementos de homeopathia, 4 vols.	6$000
½ onça de tintura a escolha	1$000
Tubos avulsos a escolha a	500 e 300

— Vende-se boa carne do sertão a 200 rs. a libra: na rua Augusta n. 1.

Aos 10:000$000 rs.

No aterro da Boa-Vista, casa da Fama n. 48, e na rua da Cadeia, loja de cambio de F. Antonio Vieira, estão expostos á venda as cautelas da loteria do hospital Pedro II, cujas rodas andam impreterivelmente no dia 18 de agosto do corrente anno.

Bilhetes inteiros	10$000
Meios	5$000
Quartos	2$700
Decimos	1$200
Vigesimos	600

— Vende-se uma preta de meia idade, muito sadia, sem vicios nem achaques, a qual sabe cozinhar o diario de uma casa, e ensaboar, por preço commodo: a tratar na rua de Santa Cruz n. 22.

— Vendem-se superiores linguas do Rio Grande, tanto de fumaça como seccas, por muito barato preço: na rua da Praia, armazem n. 76.

— Vende-se um escravo moço, serrador de baixo, o qual se vende por não querer servir na praça: quem o pretender, dirija-se a José Hygino de Miranda.

— Vende-se uma mulatinha de 20 annos, que engomma, cose, cozinha, refina assucar e faz doces, e esta propria para mucama: na rua da Praia n. 43, primeiro andar.

Panno proprio para escravos.

Vende-se o bem conhecido e muito superior panno de algodão da terra: na loja dos quatro cantos da rua do Queimado n. 29.

— Vende-se herva-matte de primeira qualidade, sal do Assú e pedras de amolar, em pequenas e grandes porções, por preço commodo: na rua da Praia n. 37.

CHAPEOS DE SOL A 4$800.

Na rua do Collegio n. 4, vendem-se chapeos de sol de seda pretos e de cores, armação de baléa, cabos finos, os quaes ávista da qualidade ninguem deixará de comprar, e outras muitas qualidades, por preço razoavel.

— Na rua das Cruzes n. 22, vendem-se 3 optimos escravos de bonitas figuras, 1 crioula de 20 annos, engommadeira e cozinheira, cose bem chão e lava de sabão, e 1 dita chegada do matto, propria para todo serviço de rua.

Chapeos e esteiras muito barato a dinheiro.

Vendem-se esteiras em centos a 14$000, chapeos de palha novos, o cento a 12$000, cera amarella, dita de carnauba, courinhos miudos, sola e 2 toalhas de labyrintho com bico, tudo para liquidar contas: na rua da Cruz do Recife n. 33, em casa de Sa Araujo.

— Vende-se um preto de nação, com 25 annos de idade, pouco mais ou menos, cozinha o diario de uma casa e he habil para todo o serviço: quem o pretender, dirija-se em Fóra de Portas, rua do Pilar n. 85, segundo andar; ao comprador se dirá o motivo da venda.

VELAS DE CARNAUBA.

Vendem-se muito superiores velas de cera de carnauba, chegadas recentemente do Aracaty, por menos do que em outra qualquer parte: na rua da Cadeia do Recife n. 34, primeiro andar.

Pianos.

Os amadores da musica acham continuadamente em casa de Brunn Praeger & Companhia, rua da Cruz n. 10, um grande sortimento de pianos fortes e fortes pianos, de differentes modellos, boa construcção e bellas vozes, que vendem por modicos preços; assim como toda a qualidade de instrumentos para musica.

— Vende-se um preto, crioulo, de 30 annos, pouco mais ou menos, sem vicios nem achaques, e muito possante: na rua do Amorim n. 25.

— Para os fumantes que não querem incommodar, nem tão pouco serem incommodados, vendem-se muito bons phosphoros de nova invenção, e com a propriedade de em qualquer parte acender, pois tem composição metalica; cheguem freguezes, que com 80 rs. evita-se de incommodar e ser incommodado: no Bazar Pernambucano, na rua Nova n. 33.

— Vende-se a posse de um grande terreno no Caldeireiro, que faz frente para a casa do fallecido Francisco Jacintho, com 1,010 palmos de frente, porque vem desde a estrada do Monteiro até quasi ao rio, a estremar com a travessa do Dr. Alcanforado, terreno muito bom, que esta grande cheia não o alagou, do lado da sombra e muito fresco, proprio e bom para se edificar bons predios de campo; vende-se todo por junto ou dividido em 4 porções de 250 palmos de frente com todo o fundo que tem, a dividir pelos fundos com o sitio que foi do Sampaio: quem o quizer procure ao major Antonio da Silva Gusmão, em sua casa na rua Imperial, todos os dias uteis até as 9 horas da manhãa, e nos domingos todo o dia, ou todos os dias das 9 horas em diante, no seu armazem da illuminação, rua ou becco do Carioca.

— Chapeos de sol muito grandes, com cabos de canna e baléas, muito fortes, de seda de todas as cores e qualidades, lisos e lavrados, proprios para a chuva, por preço muito commodo; na rua do Collegio n. 4.

— Na rua dos Martyrios n. 14, se dirá quem vende 1 rica cadeia de relogio, 2 pares de brincos, um liso e outro lavrado, 2 enfeites para cinteiro, 1 bonito annelão com um grande diamante, 1 medalha cravada de diamantes, 2 resplandores, um pequeno e outro maior, 1 volta de cordão fino, tudo de ouro de lei e sem feitio.

— Vendem-se peneiras de arame: na padaria da rua larga do Rosario n. 48.

— Vendem-se meias de linho para homem, pelo barato preço de 3$200 a duzia, luvas de torçal a 560, toalhas de linho a 8$000 a duzia, bonitos caixos e grinaldas de flores, franjas de retroz para mantelletes: na rua larga do Rosario n. 48.

— Vende-se 1 escravo, crioulo, de 28 annos de idade, bonita figura, proprio para armazem de assucar ou outro qualquer serviço; afiança-se o não ser bebado nem fujão: na rua da Senzala Nova n. 30.

— Vendem-se 2 molecotes de 20 annos, de bonitas figuras e sem vicios, um dos quaes he mestre refinador, e ambos tem muita pratica de armazem de assucar: na rua dos Quarteis n. 24.

— Vende-se um cabriolet novo com todos os seus pertences: na rua do Aragão n. 6.

— Na rua do Trapiche Novo n. 16, vende-se:

PAPEL PARA IMPRIMIR, formato grande e pequeno.
PAPEL ALMAÇO azul e branco, chamado Marfim Superior, em resmas de 500 folhas, e outras qualidades mais baratas.
PAPEL DE PESO muito superior, proprio para escriptorio, e outras qualidades mais em conta.
PAPEL DE CORES, em formato grande.
UMA PEQUENA porção de lonas boas.
TAPETES de superior qualidade recentemente chegados.
ALVAIADE DE ZINCO, acompanhado do competente seccante, muito recommendavel pela grande superioridade de tinta que produz.
PREGOS DE FERRO em bom sortimento.

FAZENDAS BARATAS.
Rua Nova n. 16, de José Luiz Pereira & Filho.

Vendem-se chitas finas a 140 e 160 rs. o covado.
Cassas francezas de bonitos desenhos a 400 rs. a vara.
Cambraias abertas côr de rosa e azul a 2$500 rs. o corte.
Vestidos de cambraia com barra azul a cor de rosa a 2$500.
Ditos de 1 a 3 babados a 4$000.
Ditos de seda escoceza de 2 e 4 babados a 12$ e 15$000 rs.
Cambraias de seda a 10$000 rs. o corte.
Lãas escocezas padrões novos, a 800 rs. o covado.
Romeiras de filó e cambraia bordada a 2$500 rs.
Capotinhos e camisas de dita, 5$000 rs.
Ditos de seda preta e de cores, 12$000 rs.
Chapéos de seda para senhora, a 12$000 e 14$000 rs.
Ditos para meninas e meninos de 2$500 a 7$000 rs.
Chales grandes de cambraia, a 1$400 rs.
Ditos de lãa e seda a 2$000 e 2$400 rs.
Lenços de seda muito grandes a 2$000 rs.
Dão-se amostras de tudo com penhores.

BARATO SIM, FIADO NÃO.
Para liquidação a 400 rs. o covado!!!

Vendem-se as mais proprias fazendas modernas para vestidos de senhora e meninas, intitulada orleans, de seda furta-cores, com mescla, pelo diminuto preço de 400 rs. cada covado: na rua do Queimado loja n. 17, ao pé da botica, de Faria & Lopes.

NO CONSULTORIO HOMEOPATHICO DO
DR. P. A. LOBO MOSCOSO.

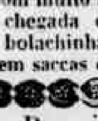
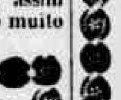
Vendem-se as seguintes obras de homeopathia em francez:

Manual do Dr. Jahr, 4 volumes	16$000
Rapou, historia da homeopathia, 2 volumes	16$000
Harthman, tratado completo das molestias dos meninos, 1 volume	10$000
A. Teste, materia medica hom.	8$000
De Fayole, doutrina medica hom.	7$000
Clinica de Staoueli	6$000
Carting, verdade da homeopathia	4$000
Jahr, tratado completo das molestias nervosas	6$000
Diccionario de Nysten	10$000

DEPOSITO DE POTASSA E CAL DE LISBOA.

Na rua de Apollo, armazem de Leal Reis, continúa a ter as legitimas qualidades de potassa da Russia e da America, e cal virgem em pedra, tudo por preço a satisfazer aos seus antigos e novos freguezes.

— Vende-se chocolate francez de superior qualidade: na rua da Cruz n. 26, primeiro andar.

Vendem-se chapeos do Chyle finos, ditos de feltro para senhora e homem, brancos, roxos, castanhos e pretos, ditos de palhinha franceza do melhor gosto que he possivel, ditos francezes de formas modernas: na praça da Independencia, loja n. 19 e 21.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, vende-se cera tanto em grume, como em vellas, em caixas, com muito bom sortimento e de superior qualidade, chegada de Lisboa na barca *Gratidão*, assim como bolachinhas em latas de 8 libras, e farello muito novo em saccas de mais de 3 arrobas.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do condi de Mareuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a champagne, vende-se a 36$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B. As caixas são marcadas a fogo — Conde de Mareuil — e os rotulos das garrafas são azues.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

Cobertores escuros muito grandes e encorpados, ditos brancos com pello, muito grandes, imitando os de lãa, a 1$400: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

— São chegadas as já bem conhecidas velas de carnauba da fabrica do Sr. Manoel Dias, do Aracaty, por preço commodo: na rua da Cadeia do Recife loja de miudezas n. 7, de Antonio Lopes Pereira de Mello & C. Na mesma loja existe um completo sortimento de caixas com chapéos de feltro da bem conhecida fabrica de José de Carvalho Pinto & C. do Rio de Janeiro; assim como chapéos do Chile muito finos, tudo por preço commodo.

— Vendem-se superiores velas de cera de carnauba de 9 em libra em caixas de 30 e tantas libras, assim como de umas miudas em centos; sapatões de lustre, ditos de couro de bezerro e bode, muito bem feitos, com orelhas; ditos de 3 solas para soldados, e botins de boa qualidade; tudo por preço muito commodo: na rua da Cruz n. 15, segundo andar.

— Cera em velas, sortidas, e em caixas de 100 e de 50 libras; vende-se por preço barato para fecho de contas: trata-se na rua do Vigario n. 19, segundo andar, escriptorio de Machado & Pinheiro.

-- Vendem-se 2 casas terreas, no aterro dos Afogados, onde actualmente se acha parte da fabrica de sabão, tem grandes terrenos que botam os fundos para o rio Capibaribe, e rendem annualmente 300$; quem as pretender, entenda-se com o proprietario na praça do Corpo Santo n. 6, escriptorio.

— Vende-se uma cama de amarello envernisada, em muito bom estado: quem a quizer comprar, dirija-se as Cinco Pontas, taberna n. 71.

— Vende-se boa carne do sertão a 200 rs. a libra: na rua Augusta, n. 1.

A BOA PITADA.

Rapé de Lisboa do mais fresco que tem vindo a este mercado em botes de libra: vende-se na rua do Queimado n. 9, loja de Antonio Luiz de Oliveira Azevedo.

—Vende-se uma parda moça, que engomma com perfeição, cose, cozinha, corta vestidos e camisas, veste bem uma senhora e he de boa conducta: na rua dos Quarteis n. 24.

CHARUTOS DA BAHIA.

Acha-se expostos ao balcão da loja de Boaventura José de Castro Azevedo, na rua Nova n. 52, uma grande porção de charutos da Bahia, que para se acabar com elles está-se vendendo pelo diminuto preço de 640 a caixa, e ainda existe uma pequena porção dos de S. Felix, que foram annunciados, pelo preço de 1$000, e a boa qualidade já está sabida pela maior parte dos seus amantes.

Saccas, com milho.

Na rua do Vigario n. 33, vendem-se saccas com milho, por preço commodo.

Quem deixara' de comprar fazendas por menos do seu valor,

como sejam > córtes de casemiras lisas de cores com mescla a 4$000, córtes de colletes de gorgurão de linho e de seda de novos padrões a 1$600, merinó preto setim muito fino a 2$000, brins trançados de linho de cores modernas, fingindo casemiras, a 800 rs. a vara, ditos pardos de puro linho muito fino a 640 a vara, chita franceza de quadros a 200 rs. o covado, e outras fazendas por baixo preço: na rua do Queimado, loja n. 17, ao pé da botica.

LOJA DO BARATO,
Rua do Crespo n. 14, lado do norte, de Dias e Lemos.

Chitas acabocoladas com novos desenhos e pannos muito encorpados, cores fixas, a 160 o covado, ditas de padrões miudinhos a 180, ditas de cores com padrões fingindo cassa a 200 rs., riscadinhos de quadros miudos, cores fixas, a 160 o covado, ditos francezes com 4 palmos de largura, fazenda muito fina, a 240 o covado, córtes de cassa chita com ramagens de cores a 1$800, alpacas pretas a 400 rs. o covado, ditas finas com lustre a 700 rs., ditas lavradas a 800 rs., sarja de lãa da primeira qualidade por ser encorpada a 560 o covado, sargelim lavrado para forro a 180 o covado, riscadinho de linho de listras miudinhas a 200 rs. o covado, algodão mesclado e de listras, muito encorpado, proprio para serviço de campo, a 180 o covado, rufão, fazenda de algodão mesclado, de varias cores, propria para calças e palitós, a 200 rs. o covado, córtes de meia casemira de quadros e listras a 1$500, ditos de brim de quadrinhos a 1$200, cobertores brancos de algodão da fabrica da Bahia a 560, e grandes a 640 cada um; finalmente nesta loja ha um rico sortimento de tudo, e por isso aproveite quem quizer comprar barato, dando-se amostras de tudo quanto se annuncia, deixando seus competentes penhores.

— Com pequeno toque de copim, vende-se panno fino verde côr de garrafa, de superior qualidade, e prova de limão, a 3$500 o covado: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

Velas de carnaúba do Aracaty,

Vendem-se na rua da Cruz armazem de couros e sola n. 15, excellentes velas de 6, 8 e 9 em libra, em caixas de 30 a 50 libras cada uma, e por commodo preço.

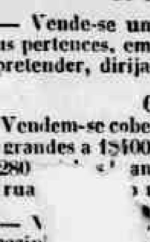
Aos fabricantes de velas.

No armazem de Domingos Rodrigues Andrade & Companhia, rua da Cruz n. 15, vende-se muito superior cera de carnaúba do Aracaty e Assú, em porção e a retalho; e além de se pesar na occasião da entrega se descontará uma libra de tara em cada sacco, como he costume.

Relogios inglezes de patente.

Vendem-se a preço commodo, em casa de Barroca & Castro, na rua da Cadeia do Recife n. 4.

PARA A FESTA.
Sellins inglezes para homem e senhora



Vendem-se sellins inglezes de patente, com todos os pertences, da melhor qualidade que tem vindo a este mercado, lisos e de burranne, por preço muito commodo: em casa de Adamson Howie & Companhia, rua do Trapiche n. 42.

— Vende-se uma balança romana com todos os seus pertences, em bom uso e de 2,000 libras; quem a pretender, dirija-se á rua da Cruz, armazem n. 4.

COBERTORES.

Vendem-se cobertores de tapete a 800 rs., ditos muito grandes a 1$400, ditos brancos com barra de côr a 1$280 [illegible] ancas com salpicos a 1$000: na loja da rua [illegible] n. 6.

— V[illegible] escrava, crioula, que engomma [illegible] cozinha [illegible] que engomma pouco e vende na [illegible] de meia idade, de muito boa conducta, [illegible] por preço razoavel; na rua Direita n. 66.

SANDS.
SALSA PARRILHA.

Vicente José de Brito, unico agente em Pernambuco de B. J. D. Sands, chimico americano, faz publico que tem chegado a esta praça uma grande porção de frascos de salsa parrilha de Sands, que são verdadeiramente falsificados, e preparados no Rio de Janeiro, pelo que se devem acautelar os consumidores de tão precioso talisman, de cahir neste engano, tomando as funestas consequencias que sempre costumam trazer os medicamentos falsificados e elaborados pela mão daquelles, que antepoem seus interesses aos males e estragos da humanidade. Portanto pede, para que o publico se possa livrar desta fraude e distingua a verdadeira salsa parrilha de Sands da falsificada e recentemente aqui chegada; o annunciante faz ver que a verdadeira se vende unicamente em sua botica, na rua da Conceição do Recife n. 61; e, além do receituario que acompanha cada frasco, tem embaixo da primeira pagina seu nome impresso, e se achará sua firma em manuscripto sobre o involtorio impresso do mesmo frascos.

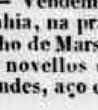
— Vende-se um cabriolet com sua competente coberta e arreios, tudo quasi novo; assim como 2 cavallos do mesmo já ensinados e mansos: para ver, na cocheira do Pedro ao pé do arsenal de marinha, e para tratar, na rua do Trapiche Novo n. 14, primeiro andar.

DEPOSITO DE PANNO DE ALGODA'O DA FABRICA DE TODOS OS SANTOS NA BAHIA.

Vende-se o superior panno de algodão desta fabrica, proprio para saccos e roupa de escravos: no escriptorio de Novaes & Companhia, rua do Trapiche n. 34, primeiro andar.

POTASSA BRASILEIRA.

Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenho os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.



Vendem-se relogios de ouro e prata, mai barato de que em qualquer outra parte na praça da Independencia n. 18 e 20.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia.

Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodão trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

— Vendem-se em casa de Mc. Calmont & Companhia, na praça do Corpo Santo n. 11, o seguinte: vinho de Marseille em caixas de 3 a 6 duzias, linhas em novellos e carreteis, breu em barricas muito grandes, aço de milão sortido, ferro inglez.

AGENCIA
Da Fundiçao' Low-Moor. Rua da Senzala nova n. 42.

Neste estabelecimento continúa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

Agencia de Edwin Maw.

Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmont & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasa como fundas, moendas inteiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor, com força de 4 cavallos, cócos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cesco vens para navios, ferro da Suecia, e folhas de flandres; tudo por barato preço.

Cassas francezas a 320 o covado.

Na rua do Crespo, loja da esquina que vira para a Cadeia, vendem-se cassas francezas de muito bom gosto, a 320 o covado.

— Vendem-se 10 escravos, sendo 4 molecotes de idade de 15 a 18 annos, 2 escravas de todo serviço, 4 ditos de serviço de campo, de bonitas figuras: na rua Direita n. 3.

Carro e cabriolet.

Vende-se um carro de 4 rodas com 4 assentos, e um cabriolet, ambos em pouco uso, e cavallos para ambos: na rua Nova, cocheira de Adolphe Bourgeois.

— Vendem-se os mais ricos pianos com excellentes vozes e por preços commodos: na rua do Trapiche n. 5 em casa de J. C. Rabe.

Cemento Romano

vende-se na rua da Cruz armazem n. 13.

— Vende-se um braço de balança de ferro grande do autor Romão, com conchas e correntes de ferro, proprio para qualquer armazem de assucar, 2 embonos de cedro, 2 canoas de carreira novas: os pretendentes, dirijam-se a Antonio Leal de Barros, na rua do Vigario n. 17.

AOS SENHORES DE ENGENHO.

O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz, n. 4.

LFNÇOS DE CAMBRAIA DE LINHO A 4$500 A DUZIA.

Na rua de Crespo n. 5, esquina que volta para a rua do Collegio, vendem-se lenços de cambraia de linho finos em caixinhas com lindas estampas, pelo barato preço de 4$500 rs. a duzia, para acabar uma pequena porção que ainda resta.

— Jacaranda' de muito boa nbalidade: vendem Antonio de Almeida Gomes & Companhia, rua do Trapiche Novo n. 16, segundo andar.

— Cola da Bahia, de qualidade escolhida, e por preço commodo: a tratar na rua do Trapiche n. 16, segundo andar, com Antonio de Almeida Gomes & Companhia.

— Louça vidrada, recebida ha pouco da Bahia, com bom sortimento: vende-se na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

— Genebra verdadeira de Hollanda, em frasqueiras, chegada este mez, sendo alguma da mais superior que se faz naquelle reino; vende-se na rua do Trapiche n. 16, segundo andar.

— Vende-se fumo em folha, de varias qualidades, escolhidas e boas: a tratar com Antonio de Almeida Gomes & Companhia, na rua do Trapiche n. 16.

— Vende-se superior potassa nacional, em barriquinhas, por preço muito commodo: a tratar no armazem n. 14 de Candido Alberto Sodré da Motta, na rua do Azeite de Peixe, ou na rua do Trapiche n. 54, com Novaes & Companhia.

— Vende-se um excellente carrinho de 4 rodas, mui bem construido, e em bom estado; está exposto na rua do Aragão, casa do Sr. Nesme n. 6, onde podem os pretendentes examina-lo, e tratar do ajuste com o mesmo senhor ácima, ou na rua da Cruz no Recife n. 27, armazem.

VELAS DE CERA DE CARNAUBA.

Vendem-se velas de cera de carnauba, em caixas pequenas e grandes, de muito boa qualidade, feitas no Aracaty: na rua da Cadeia do Recife n. 49, primeiro andar.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem para vender-se chapeos de castor brancopor commodo preço.

— Vendem-se pregos americanos, em barris, proprios para barricas de assucar, e alvaiade de zinco, superior qualidade, por preços commodos: na rua do Trapiche Novo n. 16.

Taixas para engenhos.

Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

— Vende-se peixe secco de varias qualidades e muito bom: na rua da Cruz n. 15, segundo andar; assim como botins de couro pelo diminuto preço de 2$500 o par.

— Vendem-se cobertores de algodão grandes a 640, e pequenos a 560: na rua do Crespo n. 12.

QUEIJOS E PRESUNTOS.

Na rua da Cruz do Recife no armazem n. 62, de Antonio Francisco Martins, se vende os mais superiores queijos londrinos, presuntos para fiambre, ultimamente chegados na barca ingleza *Valparaiso*.

Na rua da Cadeia do Recife n. 60, armazem de Henrique Gibson:

vendem-se relogios de ouro de sabonete, de patente inglezes, da melhor qualidade e fabricados em Loudres, por preço commodo.

—Na rua do Vigario n. 19 primeiro andar, tem venda a superior flanella para forro de sellins chegada recentemente da America.

Moinhos de vento

com bombas de repuxo para regar hortas e baixas de capim, na fundição de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

Padaria.

Vende-se uma padaria muito afreguezada: a tratar com Tasso & Irmãos.

Devoto Christão.

Sahio a luz a 2.ª edição do livrinho denominado—Devoto Christão, mais correcto e acrescentado: vende-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia a 640 rs. cada exemplar.

Redes acolchoadas,

brancas e de cores de um só panno, muito grandes e de bom gosto: vendem-se na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a cadeia.

CAL E POTASSA.

Vende-se superior cal de Lisboa e potassa da Russia, chegada recentemente: na praça do Corpo Santo, trapiche do Barbosa n. 11.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Desappareceu no dia 23 do corrente, o preto marinheiro de nome Luiz, pertencente a tripolação do brigue *Santa Barbara Vencedor*, o qual representa ter 30 annos de idade, côr fula, baixo, nariz chato, tem algumas marcas de bexigas, e pouca barba, o qual he natural das Alagoas; roga-se por tanto a todas as autoridades policiaes e capitães de campo a sua apprehenção, e leva-lo a rua da Cadeia do Recife n. 3, escriptorio de Amorim Irmãos que será generosamente recompensado.

50$000 de gratificação.

Desappareceu em março do corrente anno, da casa de Francisco Pedro da Silva, residente em Maroim, provincia de Sergipe, um negro por nome Pedro, de nação Angola, alto, magro, sem signaes no rosto, falla com algum embaraço, e he alem disso meio fula; pede-se portanto as autoridades policiaes, como a qualquer outra pessoa, que apprehendendo-o, queiram leva-lo á rua do Trapiche n. 17, onde se gratificará com 50$000.

— Desappareceu no dia 11 de janeiro a preta Maria, de nação Congo, baixa, cheia do corpo, peitos pequenos, uma marca no rosto do lado direito, uma lettra E ou F no peito esquerdo, uma marca no braço direito, a junto do pé esquerdo virada para dentro, os dentes abertos na frente, idade pouco mais ou menos 30 annos: quem a pegar leve-a á rua do Caldeireiro n. 86, que terá 50$000 rs. de gratificação.

— Ausentou-se da casa do Sr. Sebastião Antonio do Rego Barros, em agosto de 1851, em occasião que se achava morando no aterro da Boa-Vista, o seu escravo, pardo, de nome Vicente, de altura regular, que representa ter 30 annos de idade, pouca barba, bons dentes, olhos na flor do rosto, corpo e pernas bem feitas, tendo nos cotovellos dos braços dous lobinhos; suppõe-se estar acoutado em uma casa nesta cidade, e seu senhor protesta desde já por perdas, damnos, dias de serviço, etc. etc.; assim como gratifica a quem o apprehender.

— Desappareceu no dia 15 de janeiro do corrente anno o escravo José Caçange, de idade 40 annos, pouco mais ou menos, com falta de dentes na frente, testiculos crescidos, e cicatrizes nas nadegas; gratifica-se generosamente a quem o levar ao aterro da Boa-Vista n. 47, segundo andar.

Pern.— Ty de M. F. de Faria.—1854.

MUTILADO